



BALADA RUSSA



Wladimir
Kaminer

Wladimir Kaminer

Balada russa

Tradução: Claudia Abeling

GLOBALIVROS

Copyright © 2000 by Wladimir Kaminer

Copyright da tradução © 2013 by Editora Globo S. A. para a presente edição

Publicado originalmente na Alemanha em 2000.

Título original: *Russendisko*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — por qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Editor responsável: Carla Fortino

Editor assistente: Sarah Czapski Simoni

Edição digital: Erick Santos Cardoso

Revisão: Ana Maria Barbosa e Carmen T. S. Costa

Capa: Marcelo Martinez / Laboratório Secreto

Foto da capa: Getty Images / Photo Researchers R

1ª edição, 2005

2ª edição, 2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K23b

2. ed.

Kaminer, Wladimir

Balada russa / Wladimir Kaminer ; tradução Claudia Abeling. - 2. ed. - São Paulo : Globo, 2013.

Tradução de: Russendisko

ISBN 978-85-250-5538-5

1. Conto alemão. I. Abeling, Claudia, 1965-. II. Título.

13-03137 CDD: 833

CDU: 821.112.2-3

18/07/2013 18/07/2013

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil

adquiridos por Editora Globo S.A.

Av. Jaguaré, 1485 — 05346-902 — São Paulo — SP

www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)
[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Russos em Berlim](#)
[Presentes da Alemanha Oriental](#)
[Conselho de pai](#)
[O meu primeiro apartamento](#)
[Meu pai](#)
[Minha mãe em trânsito](#)
[Doce pátria longínqua](#)
[Minha mulher sozinha em casa](#)
[Meu primeiro francês](#)
[O dia a dia de uma obra de arte](#)
[Fora do jardim do amor](#)
[O casamento do sargento](#)
[Baú de relacionamentos Berlim](#)
[A noiva russa](#)
[Só o amor irriga o mundo](#)
[A menina e as bruxas](#)
[Suleyman e Salieri](#)
[Telessexo russo](#)
[Povos e modos de jogar](#)
[Os mosquitos estão em outro lugar](#)
[Pule da janela](#)
[Um dia perdido](#)
[A mulher que dá vida a todos](#)
[Disfarces comerciais](#)
[O gato turco](#)
[O bordel da máfia russa](#)
[Weimar nunca mais](#)
[Nozes de todo o mundo e cogumelos alemães da Saxônia](#)
[O professor-doutor](#)
[Meu pequeno amigo](#)
[A mulher-bétula](#)
[Vida dupla em Berlim](#)
[Estação Lichtenberg](#)
[Stalingrado](#)
[Como certa vez fui ator](#)
[Nas trincheiras de Stalingrado](#)
[Politicamente correto](#)
[A balada russa](#)
[A festa de primavera das mulheres](#)

[O Columbo de Prenzlauer Berg](#)

[Guia de Berlim](#)

[Os novos trabalhos](#)

[O doutor da rádio](#)

[Retratos de Berlim](#)

[A condessa escritora](#)

[A menina com o rato na cabeça](#)

[Russos monótonos em Berlim](#)

[Aula de alemão](#)

[O teste de língua](#)

[Por que eu não entrei com um pedido de naturalização até agora](#)

[Notas](#)

No verão de 1990, espalhou-se um boato em Moscou: Honecker está acolhendo judeus da União Soviética como uma espécie de compensação pelo fato de a Alemanha Oriental nunca ter participado dos pagamentos da reparação de guerra para Israel. De acordo com a propaganda oficial alemã-oriental, todos os antigos nazistas moravam na Alemanha Ocidental. Essa notícia tinha sido divulgada pelos muitos comerciantes que faziam a rota Moscou-Berlim Ocidental toda semana. A novidade espalhou-se rapidamente, todos sabiam, menos Honecker talvez. Normalmente, a maioria das pessoas na União Soviética tentava renegar seus antepassados judeus; só com um passaporte limpo era possível pensar numa carreira. Isso não se devia ao antissemitismo, mas simplesmente ao fato de que qualquer cargo com certa responsabilidade estava ligado a uma participação no Partido Comunista. E os judeus não eram bem-vistos no partido. O povo soviético como um todo marchava no mesmo ritmo dos soldados da praça Vermelha — de uma vitória dos trabalhadores a outra, ninguém podia desertar. Só no caso de ser judeu. Nesse caso, falando de maneira puramente teórica, era possível emigrar para Israel. Se um judeu tomasse esse passo, estava — quase — tudo bem. Mas quando um membro do partido entrava com um pedido de emigração, os outros comunistas de sua seção ficavam bem zonzos.

Meu pai, por exemplo, candidatou-se quatro vezes ao partido, e em nenhuma foi aceito. Ele foi por dez anos vice-gerente do departamento de planejamento de uma pequena empresa e sonhava um dia tornar-se gerente. Dessa forma, ele ganharia 35 rublos a mais. Mas o diretor imaginava um gerente de departamento de planejamento sem partido apenas nos seus pesadelos. Além do mais, o gerente tinha de prestar contas do seu trabalho mensalmente na reunião do partido no comitê regional. Como ele iria participar disso — sem a carteirinha de membro?

Ano após ano, meu pai tentava ingressar no partido. Ele tomava litros e litros de vodca com os ativistas, suava em bicas com eles na sauna, tudo em vão. A cada ano sua proposta esbarrava no mesmo problema: “Nós gostamos de você, Viktor, você será para sempre um amigão”, diziam os ativistas. “Nós adorariamos que você ingressasse no partido. Mas você bem sabe que, sendo judeu, pode se mandar a qualquer hora para Israel.” “Mas nunca vou fazer isso”, retrucava meu pai. “Claro que você não vai se mandar, todos sabemos, mas na teoria isso seria possível, não seria? Imagine nossa cara de bobo.” Dessa forma, meu pai ficou candidato para sempre.

Os novos tempos chegaram: o passe livre para o novo mundo, o convite para um recomeço só exigia ser judeu. Os judeus, que no passado davam dinheiro à milícia para que tirassem a palavra “judeu” do passaporte, começaram a pagar pelo contrário. De repente, todas as empresas queriam ter um diretor judeu, só ele conseguiria fazer negócios no mundo todo. Muitas pessoas de diversas nacionalidades queriam se tornar judias de uma hora para outra e emigrar para os Estados Unidos, Canadá ou Áustria. A Alemanha Oriental chegou um pouco mais tarde e se tornou uma espécie de dica secreta.

Soube dela por intermédio do tio de um amigo, que vendia fotocopiadoras importadas de Berlim Ocidental. Certo dia o visitamos em sua casa, que já estava vazia por causa da eminência da viagem de toda a família para Los Angeles. Apenas uma grande e cara televisão com um videocassete embutido

estava no chão no meio da sala. O tio estava deitado num colchão e assistia a filmes pornôs. “Honecker está aceitando judeus em Berlim Oriental. Para mim é tarde demais para mudar de direção, já enviei todos os meus milhões para os Estados Unidos”, ele nos disse. “Mas vocês são jovens, não possuem nada, a Alemanha é o lugar certo pra vocês, lá está cheio desses vagabundos. Eles têm um sistema social estável. Alguns moços a mais não vão chamar muita atenção.”

Foi uma decisão espontânea. Além disso, a emigração para a Alemanha era muito mais fácil do que para os Estados Unidos: o bilhete custava apenas 96 rublos, e para Berlim Oriental não era preciso visto. Meu amigo Mischa e eu chegamos no verão de 1990, na estação de trem Lichtenberg. A entrada aconteceu de forma bem democrática. Por causa da certidão de nascimento, onde constava, preto no branco, que nossos pais eram judeus, recebemos um certificado num escritório especialmente montado para esse fim em Marienfelde, na Alemanha Ocidental. Eles registravam que éramos reconhecidos na Alemanha como cidadãos de origem judaica. Com esses papéis fomos até o presídio policial alemão oriental da Alexanderplatz e recebemos um documento de identidade alemão-oriental. Em Marienfelde e no presídio policial Berlin Mitte conhecemos muitos outros russos na mesma situação. A *avant-garde* da quinta onda de emigrantes.

A primeira onda saiu do Exército Branco durante a revolução e a guerra civil; a segunda onda emigrou entre 1941 e 1945; a terceira foi composta de dissidentes destituídos de seus direitos civis a partir dos anos 1960; e a quarta começou com os judeus que partiram por Viena nos 1970. Os judeus russos da quinta onda, no começo dos anos 1990, não se distinguiam do restante da população por sua crença ou por sua aparência. Eles poderiam ser cristãos, muçulmanos ou até ateus; loiros, ruivos ou morenos; de nariz arrebitado ou aquilino. O único diferencial, de acordo com o passaporte, era o fato de serem judeus. Bastava que alguém na família fosse judeu, meio-judeu ou um quarto, para ser possível prová-lo em Marienfelde.

E, como em todo jogo de azar, aqui também se blefava muito. As primeiras levadas reuniram todo tipo de gente: um cirurgião da Ucrânia com a mulher e três filhas, um empresário do ramo de funerais de Vilna, um velho professor que tinha calculado a estrutura externa metálica dos Sputniks russos e que contava isso para todos, um cantor de ópera de voz engraçada, um ex-policial e muitos jovens, “estudantes” como nós.

Fomos instalados num grande abrigo para estrangeiros em três blocos pré-fabricados em Marzahn que antigamente serviram a Stasi, a ex-polícia política da Alemanha Oriental, como um tipo de centro de lazer. Por ora, podíamos nos recuperar até a próxima novidade. Os primeiros sempre ficavam com o melhor. Depois que a Alemanha tinha se reunificado definitivamente, os judeus que chegavam iam sendo distribuídos de maneira homogênea por todos os estados. Entre a Floresta Negra e a Floresta da Turíngia, Rostock e Mannheim. Cada estado tinha suas próprias regras para esse ingresso.

No nosso aconchegante abrigo de Marzahn, escutávamos as histórias mais disparatadas. Em Colônia, por exemplo, o rabino da sinagoga local ficou responsável por aplicar provas para saber o quão judeus eram os novos judeus. Sem um boletim assinado por ele nada ia para a frente. O rabino perguntou a uma senhora o que se comia durante a Páscoa. “Pepinos”, respondeu a senhora, “pepinos e bolo de Páscoa.” “De onde a senhora tirou os pepinos?”, o rabino se exaltou. “Ah, sim, agora eu sei o que o senhor quer dizer”, a senhora falou radiante, “nós judeus comemos matze na Páscoa.” “Vá lá, pensando

bem os judeus comem matze durante o ano todo, e também na Páscoa. Mas a senhora sabe o que é matze exatamente?”, perguntou o rabino. “É claro”, a mulher se alegrou, “são aquelas bolachas feitas de acordo com uma receita antiga, com o sangue de criancinhas.” O rabino desmaiou. Às vezes alguns homens se autocircuncidavam apenas e somente para evitar tais perguntas.

Nós, como os primeiros em Berlim, não tínhamos necessidade de nada disso. Apenas uma pica em nosso abrigo estava angustiada, a de Mischa. A comunidade judaica de Berlim tinha descoberto o nosso acampamento em Marzahn e nos convidava para jantar todo sábado. Os emigrantes mais jovens eram os que mais recebiam atenção. Afastados do mundo exterior e sem conhecimento da língua, vivíamos bem isolados naquela época. Os judeus da comunidade eram os únicos que se interessavam por nós. Mischa, meu novo amigo Ilia e eu íamos semanalmente lá. Na grande mesa posta, sempre havia algumas garrafas de vodca separadas para nós. A comida não era farta, embora sempre caseira e preparada com carinho.

O chefe da comunidade gostava de nós. Vez ou outra nos dava cem marcos. Ele fazia questão que o visitássemos em casa. Não aceitei o dinheiro naquela época, porque eu tinha consciência de que não se tratava só de amizade pura e simplesmente, embora ele e os outros membros da comunidade fossem muito simpáticos. Tratava-se de uma comunidade religiosa, que estava atrás de novos membros. Nesse tipo de relação, em algum momento surge a contrapartida. Aos sábados eu ficava no abrigo, assava castanhas no fogão e jogava cartas com os aposentados. Meus dois amigos, entretanto, sempre iam à comunidade e ficavam felizes com os presentes. Fizeram amizade com o chefe e almoçaram várias vezes em sua casa. Certo dia ele disse aos dois: “Vocês mostraram ser bons judeus, agora vocês precisam ser circuncidados e tudo ficará perfeito”. “Estou fora”, retrucou Ilia e foi embora. Mischa, mais pensativo, ficou. Com a consciência pesada por causa do dinheiro que tinha aceitado e da amizade com o cabeça da comunidade, ele tinha de expiar os pecados de todos — no hospital judeu de Berlim. Depois nos contou que nem tinha doído e que parecia até que sua macheza aumentara. Durante duas semanas ele teve de usar um curativo, do qual saía uma mangueira.

No final da terceira semana a metade dos homens do nosso abrigo reuniu-se no banheiro. Estavam explodindo de curiosidade. Mischa apresentou-nos sua pica — que estava lisa como uma salsicha. Orgulhoso, Mischa nos explicou o andamento da operação: o prepúcio tinha sido afastado com laser, totalmente indolor. Mas a maioria dos presentes estava decepcionada com a pica dele. A expectativa deles era maior, e aconselharam Mischa a deixar essa coisa de judeu de lado, o que acabou acontecendo mais tarde. Alguns moradores do nosso abrigo pensaram que isso não ia acabar bem e voltaram para a Rússia.

Naquela época, ninguém conseguia entender por que exatamente os alemães garantiam a nossa subsistência. No caso dos vietnamitas, por exemplo, cujo abrigo também ficava em Marzahn, não longe do nosso, estava tudo claro: eles estavam lá para trabalhar e vinham do Oriente, mas e os russos? Talvez os primeiros judeus no presídio policial da Alexanderplatz tivessem sido vítimas de um engano, que os funcionários não queriam admitir, e por isso mantiveram sua conduta de maneira exemplar? Como aconteceu durante a queda do Muro? Como todos os sonhos, porém, esse também terminou logo. Depois de seis meses não se permitia mais nenhum ingresso no país por aquela porta. Era preciso fazer uma solicitação em Moscou e esperar por alguns anos. Em seguida, estabeleceram-se cotas. Ao mesmo tempo, decretou-se que os judeus que tivessem entrado até 31 de dezembro de 1991 seriam reconhecidos

como refugiados e deveriam beneficiar-se de todos os direitos dos cidadãos, exceto o direito de voto.

A quinta onda foi composta por esses judeus e pelos alemães da Rússia, embora os alemães da Rússia sejam uma história à parte. Todos os outros agrupamentos — as esposas ou os maridos russos, os cientistas russos, as prostitutas russas e os bolsistas — não somavam juntos nem 1% dos meus compatriotas que vivem aqui.

Quantos russos há na Alemanha? O chefe do maior jornal russo da Alemanha fala em 3 milhões. E 140 mil apenas em Berlim. Mas ele nunca está realmente sóbrio, daí eu não acreditar nele. Ele também disse 3 milhões faz três anos. Ou teriam sido 4 milhões? Mas o certo é que os russos estão em todo lugar. Nesse sentido, preciso dar razão ao velho redator, há uma porção de nós, principalmente em Berlim. Vejo russos o dia inteiro: na rua, no metrô, no barzinho, em todo lugar. Uma das caixas do supermercado em que faço compras é russa. No cabeleireiro também tem uma. A vendedora da floricultura também é. O advogado Grossmann, embora nesse caso seja difícil de acreditar, veio da União Soviética, assim como eu, há dez anos.

Ontem, no bonde, dois garotos conversavam bem alto em russo, pensando que ninguém os entendia. “Eu consigo com uma espingarda de 200 mm. Ele está sempre rodeado de muita gente.” “Então você deveria usar uma de 500.” “Mas eu nunca trabalhei com uma de 500.” “Bem, amanhã ligo para o chefe e peço um folheto de instruções para a de 500. Só que não sei como ele vai reagir. É melhor você tentar com a de 200. A gente pode testar mais uma vez.” A gente pode.

Meus pais e eu vivemos durante muito tempo atrás da Cortina de Ferro. A única ligação com o Ocidente era o programa de televisão *Das Internationale Panorama* [O panorama internacional], apresentado todos os domingos no primeiro canal, logo depois da *Stunde der Landwirtschaft* [Hora da agricultura]. O apresentador, um cientista político obeso e sempre um tanto estressado, já estava engajado havia anos numa missão importante: explicar aos meus pais e a milhões de outros pais o resto do mundo. Semana após semana ele se esforçava em mostrar na tela as incoerências do capitalismo em toda a sua extensão. Mas o homem era tão gordo que mal se via o Ocidente por trás dele.

“Ali, embaixo dessa ponte, os desempregados famintos dormem em caixas de papelão, enquanto lá em cima da ponte, como vocês podem ver, os ricos viajam em carrões para suas casas de campo!”, noticiava o gordo, por exemplo, no programa *Nova York: uma cidade de contrastes*. Nossos olhos acompanhavam fixamente a tela da tv. Lá em cima dava para ver um pedaço da ponte e alguns carros que a atravessavam. Essas regiões estrangeiras misteriosas não eram especialmente bonitas, com certeza nosso homem tinha passado alguns apertos por lá. Apesar de toda a miséria do mundo ocidental, por algum motivo, entretanto, o cientista político não queria desistir do seu trabalho e, ano após ano, continuava viajando até lá. Quando estava visitando países pobres, elogiava os valores da coletividade e da solidariedade. “Ali, atrás de minhas costas”, dizia o gordo, por exemplo, na África, “os macacos atacam os homens, e os macacos são invencíveis porque são unidos.”

Nossa família possuía ainda uma fonte semilegal de onde recebíamos informações sobre a vida no estrangeiro: o tio Andrei do terceiro andar. Ele era um figurão do sindicato de uma empresa secreta e podia viajar sem maiores incômodos para reuniões de trabalho na Polônia e até na Alemanha Oriental. De vez em quando o tio Andrei e sua mulher vinham visitar meus pais, sempre com uma garrafa de boa aguardente de cereais estrangeira. Eles se entrincheiravam na cozinha, e o vizinho contava como o estrangeiro era de verdade. Evidentemente as crianças não podiam participar. Eu era bem amigo de Igor, filho de tio Andrei. Estudávamos na mesma classe. Ele usava uma porção de coisas estrangeiras: jeans El Pico, tênis marrons e até camiseta regata, que não existia entre nós. Embora Igor fosse o garoto mais bem-vestido da classe, não se gabava disso nem era mesquinho. Ele sempre me dava uma coisinha toda vez que eu o visitava. Logo eu tinha juntado uma coleção, que chamei de “presentes da Alemanha Oriental”. Ela era composta de alguns descansos de cerveja, cuja utilidade e cujo sentido me escapavam totalmente, um pacote de ursinhos de goma, uma caixa vazia de cigarros Orient, um vídeo, um chiclé Lolek e Bolek e um adesivo com desconhecidas figuras de quadrinhos. Quando crescesse, Igor queria se tornar um funcionário do sindicato, como o pai.

Certa vez, meu pai ajudou o tio Andrei no conserto do seu Volga. Em retribuição, ganhou uma garrafa aberta de Curação Blue. O líquido azul teve forte influência na visão de mundo do meu pai na época. Não que ele o tivesse tomado. Mas na luz azul da garrafa, que permaneceu por um tempão na nossa estante de livros, ele ficava cada vez mais desconfiado do cientista político que apresentava o *Internationale Panorama*. Mesmo o cientista político foi mudando, tornou-se mais pensativo e sentia

cada vez mais dificuldade para achar as palavras ao definir o estrangeiro. Em 1986, sob Gorbatchev, ele subitamente desapareceu da tela. Ficou para sempre em algum país de contrastes. Logo em seguida a Cortina de Ferro caiu, tudo mudou, o Curaçao Blue tornou-se lentamente cinza, e a verdadeira face do mundo começou a surgir.

Todas as novas ideias e antigas sabedorias são consideradas patrimônio nacional na Rússia e passadas de geração a geração.

A ideia da minha mudança veio de meu pai. Estávamos em 1999, e a Era Gorbatchev ia caminhando lentamente para seu fim, embora ele ainda não soubesse disso. Mas meu pai, sim. Num dia ensolarado, ele disse durante uma cervejinha: “A grande liberdade voltou ao nosso país. Sua chegada está sendo festejada, canta-se muito e bebe-se muito mais. Mas a liberdade é apenas uma convidada aqui. Ela não vai conseguir permanecer por muito tempo na Rússia. Filho, aproveite a oportunidade. Não fique sentado por aqui tomando cerveja. A maior liberdade é a possibilidade de dar o fora. Apresse-se, pois quando a liberdade tiver sumido novamente você terá todo o tempo do mundo para gritar: ‘Oh, instante, espere mais um pouco, você está tão bonito agora’”.

Meu amigo Mischa e eu fomos então para Berlim. A namorada de Mischa foi de avião para Roterdã, o irmão dele para Miami e Gorbatchev para São Francisco. Ele conhecia alguém nos Estados Unidos. Para nós, Berlim era o mais fácil. Não precisávamos de visto nem de passaporte, pois a cidade ainda não fazia parte da Alemanha Ocidental. O bilhete de trem custava apenas 96 rublos, o destino não era longe. Para arranjar o dinheiro da passagem, vendi meu walkman e as fitas do Screamin’ J. Hawkins. Mischa vendeu sua coleção de discos.

Eu não tinha muita bagagem: um terno bonito, azul, herdado de um pianista, umas caixas de cigarros russos e algumas fotos da época do serviço militar. No mercado de Moscou, arbatei com o resto do dinheiro mais alguns suvenires: uma bonequinha matrioska, deitada num caixão e de rosto pálido — achei divertido —, e mais uma garrafa de vodca chamada Saúde.

Mischa e eu nos encontramos na estação, ele também tinha pouca coisa. Naquela época, ainda não havia muitos russos em trânsito como sacoleiros, e meio trem era composto por românticos como nós, vivendo uma aventura. Os dois dias da viagem passaram voando. A vodca com o rótulo Saúde foi esvaziada, os cigarros fumados e a matrioska sumiu sob circunstâncias misteriosas. Ao desembarcarmos na estação de Lichtenberg, precisamos de algumas horas para nos orientar nos arredores. Eu estava de ressaca; meu terno azul, amassado e manchado. O colete de couro de Mischa, que ele tinha ganho no trem de um polonês num jogo de cartas, também necessitava urgente de uma limpeza. Nosso plano era simples: conhecer gente, fazer contatos, achar um teto em Berlim. Os primeiros berlinenses que conhecemos foram ciganos e vietnamitas. Rapidamente nos tornamos amigos.

Os vietnamitas levaram Mischa para Marzahn, onde viviam num abrigo. Lá, no meio da selva de Marzahn, o criaram, como aconteceu no passado com o Tarzan no filme. As primeiras palavras que ele aprendeu aqui foram em vietnamês. Agora, ele está estudando multimídia na Universidade Humboldt e sempre fica magoado quando o chamo de Tarzan.

Naquela época, segui com os ciganos e acabei parando em Biesdorf, onde eles viviam num antigo quartel do Exército alemão-oriental que tinha se transformado num abrigo da Cruz Vermelha de ambas as Alemanhas. Precisei deixar minha identidade russa na entrada. Em troca, recebi uma cama e comida numa

quentinha de alumínio com a inscrição *Guten Appetite*, bom apetite.

Os ciganos sentiam-se muito confortáveis atrás da cerca de arame farpado. Logo depois do almoço, partiam todos para a cidade para resolver suas coisas. À noite, voltavam com um saco cheio de dinheiro e muitas vezes também com um carro. Eles nunca contavam quanto havia no saco, mas deixavam tudo no bar que frequentavam em Biesdorf. Dessa forma, podiam beber durante toda a noite. Depois, os mais fortes entravam num carro velho e trombavam-no contra uma árvore no grande pátio atrás do quartel. Esse era o ponto alto de sua diversão noturna. Duas semanas mais tarde, a vida cigana já tinha me bastado. Decidi-me por uma vida burguesa e me mudei para Prenzlauer Berg, onde encontrei um apartamento minúsculo, vago, com banheiro no corredor na Lychener Strasse, que eu logo ocupei. Mais tarde me casei e aluguei um apartamento grande na Schönhauser Allee, minha mulher teve dois filhos, aprendi uma profissão decente e comecei a escrever.

Desde sempre eu sonhava com um apartamento meu. Foi somente quando a Alemanha Oriental se dissolveu, entretanto, que meu sonho se transformou em realidade. Depois que meu amigo Mischa e eu fomos reconhecidos, no verão de 1990, como uma minoria de nacionalidade judaica exilada da União Soviética, acabamos parando, por caminhos tortuosos, no imenso abrigo de estrangeiros que ficava em Marzahn. Aqui foram alojados primeiramente centenas de vietnamitas, africanos e judeus da Rússia. Nós dois e mais um colega de Murmanks, Andrei, batalhamos um apartamento de um quarto no térreo.

A vida no abrigo vibrava: os vietnamitas discutiam em vietnamês suas chances futuras, pois naquela época eles ainda não sabiam nada sobre o contrabando de cigarros. Os africanos passavam o dia cozinhando cuscuz, à noite cantavam músicas folclóricas russas. Eles tinham um conhecimento da língua surpreendente, muitos haviam estudado em Moscou. Os judeus russos descobriram a embalagem de seis cervejas por 4,99 marcos, trocavam os seus carros entre si e preparavam-se para um longo inverno em Marzahn. Muitos reclamavam para os vigias que seus vizinhos eram judeus falsos, que comiam porco e faziam cooper em volta dos quarteirões no sábado. Eles tentavam, dessa forma, se livrar dos vizinhos e aproveitar o apartamento ofertado pela Stasi sozinhos. Reinava uma guerra de posições de verdade. Aqueles que haviam chegado tarde demais tinham as maiores dificuldades: precisavam dividir seus apartamentos com até outras quatro famílias.

Nós três não estávamos especialmente satisfeitos com a vida no abrigo e fomos à procura de uma alternativa. Naquela época, Prenzlauer Berg era a dica secreta para todos que procuravam apartamento; lá, a magia do momento da reunificação ainda não tinha passado. Os nativos se mandavam em hordas para o Ocidente, seus apartamentos estavam vazios, embora com todo tipo de coisa dentro. Ao mesmo tempo chegava uma verdadeira horda contrária do Ocidente: punks, estrangeiros e fiéis da Church of Holy Mother [Igreja da Mãe de Deus], sujeitos esquisitos e aproveitadores em geral. Eles ocupavam os melhores apartamentos, jogavam os trenzinhos de ferro deixados para trás no lixo, arrancavam o papel de parede e ainda quebravam as paredes. A administração de moradias da comuna não tinha mais controle. Nós três andávamos de uma casa para outra e olhávamos pelas janelas. Andrei tornou-se o feliz proprietário de um apartamento de dois quartos na Stargarder Strasse, com banheiro e boxe. Mischa encontrou na Greifenhagener Strasse um apartamento desocupado, embora sem banheiro nem ducha, mas em compensação com um aparelho de som rft e caixas de som grandes, o que era bem mais compatível com os interesses dele. Eu me mudei para a Lychener Strasse. O senhor Palast, cujo nome constava de uma plaquinha na porta, deve ter tido muita pressa. Ele tinha deixado quase tudo para trás: roupas de cama limpas, um termômetro na janela, uma geladeira pequena e até pasta de dentes sobre a mesa da cozinha. Um pouco tarde demais, gostaria de agradecer por tudo ao senhor Palast. Sou especialmente grato pelo aquecedor construído por ele mesmo, verdadeiro milagre da tecnologia.

Dois meses mais tarde a história da ocupação de Prenzlauer Berg chegou ao seu final. A administração de moradias despertou de seu torpor e declarou todos os que moravam nas casas seus reais locadores. Eles deveriam assinar contratos de locação decentes. Pela primeira vez participei de uma fila

de duzentas cabeças, formada principalmente por punks, freaks, nativos hipócritas e estrangeiros malucos. De acordo com o contrato, eu precisava pagar 18,50 marcos pelo meu apartamento. Foi assim que meu sonho se tornou realidade: um lugar só meu para morar — de 25 metros quadrados.

Quando minha mãe e eu deixamos Moscou, em 1990, meu pai ficou aliviado. Era como matar dois coelhos com uma só cajadada. Primeiro, ele estava orgulhoso de ter levado a família até um exílio seguro nesses tempos difíceis. Isso estava ligado a um tipo de abnegação, e não foi nem um pouco fácil. Nem todos conseguiam. Segundo, ele tinha conseguido sossego depois de trinta anos de casamento, e podia fazer e deixar de fazer o que bem entendesse. Quando a empresa onde trabalhava como engenheiro afundou, como quase todas as pequenas empresas no jovem capitalismo pós-soviético, meu pai logo achou uma saída. Ele percorreu a cidade e descobriu duas tabacarias com preços muito diferentes para as mesmas mercadorias. Dessa forma, na parte da manhã ele fazia compras numa loja e vendia as coisas à tarde para a outra. Isso o garantiu por algum tempo.

Ele reagia a todas as novidades trazidas pela economia de mercado como uma criança, sem se espantar nem reclamar muito. À medida que a criminalidade crescia, pregava tábuas nas janelas. O corredor transformou-se num arsenal de armas: lá estavam à disposição barras de ferro, facas, machado e um balde para o sangue inimigo. Os mantimentos eram estocados na banheira. A cozinha foi transformada num local de observação. Ele destruiu a maior parte dos móveis pequenos para conseguir madeira no caso de uma crise de energia. Independente das notícias da tv, as confusões da Perestroika não tiravam meu pai do sério. Mas, com o passar do tempo, sua própria fortaleza tinha se transformado numa prisão. Cansado, em 1993 ele decidiu também se mudar para Berlim. Motivo: *Familienzusammenführung*, ou reagrupamento familiar, como está dito pela longa palavra em seu passaporte.

Aqui entrou em depressão, porque depois de uma luta longa e difícil ele não tinha mais o que fazer — talvez a pior coisa que possa acontecer a alguém com 68 anos. Apenas saborear os doces frutos do capitalismo desenvolvido o revoltava. Meu pai ansiava por novas tarefas, por responsabilidade e luta pela vida ou morte.

Quem procura acha. Foi assim que meu pai teve a ideia de tirar a carteira de motorista. Isso o ocupou primeiro por dois anos. Trocou de autoescola três vezes. Seu primeiro instrutor pulou do carro no meio do trânsito, xingando em três línguas. Seu segundo instrutor recusou-se por escrito a sentar-se no mesmo carro que ele. “Ao dirigir, o senhor Kaminer permanece o tempo todo olhando para os pés”, ele escreveu ao seu supervisor na autoescola. Mentira, claro. Certo era que meu pai nunca olhava para a rua durante o trajeto, mas para baixo. Ele não estava olhando para os pés, mas para os pedais, para não pisar no errado.

O terceiro instrutor era um sujeito corajoso. Depois que ambos tinham passado muitas horas juntos no carro e visto a morte de perto, tornaram-se irmãos. Esse instrutor conseguiu fazer com que meu pai desistisse para sempre da carteira de motorista.

Seguiu-se novamente uma longa fase de depressão, até que ele descobriu um grupo teatral da terceira idade em Berlim chamado Die Knallschoten. Juntou-se imediatamente ao grupo. Na nova peça, *Sem motivo para ficar imóvel* — uma sátira aos problemas atuais de nosso tempo, “alegre, mas mordaz” —, meu pai fazia o papel do estrangeiro. Eu nunca perdia uma apresentação e sempre levava flores para

ele.

Minha mãe passou os primeiros sessenta anos de sua vida na União Soviética. Nem uma única vez ela cruzou os limites de sua pátria, embora sua melhor amiga tenha se casado em 1982 com um alemão estabelecido em Moscou, mudando-se com ele para a cidade Karl-Marx, para onde convidou muitas vezes minha mãe. O secretário do partido do Instituto para a Construção de Máquinas, no qual ela trabalhava, precisava emitir uma autorização para uma viagem dessas, o que nunca fez. “Uma viagem ao exterior é uma ação honrosa e de responsabilidade”, dizia a cada vez para minha mãe. “E a senhora não se destacou no campo do trabalho político-social, senhora Kaminer. Dessa forma, chegou-se à conclusão de que a senhora ainda não está apta para uma viagem assim.”

Minha mãe só ficou apta para a viagem com a dissolução da União Soviética, ao emigrar em 1991 para a Alemanha. Rapidamente ela descobriu uma das grandes liberdades da democracia, o direito de ir e vir. Agora, podia ir a qualquer lugar. Mas para quão longe queremos viajar e quão grande o mundo pode ser? Essas perguntas respondiam-se quase automaticamente quando minha mãe se familiarizou com as ofertas da Roland-Reisen, uma empresa de viagens de ônibus de Berlim. É claro que um ônibus não vai para os Estados Unidos, a Austrália ou a Índia. Mas anda bastante. Temos a sensação de estar numa viagem longa e, ao mesmo tempo, de alguma maneira, próximos de casa. Isso é prático, barato e entretém. Embora as viagens da Roland muitas vezes fossem canceladas por falta de passageiros, minha mãe conseguiu fazer duas dúzias de viagens de ônibus, chegando a muitos lugares. Da Espanha, no sul, até a Dinamarca, no norte. Ela fotografou a Pequena Sereia, em Copenhague, que estava novamente decapitada. Em Viena, a guia da viagem contou para minha mãe que lá as salsichas de Viena se chamavam salsichas de Frankfurt, e mais, que o único café decente por lá era defronte da prefeitura e que Stapo era abreviação de polícia. Em Paris, o motorista do ônibus não encontrou lugar para estacionar e eles tiveram de ficar o dia inteiro rodando em volta da torre Eiffel. No Wolfgangsee minha mãe comprou bolinhas de Mozart legítimas, os bombons mais redondos do mundo, que desde então sempre ganho de Natal. Em Praga, eles escaparam por um fio de bater num ônibus de uma outra empresa de turismo sobre a Karlsbrücke. Em Amsterdã, a rainha estava justamente festejando seu aniversário e muitos cidadãos negros dançavam de alegria na rua quando o ônibus da Roland chegou com minha mãe. Em Verona, ela visitou o memorial da Julieta de Shakespeare, cujo peito esquerdo tinha ficado pequeno e brilhante por causa de tantas mãos de turistas. Minha mãe não pôde ir a Londres, porque a Inglaterra não pertence aos Estados incluídos pelo Acordo de Schengen, os primeiros que suprimiram os controles de fronteiras, e ela só descobriu em Calais que precisaria de um visto especial para o país. Então ficou por ali, fotografando casas, o dia todo, em Calais. No dia seguinte o ônibus já estava a caminho de casa, trazendo minha mãe junto — de volta a Berlim.

Ela nem se importou com o fato de não ter chegado nem perto do Big Ben nem da Tower Bridge. Nesse meio-tempo, ela já se tornara uma viajante de ônibus experimentada, para a qual o destino não é tão importante quanto o caminho.

Olga, minha mulher, nasceu na ilha Sakhalina, na cidade de Ocha. Distante mil quilômetros de Tóquio, 10 mil quilômetros de Moscou, 12 mil de Berlim. Na sua cidade natal havia três escolas de ensino fundamental, de números 5, 4 e 2. Faltava a número 3, e em Ocha corria o boato de que a escola fora varrida em direção ao mar havia trinta anos por uma tempestade de neve, porque tinha um andar a mais. Nas proximidades das três escolas estavam as instituições de punição e recuperação da cidade: ao lado da escola 5, o prédio da Justiça; ao lado da escola 4, o manicômio; e ao lado da escola 2, a prisão. Essa vizinhança tinha um grande efeito educativo e facilitava o adestramento da juventude por parte dos pedagogos de Ocha. Bastava um movimento da mão, um olhar pela janela, e a juventude já sabia o que estava à sua espera, caso não fizesse seus deveres de casa.

Para a alegria das crianças, as aulas eram suspensas sempre que uma tempestade de neve assolava a ilha ou a temperatura caía a menos de 35 °C negativos. Daí, todos ficavam em casa esperando pelas férias de outono. É que havia apenas duas estações em Sakhalina, o longo inverno e, em seguida, a partir do final de julho, quando a última neve derretesse, o outono. Com ele chegavam muitos navios, que traziam coisas saborosas, como cascas secas de melancia para os jardins de infância, a fim de que as crianças tivessem algo para morder. Da China vinham abacaxis secos, bananas secas, figos congelados e as tempestades de areia chinesas. Do Japão vinham os jeans nipônicos “Big-John”, sempre pequenos demais. Apesar disso, os habitantes de Sakhalina faziam fila para comprá-los. Todos xingavam os japoneses e pensavam como eles podiam sobreviver com pernas tão curtas e um traseiro tão gordo. Mas todas as famílias tinham uma máquina de costura em casa e ajustavam o seu “Big-John”.

As opções de lazer na ilha eram relativamente monótonas. No inverno, minha mulher sentava-se com outras crianças no único cinema da cidade, chamado Operários do Petróleo, e assistia a velhos filmes alemães e russos: *Drei Männer im Schnee* [Três homens na neve], *Verloren im Eis* [Perdidos no gelo] e *Drei Freunde auf hoher See* [Três amigos em alto-mar], por exemplo. As crianças eram a primeira geração de nativos da ilha, fora os nivkhis, os antigos habitantes, que definhavam lentamente numa reserva no lado sul da ilha. Os pais das crianças eram todos geólogos ou petroleiros e tinham vindo de todas as quinze repúblicas soviéticas. No outono as crianças gostavam de nadar. Havia dois lagos na cidade. O lago dos Pioneiros e o dos Membros do Komsomol. Komsomol é a sigla em russo de Juventude Comunista. O lago dos Pioneiros era pequeno, raso e sujo. Em compensação, o lago dos Membros do Komsomol era bem fundo e limpo. Até um pouco fundo demais, por isso frequentemente desapareciam crianças por lá. Todo ano uma se afogava no lago dos Membros do Komsomol. Havia mais um outro lugar para nadar, o chamado lago do Urso, cerca de dois quilômetros depois dos limites da cidade, perto do Cabo da Calamidade. Mas ninguém ousava chegar até lá por causa dos roedores, que tinham sofrido mutação por obra das tempestades chinesas e agora eram perigosos habitantes das águas, um tipo de crocodilo de Sakhalina. Além desses roedores havia outros animais por ali: ursos marrons, raposas e toda sorte de coelhos, que viviam no campo atrás do hospital. As raposas tinham sido exterminadas. A última raposa de Sakhalina foi alvejada em 1905 no Cabo da Calamidade. Ela foi

homenageada com um monumento de concreto, que acabou por cair na água em algum momento durante uma tempestade de neve. O Cabo da Calamidade não se chamava assim por causa das raposas, mas porque lá sempre era o ponto final de fugas de prisioneiros de Kartoga, que tentavam escapar para a terra firme. Ou acabavam debaixo do gelo ou eram baleados por soldados.

Todos os adultos que viviam em Sakhalina recebiam um “adicional de latitude setentrional”, que dobrava seu salário. Além disso, podiam aposentar-se mais cedo. As crianças de Sakhalina não recebiam nem um salário mínimo. Olga, aos doze anos, viu no aeroporto de Chabarovisk pela primeira vez um pardal. “Mamãe, mamãe, veja as moscas gigantes”, ela disse. “São pardais, par-dais, não mos-cas, sua criança boba de Kartoga”, irritou-se um homem, que, a julgar pela sua aparência, tinha acabado de expiar sua pena e esperava pelo próximo avião rumo ao sul. Ele ria, fumava nervosamente e xingava. “Malditos pardais, maldito país, malditas crianças, maldita taiga!”

Aos dezesseis, Olga tinha terminado a escola e pegou um avião até Leningrado, a fim de aprender uma profissão decente por lá. Alguns anos mais tarde emigrou para a Alemanha, que fica incrivelmente longe de sua pátria, mas mesmo assim ela gosta de Berlim...

A minha Olga é uma pessoa corajosa. Depois de ter vivido por um longo tempo em Grosni, a capital da Tchetchênia, ela não tem medo de quase nada. Os pais dela, geólogos, procuraram petróleo e riquezas minerais em Sakhalina durante quinze anos. Foi lá que Olga frequentou a escola. Na oitava série recebeu um prêmio de melhor aluna. Ela foi de helicóptero até a pequena ilha de Iturup fazer um passeio. Logo depois de sua chegada iniciou-se a famosa erupção do vulcão Iturup, no que ela teve uma participação ativa: correr com os pescadores nativos ao redor da ilha e gritar. Na taiga de Sakhalina, Olga foi perseguida várias vezes por ursos e outros animais selvagens. Mesmo criança, já sabia manejar armas de fogo. Ao final de seu tempo de serviço, seus pais compraram uma casinha nos arredores da sua cidade natal, Grosni. Isso foi um pouco antes do início da guerra. Quando o levante tchetcheno irrompeu na cidade, a casinha foi tomada e fechada pelos rebeldes.

Seus pais defenderam sua propriedade e atiraram com suas espingardas de caça de todas as janelas na escura noite caucasiana. Olga precisava abastecer as armas com munição. E mesmo mais tarde ela também lutou várias vezes por sua vida. Agora vive na calma cidade de Berlim faz dez anos, mas sua saudade por grandes feitos ainda não se apagou totalmente.

Eu não estava em casa quando subitamente acabou a luz. A escuridão não atingiu apenas nossa casa, mas todo o bairro de Prenzlauer Berg. Devido a um curto-circuito, o bairro ficou sem energia por uma hora. Era quase uma verdadeira catástrofe da natureza — os cartões magnéticos não saíam mais dos caixas automáticos, sessões de cinema eram interrompidas, semáforos não funcionavam e até os bondes pararam. Minha mulher não sabia nada disso. Quando foi ficando cada vez mais escuro no apartamento, ela decidiu, sem maiores delongas, resolver a pane. Pegou uma vela e foi até a caixa de luz no porão. Na frente da caixa vislumbrou um homenzarrão, que não se movia, deitado no chão. “Deve ser o electricista”, ela pensou de imediato, “ele deve ter causado o curto-circuito porque não atentou para as medidas de segurança e acabou morrendo, ou ficou muito ferido.” Ela subiu as escadas rapidamente, bateu em todas as portas chamando os vizinhos em altos brados para ajudá-la a carregar o electricista para cima. Mas os vizinhos tinham se escondido nos apartamentos escuros e não queriam saber de salvar o electricista morto. Somente os vietnamitas do primeiro andar abriram a porta. Mas eram medrosos demais para acompanhar minha mulher até o porão. Dessa forma, ela decidiu arrastar sozinha o electricista para fora do porão. Ela suspeitava que o corpo dele ainda pudesse estar carregado de energia, por isso pediu luvas de borracha aos vietnamitas. Então desceu, levantou o homem e carregou-o escada acima. O electricista começou a dar sinais de vida em seus braços. Justo quando os dois tinham chegado ao segundo andar, a luz voltou. Iluminado, o electricista semimorto revelou-se um mendigo totalmente bêbado, que tinha achado um cantinho aconchegante no porão. Depois de acordar, ele pediu polidamente alguns trocados à minha mulher, já que ela o estava carregando... Minha mulher ficou meio confusa nas escadas, ainda usando as luvas de borracha, com uma vela na mão e o mendigo na outra. Até os vietnamitas, que sempre são tão reservados, riram bastante. Não é fácil, hoje em dia, realizar grandes atos.

O primeiro francês que conheci em Berlim chamava-se Fabrice Godar. Nós dois e uma garota árabe fomos contratados para trabalhar em um projeto teatral patrocinado pelo governo, ele como operador de câmera, eu como técnico de som e a garota como figurinista. Essas frentes de trabalho eram destinadas às camadas mais baixas da população, que de outra forma mal teriam alguma chance no mercado de trabalho: pessoas idosas ou com deficiência física e estrangeiros.

Eu tinha recebido uma notificação do centro de intermediação de empregos do setor norte da cidade. Por causa de uma entrevista para uma vaga, eu deveria comparecer a um bar de nome Krähe, às dez horas da noite. Fui. Cerca de uma dúzia de homens e mulheres sentavam-se ao longo de uma grande mesa. Um cara barbudo, de cigarro e copo de uísque na mão, era o líder. Mas não era Heiner Müller ou Jochen Berg, nem Thomas Brasch ou Frank Castorf. Esse aqui era parecido com Che Guevara e estava planejando uma revolução teatral. Fui imediatamente admitido por causa do meu sotaque russo. Fabrice também. Nós logo nos tornamos amigos. Ele correspondia exatamente à imagem clichê que eu tinha dos franceses: era leviano, superficial, aberto ao mundo e obcecado por mulheres. Nós cantamos a *Internacional* e Fabrice me contou que ainda era virgem.

Em algum momento, ele decidiu se livrar de uma vez por todas de sua virgindade, com a ajuda desse projeto patrocinado, e tornou-se amante de Sabine. Ela era a mulher de um ator, dez anos mais velho que ele, e os dois tinham um filho crescido. Para ela, era uma aventurezinha; para Fabrice, ao contrário, o primeiro grande amor, com tudo o que é de direito. O relacionamento deles acabou logo depois, de maneira tipicamente francesa. O marido voltou do ensaio para casa mais cedo que o esperado. Sabine escondeu Fabrice no armário. Depois de algumas horas, o marido quis se trocar, abriu o armário e encontrou o operador de câmera francês. Um francês no armário: uma coisa tão boba dessas só pode acontecer numa comédia. Aqui, entretanto, foi um pouco mais triste. O marido de Sabine foi ao teatro e contou para todos que, depois desse incidente, não estava mais em condições de atuar no papel principal de nossa peça de Brecht. E isso a duas semanas da estreia! Em seguida, fomos todos até Sabine para discutir a situação em conjunto. Ela se mostrou bastante compreensiva e riscou Fabrice de sua lista de amantes. O francês teve um colapso total depois disso, não apareceu mais no teatro e estava ficando cada vez mais deprimido. Certo dia, não aguentou mais e foi consultar-se com um psicoterapeuta, a quem contou tudo sobre Sabine e o armário, e que depois daquilo não conseguia mais dormir. O médico perguntou-lhe de imediato sobre quanto tempo ele já estava desempregado. Um tempão, mas isso não tinha nada a ver, Fabrice foi explicando. O médico era de opinião totalmente diversa e receitou-lhe um antidepressivo de ação prolongada: uma descoberta alemã, especial para o tratamento de aposentados jovens e desempregados de longa data, que sofriam de depressão e insônia. “Volte em seis meses, daí nós vamos ver”, o médico o acalmou.

A injeção durou e durou. Fabrice ficou apático, dormia como um bebê, passou o resto do tempo na frente da tv assistindo ao canal de esportes alemão. Ele esquecia de fazer compras e de tomar banho, não telefonava mais nem para o pai na França, o que antes fazia a cada duas semanas. Estávamos muito

preocupados com ele, mas não sabíamos ao certo como ajudá-lo. Certo dia seu pai chegou num Citroën grande e levou-o de volta para a França. Lá, os médicos franceses conseguiram finalmente neutralizar os efeitos da injeção alemã. Fabrice curou-se e agora trabalha, como o pai, nos correios.

Conheci o escultor russo Sergei N. num vernissage na Escola Superior de Artes de Berlim. Era outono. Um homem de 35 anos, calmo, autoconfiante e pé no chão. Nós dois nos alegramos, pois é sempre bom encontrar um compatriota no estrangeiro, ainda por cima um artista. Sergei explicou-me sua obra com os olhos brilhando. Ao mesmo tempo, disse-me que havia anos que só trabalhava com concreto, desprezando materiais mais leves. Sua obra chamava-se *Coração de mãe* e apresentava uma concha de tamanho médio com um ponto no meio, do qual saíam diversos raios. Logo percebi que Sergei tinha o dom. O coração materno funcionava como um ponto de interrogação gigante para toda a humanidade: Por quê? Um coração de concreto, o sofrimento da matéria e a paixão da pedra.

Tomamos chá e conversamos sobre arte. Perguntei a Sergei sobre o significado de sua obra. Ele balançou a cabeça e disse: “É melhor a gente tomar vodca!”.

Mais tarde acabei esquecendo essa concha misteriosa. Nesse meio-tempo chegou o inverno, nevou pela primeira vez. Sergei me ligou, contando o seguinte: ele tinha inscrito sua concha no grande concurso para um monumento ao Holocausto. Ela deveria simbolizar a dor concentrada da humanidade, um grito moldado no concreto. Eu conseguia imaginar com facilidade a concha como um monumento ao Holocausto. Assim, marcamos um encontro, pois essa notícia demandava claramente uma discussão. Nós conversamos sobre arte, tomamos chá e passamos depois para vodca.

Algumas semanas mais tarde, soube de Sergei que a sua obra tinha sido rejeitada com a justificativa de que seria pequena demais para ser o monumento central do Holocausto. Apesar de tudo, ele não perdeu a esperança de encontrar algum dia o lugar certo para sua concha. Depois disso, continuei pensando por algum tempo sobre arte contemporânea, principalmente ao tomar chá, mas acabei de novo me esquecendo da história.

A primavera chegou, os dias ficaram mais quentes. Sergei tinha recebido um convite de Praga. Sua concha deveria ser exposta como um monumento à lembrança do estupro em massa das mulheres tchecas por soldados soviéticos durante a invasão de 1968. Sergei me perguntou se seria mais vantajoso enviar a concha para Praga por caminhão ou por trem. Nós combinamos um chá, ficamos um tempo sentados, conversamos sobre arte e pensamos em viajar juntos até Praga. Mas isso acabou não acontecendo. Duas semanas depois, Sergei recebeu um aviso de desistência: por motivos financeiros, tudo seria repensado. Em casa, fiquei folheando por algum tempo as revistas sobre arte, em seguida parei de novo e me dediquei às coisas do dia a dia.

Finalmente chegou o verão. As folhas enfim voltavam a crescer nas árvores e, nos jardins, a grama. Sergei me pediu ajuda para transportar sua concha até Hamburgo, onde, numa feira erótica, ela deveria representar o desejo não realizado de contatos vaginais. Nós nos divertimos muito em Hamburgo. A obra-prima de Sergei foi rodeada por homens que riscavam o concreto. Uma mulher de meia-idade parou ao ver a escultura, enrubesceu e lançou olhares inseguros ao redor. Depois de alguns dias, voltamos para Berlim. Ambos estávamos de ressaca, e nossos caminhos se distanciaram. Lembrei-me de Hamburgo ainda por um tempo, depois esqueci os acontecimentos de lá.

Chegou o outono, os dias ficaram mais frios, as ruas mais vazias. Eu vagueava sem destino pela cidade, de repente estava na frente de um parquinho. As crianças grudavam num caramujo gigante, que saía da areia. Apesar da tinta fresca reconheci de imediato o *Coração de mãe*. Existem coisas que a gente não esquece. No parquinho, ele estava maravilhoso como caramujo. As crianças também pareciam estar felizes. Sergei podia estar em paz consigo mesmo e com o mundo. Fui para casa com a alma leve, cantarolando baixinho.

No fim dos anos 1980, eu me encontrava frequentemente com outros rapazes no foyer do cinema de filmes clássicos de Moscou. Nós éramos desocupados e todos tínhamos apelidos. O foyer também, que chamávamos de “o Jardim do Amor”. Recebeu esse nome porque sempre estava quente no inverno e era pouco visitado. Nós nos encontrávamos lá quase todos os dias e discutíamos assuntos importantes. O tema mais interessante daquela época não eram as meninas ou as drogas, mas a emigração. Nossos grandes heróis eram aqueles que tinham conseguido atravessar a fronteira. De alguma maneira nos identificávamos com essa gente; afinal, todos nos sentíamos perseguidos, os mais velhos pela polícia, os mais novos pelos pais.

O tema, entretanto, virou mania para meu amigo que chamávamos de Príncipe. Ele colecionava todos os artigos de jornal sobre os fugitivos e os colava cuidadosamente numa pasta. Ele conhecia todos, a esperta família da Alemanha Oriental que tinha costurado um balão de ar quente a partir de muitas capas de chuva e sobrevoado a fronteira, o casal da Estônia que tinha se besuntado com gordura de ganso e nadado cem quilômetros até a Finlândia. Eles ficaram por dois dias na água gelada, mas, em compensação, passariam o resto da vida na ensolarada Finlândia. Príncipe conhecia também a história do pintor Sachanevich, que pulou do navio durante um cruzeiro pelo mar Negro, chegando até a Turquia. Ele sabia do escultor Petrov, que tinha se pintado de bronze e feito se passar por uma estátua a ser enviada a Paris para uma exposição. Petrov passou uma semana inteira numa caixa de madeira, mas nunca alcançou Paris. Numa escala em Amsterdã, um funcionário da alfândega abriu a caixa porque ela estava exalando cheiro de merda. De lá saiu o pintado Petrov, pedindo asilo político como artista perseguido. Vitali, o Príncipe, sonhava com um golpe semelhante e se preparava minuciosamente para tal. Meu outro amigo, Andrei, chamado de o Pessimista, dizia que todas as ideias do Príncipe não serviam para nada e o gozava. “Nós estamos escravizados aqui para sempre, tanto faz a engenhosidade do seu plano, os soviéticos vão te trazer de volta mesmo assim.”

Mas, inesperadamente para todos, Andrei foi o primeiro a se desbancar do “Jardim do Amor” para o vasto mundo. Quando o papa estava em visita à Polônia, os soldados não conseguiam conter os fiéis na fronteira da Rússia branca. Para eles, instaurou-se rapidamente uma lei excepcional: os peregrinos podiam entrar na Polônia em pequenos grupos, sem o carimbo, mas deixando o nome numa lista. Naquela época, o magro Pessimista se parecia com um religioso fanático, de barba e cabelos longos. Ele conseguiu sem problemas juntar-se a um grupo de peregrinos. Mal tinha cruzado a fronteira, desligou-se deles e continuou em direção à Alemanha. Ele se virou até chegar à França e, perto de Paris, ao pedir carona, ficou conhecendo um russo que passou a ajudá-lo. O Pessimista se radicou em Paris e lá trabalhou numa livraria russa. Faz cinco anos que vive de suas pinturas.

Enquanto isso, Príncipe sentava-se quase todo dia na Arbat, a principal rua de turismo, e tentava — de acordo com seu mais novo plano de fuga — conquistar uma senhora estrangeira mais idosa. Elas deveriam ser de preferência da Suécia ou da Finlândia. Na cabeça dele, lá faltavam exatamente homens capazes. Um pouco antes de perder a última esperança, ele conheceu uma moça da Dinamarca, jornalista.

Ela acabou levando-o a Copenhague. Em seguida, recebi um exemplar do jornal *Dagen Nyheter* com seu sorriso desdentado na primeira página. “Este homem perdeu todos os dentes nas ruas de Moscou”, era o título. Numa carta, Príncipe me contou que o Parlamento dinamarquês instalara uma sessão extraordinária por causa dele e que tinha recebido asilo político. Na sequência, ele abriu sua própria empresa.

Nesse meio-tempo, meus dois amigos se europeizaram, ou seja, mudaram muito. Conversamos apenas raramente, e só pela internet.

O casamento do sargento

Meu amigo, ex-sargento do Exército soviético, vive há dez anos ilegalmente na Alemanha. Em 1989, ano tão importante para esse país, ele abandonou seu posto, ainda um jovem sargento, pulou a cerca e escondeu-se na escola de ensino fundamental de Mecklenburg próxima ao seu quartel. Lá conheceu alguns estudantes, explicou-lhes sua desafortunada situação e trocou botas e uniforme por um par de tênis e um abrigo de moletom. Vestido assim, foi indo até Berlim. Sem meias.

Os dez anos seguintes de sua vida transcorreram muito calmamente. Ele encontrou um emprego num bufê e alugou um quatinho numa república de soviéticos. Não fumante e abstêmio convicto, disciplinado por seus muitos anos de serviço no Exército, nunca teve problemas com a polícia nem a polícia com ele. E fez até carreira no bufê: ascendeu de lavador de pratos a gerente. Depois de dez anos de trabalho duro e vida espartana, o sargento conseguiu juntar 20 mil marcos debaixo do colchão. Com esse dinheiro, esperava solucionar seu aparente único problema, a reintegração à sociedade por meio da legalização de sua situação. Mas como? A antiga sabedoria ilegal disse a ele: um casamento de fachada.

Aconselharam-no a publicar um anúncio de casamento. Num primeiro momento, ele não quis abrir suas reais intenções. Deveria ser um anúncio amoroso “tipicamente alemão”. Depois de estudar durante meses o mercado de classificados, a fim de montar um quadro do “estilo alemão” de anunciar, por fim apareceu simultaneamente em vários jornais sua linha: “Ursinho carinhoso procura ursinha carinhosa”.

O resultado foi espantoso. O pobre sargento era mais requisitado do que “Homem mais velho aguarda telefonemas de gatinhas”, que fazia anos era sucesso absoluto no mercado de classificados berlinense. A maior parte das ursinhas carinhosas revelou serem mulheres acima dos quarenta, que traziam nas costas uma carga claramente excessiva de relacionamentos anteriores, frustradas em igual proporção. O sargento, tímido como era, não se sentia à altura da problemática delas e tirava o time de campo constantemente.

Por fim, mudou de tática. No anúncio seguinte, usou a palavra “recompensa”, que, no seu entender, sinalizava as verdadeiras intenções do noivo. Veio um telefonema de Eberswalde. Era possível conseguir uma bielorrussa por 10 mil marcos, dizia a oferta. O sargento foi até Eberswalde, onde toda a população de bielorrussos do Cazaquistão, inclusive criancinhas e vovós, apareceu para a apresentação das noivas. O sargento, extremamente desconfiado e cuidadoso após seus longos anos de ilegalidade, arregou novamente. “As russas são tão românticas”, ele me disse certa noite ao tomarmos vodca, “mesmo quando casam apenas por dinheiro, querem que o noivo esteja perfeito e se arrumam todas para a apresentação das noivas.”

Logo em seguida, o sargento conheceu um trambiqueiro. O persa do Azerbaijão prometeu-lhe arranjar por 15 mil marcos uma noiva de fachada de qualquer tipo e sumir com ela depois de cinco anos. Poderia ser desde alguém recebendo auxílio-pobreza até uma profissional, se necessário.

“A mulher recebe dois terços do dinheiro, um terço fica para mim. Passe lá onde eu fico, vamos falar de homem para homem”, o persa o seduziu. “Meu escritório fica no Hotel do Fórum. Deixe tudo comigo, eu também sou casado com uma alemã, ela é até advogada, nós trabalhamos juntos.”

Achei essa história totalmente maluca, e também o sargento, que mudou de ideia ao adentrar o grande salão do Hotel do Fórum portando o dinheiro. Deu meia-volta. Nesse ínterim, todos em sua república eram da opinião de que ele nunca iria se casar. Ele é simplesmente tímido demais, muito difícil de contentar e, além disso, muito pensativo. Atualmente, parte para uma nova tentativa: toda noite passa numa discoteca da Sophienstrasse. Ele não dança, fica só parado no bar e observa atentamente o público. Como ele quer conseguir algo desse jeito, não diz.

Diz-se, com frequência, que Berlim é a capital dos solteiros. Os moradores riem da afirmação. Só mesmo um jornalista superficial que confia mais em uma estatística qualquer do que em seus próprios olhos pode afirmar uma coisa dessas. As estatísticas mentem, sempre mentiram. Acostumaram-se a mentir. Berlim não é uma cidade de solteiros, mas uma cidade de relacionamentos. Mais especificamente, toda a cidade é um baú de relacionamentos, que acolhe qualquer recém-chegado. Aqui, todos vivem com todos. No inverno, o baú fica invisível e reaparece na primavera. Quando fazemos o esforço de acompanhar, em retrospectiva, todos os relacionamentos de uma pessoa sozinha, logo vamos perceber que essa pessoa está ao menos indiretamente ligada a toda a cidade.

Vamos pegar, por exemplo, nossa amiga Marina, embora qualquer amigo ou amiga também fosse um bom exemplo, mas mesmo assim vamos ficar com a Marina, porque toda noite ela está na nossa cozinha contando detalhes de sua vida pessoal. Dessa forma, também estamos envolvidos indiretamente com suas histórias. Depois que seu marido a deixou no ano passado por causa de uma primeira bailarina, cujo marido tinha se apaixonado subitamente, num festival, pela filha de seu melhor amigo, a qual tinha 23 anos e estava na maior depressão, porque seu namorado havia se enrabichado com uma bela egípcia, que tinha trabalhado na agência de viagens tui e também se chamava Tui... Mas voltemos à Marina. Seu marido tinha então partido e, dessa forma, a existência dela estava em perigo de alguma maneira. Marina estudava a geodésia de satélites fazia cerca de dez anos na universidade. Ela estudava e estudava e já tinha ficado tão afiada que de qualquer barzinho conseguia calcular a gravidade dos planetas Marte ou Vênus. É que a gravidade é diferente em cada lugar. Mas ela ainda não tinha escrito seu trabalho final de graduação. Agora, Marina precisava com urgência de um trabalho. Ela alinhavou rapidamente seu ensaio sobre um alegre casalzinho de satélites gêmeos que giram juntos ao redor da Terra e mandou três dúzias de currículos.

Logo depois uma empresa de construção à procura de um engenheiro se manifestou. Marina foi a uma entrevista e não voltou para casa. Sua filha de catorze anos ficou muito preocupada e nos ligou à meia-noite. Marina só voltou no dia seguinte — com um emprego novo e um homem novo. A entrevista tinha acontecido numa garagem, ela nos contou depois. O jovem empresário da construção tinha flagrado fazia pouco a mulher com outro e em seguida, frustrado, tinha se mudado com todas as suas coisas para a garagem, que lhe servia ao mesmo tempo como escritório. Ou seja, ele tinha acabado de passar por uma fase difícil e procurava alguém que o ajudasse a se recompor novamente. Foi amor à primeira vista. Depois de uma breve entrevista, Marina foi admitida por ele de imediato, e eles foram jantar juntos. O jovem empresário contou a Marina seu sonho secreto: uma casa à beira do mar Negro, com varanda e vista para o próprio iate. “Você quer se sentar na minha varanda?”, o homem perguntou muito sério a Marina. Ele estava firmemente decidido e não queria saber de coisas pela metade. “Sim, talvez”, disse Marina, “se minha filha puder estar junto nisso.” “Seus filhos sempre terão lugar na minha varanda”, o apaixonado empresário garantiu para Marina.

No dia seguinte, ele saiu da garagem e entrou na casa de Marina. No começo, tudo parecia perfeito.

Marina conheceu os pais dele e também a ex-mulher, que lhe arrancou um tufo de cabelos no primeiro encontro. Mas no decorrer do tempo a varanda foi ficando cada vez mais apertada. Marina não conseguia aguentar um relacionamento em período integral por mais de duas semanas. O homem voltou para a garagem. Todos os dias ela levava algo para ele comer. Certa vez ela acabou conhecendo um simpático policial, depois que um estranho lhe roubou um guarda-chuva de dentro do carro. O policial apaixonou-se no ato por Marina e convidou-a para jantar. Ele ligava a cada quinze minutos para ela, mas acabou não aparecendo no encontro. Talvez o homem tenha sido assassinado a tiros no trabalho, Marina pensou. Nesse meio-tempo, a filha dela teve seu primeiro namorado na escola, um garoto esperto. Ele simplesmente a presenteou com um celular, com o qual a bombardeava com torpedos picantes, e Marina ficou muito preocupada com isso. Ela não parava de insistir com a filha para que tomasse cuidado. Ninguém sabe ao certo o que essa nova tecnologia pode fazer.

Algo que o novo namorado de Marina, um engenheiro da computação indiano, confirma totalmente.

Nos últimos dez anos que passei em Berlim, conheci muitos casais alemães-russos e posso garantir: se realmente existir um meio universal pelo qual um homem consegue acabar com todos os seus problemas de uma só vez, esse meio é uma noiva russa. A vida lhe parece monótona? Você está desempregado? Tem problemas de autoestima ou espinhas? Arranje uma noiva russa e logo nem você vai se reconhecer. Primeiro, amar uma russa é romântico, pois é preciso superar muitos obstáculos para arrebatá-la. Por exemplo, é preciso entregar a declaração do imposto de renda no Departamento de Imigração, para provar que tem condições de sustentar uma noiva russa. Senão, a mulher não recebe o visto de permanência. Um conhecido meu, que parecia não ganhar o suficiente no seu emprego para poder se casar com sua amada russa, escreveu dúzias de cartas ao chanceler Schröder e, além disso, bombardeou o Ministério das Relações Exteriores com queixas. Foi uma luta árdua. Mas valeu a pena: agora o homem tem uma noiva e, além disso, um aumento no salário.

Conheço ainda outros alemães que, depois de um longo período de desemprego e depressão, conseguiram rapidamente um emprego e até fizeram uma carreira de sucesso, apenas porque tinham se apaixonado por uma russa. Eles também não tinham outra escolha, pois as noivas russas são muito, muito exigentes, para não dizer caras. Elas não querem apenas estar arrumadas, elas também exigem que o marido vista os últimos lançamentos da moda, de maneira que ele precisa estar sempre comprando coisas novas. “Isso é realmente necessário?”, os homens ainda perguntam no começo, mas depois acabam se rendendo. É que tudo precisa estar de acordo. Para o casamento, a noiva russa quer um vestido branco, uma igreja, um cartório e, por fim, um bom restaurante, de preferência com muitos convidados. Em seguida, ela quer se dedicar totalmente à vida em família, mas, ao mesmo tempo, estudar algo bonito. Por exemplo, canto numa escola particular. Isso é muito popular entre as noivas russas. Só em Berlim conheço três mulheres que frequentam uma escola de música, e isso é bem caro!

A noiva russa encoraja um homem, dá um novo sentido à sua vida, protege-o de inimigos, se tiver alguns, e sempre está do seu lado, mesmo se ele se meteu numa encrenca. Mas no relacionamento cotidiano com ela todo cuidado é pouco. Ela precisa de zelos especiais e é sensível.

Não dá para aplacar um conflito com ela apenas com um buquê de flores. É preciso mais. Se chegar a uma discussão de verdade, é melhor sair correndo rapidamente. A noiva russa, enraivecida, se parece com um tigre. Resumindo, é muito importante conhecer bem as diretrizes legais para a existência de uma noiva russa na Alemanha. A redação russa da emissora sfb 4, Radio Multikulti [Rádio Multicultural], dedica-se com frequência a esse tema, entre outros, no seu programa *Ratschläge eines Juristen* [Conselhos de um advogado].

“Casei faz pouco tempo com um alemão e fui morar com ele”, escreve, por exemplo, uma russa da cidade de Celle, “e agora recebi do governo um visto de permanência de três anos. Se acontecer alguma coisa com meu marido, se ele, por exemplo, morrer num acidente de carro, vou perder meu visto ou não?” “Prezada senhora de Celle”, responde o advogado, “nesse caso seu visto não lhe será confiscado, mas seria melhor se seu marido vivesse por mais alguns anos.”

Pediram-me para ajudar o executivo do Tränenpalast [Palácio das Lágrimas] numa questão amorosa russa. Ele tinha se apaixonado por uma compatriota minha num bordel e queria tirá-la de lá. Mas ela não falava nem entendia alemão. Quando nos encontramos, a mulher, Diana, me contou que na realidade ela amava outro alemão. E eu teria de conhecê-lo de qualquer jeito: Frank trabalhava como técnico de ventilação e também tinha descoberto Diana no bordel. A garota era de uma aldeia bielorrussa chamada Goziki e tinha chegado a Berlim com um passaporte polonês falsificado, para procurar aqui sua sorte. O encontro deles tinha comovido a ambos profundamente, era amor à primeira vista. Frank não pensou muito e pediu Diana em casamento. Ele tinha consciência de que isso era uma coisa arriscada, já que mal conhecia a moça. Mas em casa, em Spandau, ele tinha um vizinho, um engenheiro civil que havia se casado com uma prostituta tcheca, e ia tudo às mil maravilhas. Diana, entretanto, recusou a princípio todos os pedidos de Frank. Ela ainda era muito jovem, queria primeiro ganhar dinheiro de verdade e talvez, mais tarde, começar uma família. Mas o negócio, no qual ela ralava todos os dias, não ia bem. O dono do bordel estava perdidamente apaixonado por uma moça. Ela engravidava seguidamente, e não sobrava muito para o homem. O dono do bordel foi perdendo pouco a pouco a vontade de viver, embriagava-se todos os dias e emagrecia. Por isso, outras moças tentavam consolá-lo — e também engravidavam. O bordel transformou-se num baú de relacionamentos.

Certo dia, o dono sumiu e deixou as mulheres sozinhas. O bordel fechou. Diana ligou desesperada para seus únicos clientes fixos: primeiro o executivo do Palácio das Lágrimas, depois o técnico de ventilação. Por fim, ela apareceu na casa dele em Spandau e aceitou o seu pedido de casamento. O técnico de ventilação pediu uma semana de licença médica e um empréstimo de 5 mil marcos no banco. Em seguida, os dois viajaram até Goziki na Rússia branca, para casar. Lá, Frank foi imediatamente confrontado com os selvagens costumes bielorrussos. Ainda na estação, roubaram-lhe a bagagem. As damas de honra acusaram Diana de trair a pátria e deixaram seu olho roxo. Frank também apanhou de alguns nativos por motivos patrióticos. Depois, entretanto, todos ficaram bons amigos. O casamento aconteceu no grande salão da cidade, o ginásio de esportes da escola de ensino fundamental. Frank comprou cinco caixas de vodca para os homens e cinco de vinho do Porto para as mulheres. A festa durou dois dias e teria continuado ainda, se o pai de Diana não tivesse estragado tudo. De tanta alegria, ele entrou bêbado no rio de Goziki para se banhar — e não voltou mais. Durante um dia inteiro tentou-se achar seu corpo no rio. Imperceptivelmente, de um casamento passou-se a um enterro.

Em seguida, os recém-casados voltaram para Berlim. Diana foi parada na fronteira da Alemanha com a Polônia. Descobriu-se que ela estava proibida de entrar nos países do Tratado de Schengen, por causa do seu antigo passaporte polonês falsificado. Frank precisou seguir sozinho. Ele ligava todo dia para as autoridades responsáveis. Ele escreveu ao Ministério de Relações Exteriores, ao chanceler, à ministra da Família e ao Supremo Tribunal. Depois de dois meses, tinha conseguido o impossível: a até então invencível máquina estatal tinha cedido ao amor deles, a proibição de entrada de Diana foi revogada, e agora ela está de volta a Berlim. O que é que aprendemos dessa história? Que Goethe tinha

razão e que o amor ainda é mais forte do que todo o resto.

Até mesmo nos dias de hoje, há muitas pessoas de orientação materialista que levam em conta explicações metafísicas, pois percebem algo de muito especial em coisas que outros consideram desagradáveis ou suspeitas. Se alguém está insatisfeito consigo mesmo, logo pensa que a cama deve ser colocada num outro canto, ou que a culpa é dos estrangeiros ou até dos extraterrestres. Devemos à metafísica esse sentimento de não nos sentirmos responsáveis por nada e, ao mesmo tempo, achar tudo interessante. Procuramos por uma solução milagrosa para todos os conflitos, por uma salvação instantânea e definitiva.

Quando nossa amiga russa Marina foi subitamente abandonada por seu marido, que, depois de dez anos de casamento, tinha se apaixonado por uma bailarina, ela sofreu um choque. O mundo acabou, ela perdeu peso a olhos vistos e não conseguia mais dormir direito. Nós achamos essa história bem engraçada, porque Marina sempre se irritou com a falta de cultura do seu marido. Ele estava constantemente em casa, na frente da tv, e não mostrava nenhum interesse pela vida cultural. E o que aconteceu? Em algum momento o cara cedeu, foi ao balé e agarrou de pronto a primeira bailarina que vira em toda a sua vida. A reação de um homem de 45 anos, que nunca tinha visto uma bailarina de perto, era previsível. Marina, entretanto, achou estar sob o efeito de uma bruxaria da falecida mãe de seu primeiro marido, e que ela certamente iria morrer caso não conseguíssemos arrumar para ela uma bruxa em Berlim que a deixasse limpa de novo.

Por eu não ter nenhuma intimidade com o setor de bruxas, fui falar com um amigo conhecido na nossa família que era do ramo. Ele logo sugeriu duas, que, em sua opinião, dariam conta do recado: uma chinesa e uma africana.

A senhora U Ti recebia sua clientela num consultório coletivo de médicos ditos alternativos. O tipo de magia que ela praticava chamava-se cinestologia. Por trinta marcos, ela logo saberia o que estava faltando a Marina. Além disso, pegou as mãos dela e perguntou a seus músculos, em alemão, com um leve sotaque chinês. Os músculos russos reagiram baixinho e enfraquecidamente. Apesar disso, a senhora U Ti conseguia compreendê-los bastante bem. Depois de ter conversado com todos os membros de Marina, ela sugeriu preparar um elixir para o pobre corpo por apenas sessenta marcos. Marina deitou-se, a senhora U Ti colocou diversas garrafinhas sobre o peito dela e perguntava toda vez ao corpo se esse era o remédio certo. O certo foi encontrado, e em seguida Marina sentiu-se melhor. Ela até ria conosco e ficou feliz por alguns dias. Mas estava decepcionada com a bruxaria. Ela tinha imaginado algo bem diferente.

Então, decidimos também nos dirigir à bruxa africana. Ela não nos recebeu num porão, com uma porção de crânios jogados pelo chão, mas num apartamento de três quartos em Berlim, carpete de madeira e móveis estofados. Só pelo olhar de Marina ela percebeu que nossa amiga estava possuída por demônios. Por duzentos marcos nos ofereceu um método seguro e que funcionava havia centenas de anos, a chamada cerimônia do melão. Consiste em amarrar um melão à barriga do paciente, com o qual ele deve deitar-se na cama por um dia e uma noite. Nesse meio-tempo, a doença migra para a fruta, e quando o paciente por fim a amassa no chão, os demônios também são exterminados. Isso foi realmente um tanto

exótico demais para nós, e desaparecemos.

O mundinho da magia é tão pequeno quanto o nosso. Uma semana mais tarde recebemos uma ligação de uma bruxa iugoslava, que estava por dentro de tudo. Como prova de que Marina estava possuída, ela sugeriu colocar uma faca de cozinha numa panela com água, deixar essa panela durante a noite debaixo de sua cama e, na manhã seguinte, observá-la. Se a água tivesse sumido, significava que a força do mal havia entrado no quarto e a bebido. Nesse caso, a faca tinha de ser atirada pela janela. Se caísse de ponta no chão, Marina estaria curada. Como Marina mora no décimo primeiro andar de um prédio novo e as crianças estão sempre brincando lá embaixo, ela não teve coragem de atirar a faca.

Por exatos novecentos marcos, a bruxa iugoslava ofereceu-lhe, em troca, um programa de cura até agora imbatível: Marina devia dar-lhe uma de suas calcinhas, com a qual ela viajaria até a Iugoslávia, onde seria abençoada por cinco padres de cinco mosteiros diferentes. Daí ela traria a calcinha de volta, e Marina teria de usá-la durante catorze dias e catorze noites. Dessa maneira, o marido de Marina voltaria rapidamente. “Mas eu nem quero que ele volte”, retrucou Marina, “além disso, a Iugoslávia está em guerra!” A bruxa não sabia nada a esse respeito. Nós fomos em seguida para casa, Marina estava insegura: “Será que ela voltaria com a minha calcinha?”. Não falei nada. Por enquanto, o mundinho da magia já tinha dado pro gasto.

Os debates da mídia sempre deixam marcas na vida real — um pequeno milagre que descobri há pouco tempo. A mídia apodera-se de um tema, lida com um problema: um jornal sério se debruça sobre um problema sério, como a xenofobia e seus efeitos sobre a sociedade, enquanto um jornal menos sério escolhe um tema menos sério, como a perda de peso ou algo assim. E então o problema precisa ser discutido. Para tanto, é preciso ter, no mínimo, duas opiniões basicamente opostas. Por exemplo: “A xenofobia pode ser reduzida à medida que se diminui o número de estrangeiros”. A réplica: “Ela pode ser reduzida à medida que a fobia da população é transferida com a ajuda da mídia; e, no lugar dos estrangeiros, os empresários se tornam a bola da vez”.

Coisa semelhante acontece com os “problemas de peso”: dá para reduzir o peso de modo natural, comendo menos, ou de forma diferente, fazendo lipoaspiração. O tema é discutido por duas semanas e então é banido do jornal. E um novo tema já aparece para ser debatido. Nada se resolve com isso, mas a troca de opiniões deixa marcas: a aversão aos estrangeiros torna-se temporariamente um tema importante, e de repente nasce uma sensação de pertencimento entre muitos que não têm nada em comum e que talvez, anteriormente, nem quisessem saber uns dos outros — árabes, judeus, chineses, turcos —, porque eles são exatamente esses “estrangeiros”.

Aqui um exemplo da vida real: uma companhia russa de teatro, Nostalgia, estava ensaiando *Mozart e Salieri*, de Pushkin. Meu amigo, um ator de Smolensk, faria o papel de Salieri, compositor mau e depressivo que, ao fim da tragédia, envenena Mozart por inveja e frustração. Mas meu amigo é um sujeito pacato, casado há cinco anos com uma francesa, também atriz, e que não consegue fazer mal nem a uma mosca. O diretor disse a ele: “Penetre em seu interior, encontre os lados escuros de sua alma. Há um malfeitor em cada um de nós”, e assim por diante.

Meu amigo, o ator de Smolensk, dedicou-se bastante, sentou-se no bar e penetrou cada vez mais fundo dentro de si. Depois da oitava cerveja, as primeiras imperfeições da alma começaram a ficar perceptíveis, o mal emergiu e ele transformou-se num Salieri. Como tal, não voltou para a mulher e o filho, que já o esperavam preocupados fazia horas, mas entrou no carro da mulher e dirigiu na contramão em alta velocidade e sem carteira de motorista numa pista rumo a Wedding. No meio do caminho, arrancou o espelho lateral de uma Mercedes. O motorista da Mercedes o perseguiu e o parou. Um carro de polícia estava passando por acaso nas redondezas. Para o meu amigo, o ator de Smolensk, esse incidente poderia ter custado sua extradição.

“Qual o seu nome?”, perguntou-lhe o motorista da Mercedes, um turco. “Salieri!”, respondeu meu amigo. “Logo vi que você era estrangeiro.” Em vez de chamar a polícia, o turco levou meu amigo bêbado para casa e recebeu da mulher dele, a atriz francesa, cem marcos por tudo: pelo marido e pelo espelho quebrado, o que realmente não era muito. No dia seguinte, o turco voltou. Nasceu uma amizade, e o irmão da mulher, também francês, quer agora fazer um filme sobre o acontecido.

Dessa forma, um debate na mídia oferece, sem querer, a muitas pessoas a chance de se ver de um jeito novo, não como turcas, russas ou etíopes, mas como uma parte da grande sociedade de estrangeiros

da Alemanha, e isso, de certa maneira, é um barato.

Há realmente muitas coisas excitantes em Berlim: o novo Parlamento, vizinho do Memorial da Guerra Soviético, os elefantes recém-nascidos no zoológico de Friedrichsfeld, números de telessexo russo... Quer dizer, uma gravação de voz feminina rouca pretende oferecer algum consolo: “Meu querido, eu sei como você está se sentindo solitário nesta cidade horrível e estranha, onde você anda todos os dias pelas ruas cheias de alemães e ninguém sorri para você. Abra seu zíper, nós vamos reviver o passado juntos!”.

Falando francamente, o telessexo russo me deprime. Se houvesse na cidade também um número para um telessexo turco, seria possível compará-los e, a partir daí, fazer uma série de valiosas descobertas sociológicas. O número do telessexo russo também já é acessível aos nativos. O jornal *Russkij Berlin* colocou uma versão resumida em alemão na internet.

E como o telessexo russo se diferencia do telessexo alemão normal?

Em primeiro lugar, pelo fato de que as garotas russas também telefonam às vezes. Certo dia gravei uma conversa dessas numa fita e agora posso saboreá-la a qualquer momento, sem ter de pagar 3,64 marcos por minuto. Posso emprestá-la a amigos e conhecidos, e de graça! Posso até divulgá-la na Radio Multikulti, pois as conversas de telessexo não são protegidas.

Depois de muitas pessoas terem ouvido a gravação, posso dizer: o telessexo russo, e provavelmente também o turco, tem um efeito ainda maior quando não se sabe o idioma. É que daí não se percebe quão tímidas as russas são de fato — nesse caso, como as garotas se transformam. Entre elas, aliás, há uma maioria de atrizes formadas.

Ontem me ligou um conhecido diretor alemão de teatro, que no momento está apresentando um texto de Heiner Müller num festival de teatro em Tscheljabinsk, Sibéria.

“Nós fomos o ponto alto do festival”, ele me contou satisfeito, “a imprensa local não se continha de tanta satisfação. Quero enviar as críticas dos jornais ao Instituto Goethe de Moscou, para que eles continuem a nos patrocinar por lá. Mas, por segurança, será que você pode lê-las pra mim antes? Meu russo não é suficiente para isso.” Em seguida, ele me passou o texto por fax. O título era muito curioso: “Para um cachorro bravo, seis milhas não é um desvio”. E a crítica de Tscheljabinsk continuava: “O que está por trás da chamativa grife Heiner Müller que essa companhia alemã ostenta? Descaso pelo público, masturbação doentia ou total desatino diante da realidade? Os poloneses também eram malucos, mas ao menos tinham mais cultura”.

Os vietnamitas adoram jogar Black Jack e enchem o saco dos crupiês. Eles adotam um “sistema vietnamita” de jogo: quando somam treze ou catorze pontos com duas cartas, não pegam mais nenhuma outra, o que seria totalmente natural para um francês superficial. É que os vietnamitas sabem que o excesso significa claramente derrota, e deixam o crupiê suar. A possibilidade está do lado deles; por outro lado, a moral dos jogadores locais, não. Mas mesmo dessa maneira os vietnamitas acabam ganhando no Black Jack. Não é por acaso que todos eles têm a tal de mancha asiática na coxa, um sinal de sorte no carteador. Além dos vietnamitas, também os mongóis e os chineses têm a mancha azul na coxa, mas eles não jogam Black Jack.

Os russos raramente jogam Black Jack, mas muitas vezes e, com prazer, pôquer. As duas únicas mesas de pôquer no cassino do Europa Center em Berlim me fazem lembrar, por causa de sua frequência, de reuniões políticas dos politburos. Homens bigodudos mais velhos em ternos cinza observam com gravidade o árabe de camisa xadrez, que não joga de maneira consequente, por não ter um sistema! Os russos vencem no pôquer porque têm um sistema. É o tal do “sistema russo”. Independente da combinação que se tem no momento, é preciso estampar uma cara de *full house* e irradiar segurança, até que a partida tenha acabado. Mais ou menos como o presidente russo, que, de acordo com esse sistema, se mostrou como um eterno garoto durante anos, sempre rodeado por jornalistas — o principal era ninguém tropeçar nas extensões dos fios.

Os superficiais franceses começam pensando que os russos são doidos, mas depois capitulam. Eles capitulam! Enquanto os homens batem os árabes nas mesas de pôquer, as mulheres russas perdem na roleta. Elas também têm um sistema: elas apostam sempre numa mesma cor, e, quando perdem, a aposta é dobrada. Pois todas as mulheres russas sabem o que o professor universitário doutor Kapiza disse certa vez no seu programa de televisão *Inacreditável, mas É Verdade*: “Pode sair preto por três vezes seguidas, mas nunca catorze vezes”.

Mas o caso do vermelho é totalmente diferente. Pode sair dezessete vezes seguidas. As mulheres russas são impacientes. Quando elas leem no painel eletrônico que o preto saiu cinco vezes seguidas, imediatamente jogam no vermelho. Essa é a maneira pela qual as mulheres russas ganham, mas acabam perdendo mesmo assim, porque colocam novamente tudo o que ganharam num número idiota qualquer, por exemplo o 16. Não sei por que agem dessa maneira. Talvez porque elas não tenham uma mancha daquelas na coxa.

Quando as tailandesas jogam Black Jack, todos os outros param. É que contra elas não há chance. Eu já as observei durante horas no jogo, tentando decifrar o sistema tailandês. Quase torci o pescoço por isso. E para nada! Admirado, pude constatar que depois de alguns poucos jogos as tailandesas já sabem de cor a sequência das 72 cartas. Dessa forma, a probabilidade de uma jogada certa aumenta em cem por cento. Com tais atributos já poderiam estar nadando em dinheiro faz tempo, mas elas não querem revelar seu segredo. Assim, por precaução, as tailandesas sempre precisam acabar perdendo tudo.

A mesa de jogos de Berlim se parece às vezes com uma reunião extraordinária da Organizações das

Nações Unidas. Acho até que na mesa de jogos há mais países representados do que numa reunião habitual da onu. Em cada mesa de jogos há uma discussão sobre qual sistema funciona melhor, a expectativa aumenta, as bolinhas estão rodando, as cartas brilham na frente dos olhos. Fico um pouco tonto e vou me sentar no bar. Em geral só os vencedores vêm até aqui, aqueles que conseguiram quebrar a banca naquela noite. E para manter seu prazer e seu status, no final eles precisam torrar tudo o que ganharam.

A mulher no balcão se chama Lisa. Ela é da Inglaterra, assim como o namorado, que trabalha como crupiê na mesa de pôquer. Os funcionários dos três grandes cassinos de Berlim não podem jogar na cidade. Se forem apanhados pela administração, perdem o emprego. Lisa me contou quanto é difícil passar o dia inteiro observando os outros jogar e não poder acompanhá-los. Isso é muito difícil. A fim de relaxar, eles passam com frequência suas férias em Malta, onde a cultura do jogo é muito disseminada e onde, a partir de um quarto de dólar, já dá para começar. Lá eles vão de cassino em cassino todas as noites. Nunca vão à praia.

Quando perguntei a Lisa sobre o sistema inglês, ela balançou a cabeça. Uma vez seu amigo Willy tinha descoberto o chamado sistema zero no jogo de roleta. Os dois pagaram alto pela descoberta — eles perderam todo o dinheiro das férias numa noite. Depois desse acontecimento eles estão firmemente convencidos de que nos jogos de azar o que vale mesmo é o acaso.

Os turcos pensam diferente e adoram jogar nas máquinas caça-níqueis. Principalmente naquelas com a alavanca que dá para dar um puxão forte para baixo. Porque eles são temperamentais e gostam de esportes. O sistema turco é assim: primeiro eles procuram uma máquina caça-níqueis que faz muito tempo não libera nada. Depois esperam que o último francês cabeça de vento vá para casa com os bolsos vazios e alimentam a máquina com moedas de cinco marcos até que ela acaba cedendo e se ilumina com música e uma inscrição piscante *check point*. Nesse sistema, não se deve poupar nunca e também não jogar menos de cinco marcos, senão o *check point* não funciona.

Os alemães misturam-se, sem sistema, em todos. Eles jogam pôquer, pulam nas mesas de Black Jack, puxam as alavancas das caça-níqueis para baixo e seguem a bolinha na roleta. Quando ganham, não ficam felizes; quando perdem, tanto faz. A bem da verdade, eles não se ligam muito em jogo. Os alemães vão ao cassino porque são abertos ao mundo e curiosos. Lá aprendem os sistemas das outras nações, que, no fundo, não lhes interessam especialmente.

Certa vez, bem depois da meia-noite, a luz se apagou no cassino. Todos os sistemas se misturaram, os jogadores de todos os países xingaram, cada um em seu idioma. Parecia ser o último dia de Babilônia. Nesse momento entendi que todas essas pessoas, não importa quão diferentes fossem, queriam a mesma coisa: energia elétrica.

Berlim age sobre mim como uma estância hidromineral. Em primeiro lugar, por causa da temperatura amena. O verão raramente é quente, o inverno nunca é muito frio. E há poucos mosquitos, a bem da verdade nenhum aqui em Prenzlauer Berg. Em Nova York os mosquitos prejudicam o tráfego nas ruas, disseminam doenças e constantemente causam epidemias. A problemática dos mosquitos também é atual em Moscou. Quando estive por lá da última vez, vi como um apresentador de televisão subitamente deu um tapão na própria orelha durante um programa e como os sem-teto cozinhavam na rua uma sopa de mosquitos. Os mosquitos existem no mundo todo. Só aqui não, e isso não é certamente o único motivo para eu gostar tanto de Berlim. Também acho as pessoas tranquilas. A maioria dos habitantes da capital é calma, sossegada e pensativa. Se lembrarmos tudo o que aconteceu nos últimos anos: a queda do Muro, a reunificação, o fechamento do cassino no Europa Center... Apesar de tudo isso, são poucos os que piram. Os berlinenses sempre fazem o que julgam ser correto e têm prazer na vida. Em Moscou, por outro lado, houve uma série de suicídios no dia em que o telejornal começou vinte minutos mais tarde, e muitos fugiram da cidade, imaginando que o mundo iria acabar. Segundo as estatísticas, apenas 17,8 por cento da população da Rússia tem prazer em viver. Mosquitos demais, provavelmente. Por isso, prefiro Berlim.

Há pouco encontrei meu vizinho, o vietnamita do comércio de frutas e verduras, na Schönhauser Allee. Ele fez uma permanente. Seu caminho para a integração. Agora ele se parece com Paganini. “Você é um Paganini, Chack!”, eu lhe disse. “Um Paganini!” “Infelizmente não tenho”, ele respondeu, “mas tenho *zucchini*, veja!” Ambos estamos de pé na Schönhauser Allee, ele de permanente na cabeça e com uma abobrinha na mão, eu ao seu lado. Onde é que estão os turistas japoneses com suas câmeras caríssimas? Provavelmente estão parados no trânsito; nem todo ônibus de turismo chega a Schönhauser Allee, nem à metade dela.

É evidente que Berlim tem defeitos. Os nazistas, por exemplo. Há duas semanas os republicanos, direitistas, fizeram um comício eleitoral na Schönhauser. Embaixo de um grande outdoor “*Mal zeigen, was eine Harke ist*”, expressão em alemão que significa algo como “Vamos mostrar o que é o quê”, e que é traduzida literalmente para “Vamos mostrar do que um ancinho é capaz”. Dois garotos distribuíam panfletos. O alto-falante tocava *Pretty woman*. “Cheguem mais perto, vamos mostrar uma coisa para vocês”, um dos garotos prometia aos pedestres. Os passantes mantinham distância. É bem provável que tivessem medo da verdade misteriosa. Eu não sabia bem ao certo o que era um ancinho e perguntei a duas senhoras mais velhas, que estavam ao meu lado. “O que é um ancinho? Bem, é um tipo de pá, só que mais afiada”, respondeu uma mulher com sotaque local. “Para mexer no jardim.” “Mais para o cemitério”, retrucou a outra. “Vou me lembrar disso”, eu disse. “Ah, não precisa se lembrar, não. Essa não é uma boa palavra. Eles são assim, os nossos nazis, eles estão sempre pensando em novas bobagens”, as duas senhoras me acalmaram. Voltei para casa. Em todo lugar há pessoas que querem exibir um ancinho — na Rússia, nos Estados Unidos, no Vietnã. Em compensação, aqui não há mosquitos.

Pule da janela

O direito de exílio na Alemanha é temperamental como uma mulher, cujas preferências e rejeições não são previsíveis. Apaixona-se à primeira vista por um de seus candidatos e não o solta mais. E chuta a bunda de outro. Encontrei há pouco tempo um antigo conhecido na Schönhauser Allee que parecia ter tido azar com o direito de exílio. Ele já tinha tentado por duas vezes ser aceito, porém sem sucesso. Em seu lugar, outro já teria desistido. Mas ele não perdia a esperança e acabava sempre voltando ilegalmente para dentro do país.

Atualmente perambula pela cidade de perna engessada. Quando perguntei para ele o que havia acontecido, me contou a dramática história de sua última prisão. Ele dirigia pela Greifswalder Strasse em direção ao mercado Obi. A polícia o parou porque ele estava sem cinto. Depois de vistoriarem seus documentos, tiveram o deleite de descobrir que ele era um dos muitos homens procurados que já deviam ter sido extraditados havia muito tempo. Foi parar no xilindró. Ele conhecia as regras: antes que a extradição fosse determinada, o ilegal ainda poderia ir até seu último endereço e empacotar seus pertences. Um amigo o visitou na cadeia e levou-lhe algumas coisas. Ao se despedirem, o amigo lhe sussurrou: “Pule da janela”.

Um dia depois, quando meu conhecido foi escoltado ao seu apartamento na Greifswalder Strasse com dois policiais, e onde ficou sem algemas, ele seguiu o conselho do amigo e pulou da janela do segundo andar. O amigo não o tinha enganado. Ele o esperava lá embaixo e já tinha tomado todas as providências para o resgate. Mas debaixo da janela errada. Além disso, meu conhecido falhou ao estimar a distância, pulou longe demais e bateu contra um poste de iluminação. Felizmente ele pôde segurar-se numa placa da npd, o Partido Nacional Democrático alemão, de extrema direita, “Coragem para votar — vote nacional”. Agarrado nela, escorregou lentamente para baixo. O amigo carregou-o até o carro. Só a placa da npd ficou para trás. Algumas horas mais tarde, meu conhecido concluiu que sua perna inchava. Ele foi até o “cirurgião”, um médico russo ilegal que atende pacientes ilegais em seu consultório ilegal e os cura de doenças legais. O “cirurgião” examinou-o e diagnosticou uma fratura. Agora, meu conhecido precisa andar com uma bota de gesso pelo menos durante um mês, além de nem pensar em dirigir.

“Apreendi uma coisa com essa história”, ele me disse após dar uma tragada forte em meu cigarro: “O cinto é indispensável”.

Um dia perdido

O redator de um jornal, do caderno de cultura, me ligou. Queria que eu falasse sobre cultura jovem. E isso às dez horas da manhã. E o que é isso, afinal, cultura jovem? Liguei para meu amigo Kolia, que sempre sabe de tudo. Ele sugere que eu assista à mtv; quanto mais, melhor. Eles começam às oito, já perdi a introdução. E daí? Ligo a tv: pretos barrigudos dançam ao redor de uma árvore. O telefone toca. Um tal senhor Kravchuch, repórter da revista *Spiegel Spezial*, se anuncia e geme por não ter encontrado quase nenhum candidato adequado para seu artigo sobre intelectuais do Leste Europeu. Entre os russos, achou apenas caras mais velhos, frustrados, e nenhum búlgaro. Fico indignado. Como? Nenhum búlgaro? Eles estão em todo lugar, só não os reconhecemos porque imitam os alemães perfeitamente. Toda orquestra na Alemanha tem um regente búlgaro, a classe de professores universitários é composta quase totalmente por búlgaros, ainda há os vencedores do prêmio Stockhausen e, por fim, o Instituto Cultural da Bulgária. E se é o caso de intelectuais do Leste Europeu, estou aqui, ora. O homem da *Spiegel* anota tudo e acha que minha participação nessa edição especial é indispensável.

“Em vinte minutos chega o fotógrafo que vai tirar uns retratos seus.” Visto rapidamente a calça e procuro por uma camisa limpa. Ao mesmo tempo continuo assistindo à mtv atrás da cultura jovem. Os pretos gordos continuam, imperturbáveis, a dar voltinhas na árvore. O fotógrafo chama-se Karsten e quer me fotografar em meio a uma multidão, o clichê preferido para a apresentação do intelectual do Leste Europeu: um estranho, mas, de alguma forma, alguém como você e eu. Preciso subir e descer a Schönhauser Allee umas 23 vezes. E nem assim dá certo. A multidão reconhece de imediato o homem com a câmera e se dispersa. Finalmente Karsten muda de tática. Ele se esconde entre a multidão e espera por uma oportunidade. Nesse meio-tempo, seu celular é roubado. Depois de duas horas, estou de volta, em casa. Na tv, Beavis e Butthead vão ao cinema. ok, jovens, voltei, pode começar, a cultura jovem. Eu, Beavis e Butthead assistimos ao clipe da banda Prodigy. Aconteceu alguma coisa com uma mala, que rola rio abaixo, e oito homens suados correm atrás dela. Todos eles caem no rio, fim da história. Os pretos gordos continuam dando voltas na árvore. Um deles está sangrando. “Por que ele está pulando assim?”, pergunta Butthead. “Não sei”, responde Beavis, “talvez alguém tenha enfiado a edição especial da *Spiegel* sobre os intelectuais do Leste Europeu no cu dele. Hahaha! E depois botaram fogo. Hihhih!”

O telefone toca. O redator da Radio Multikulti conta que o cinema Arsenal vai passar hoje à noite o primeiro filme de ficção científica russo, *Aelita*, de 1924. Devo fazer uma matéria sobre isso e arranjar sem falta uns trechos de áudio originais. O gravador e um microfone já estão me esperando na rádio, só preciso apanhar as coisas.

Dedico os 45 minutos passados no metrô a alguns pensamentos sobre cultura jovem. Resultado zero. Que raiva, eu não tenho nada a dizer sobre esse tema. O jovem à minha frente folheia uma revista e sorri. É isso! A cultura jovem! Sento-me a seu lado e pergunto o que está lendo de bom. Um catálogo da rede de lojas de móveis Ikea.

Tudo certo, equipamento retirado e pronto. O filme começa às sete horas da noite. Dez para as sete já estou na sala de exibição. Sento-me na terceira fila, exatamente na frente do grande alto-falante, e

preparo-me para a gravação. Às sete começa o filme. É sobre uma revolução em Marte. O rei de Marte, armado com uma arma de vidro, corre atrás de uma moça de bumbum mole. A mulher abre a boca. Nesse momento deveriam sair os gritos de socorro, mas estou segurando meu microfone em vão. O filme está totalmente quieto e mudo. Tão mudo como só um filme mudo russo de 1924 pode ser.

Uma situação vergonhosa. Na sala reina um silêncio de cemitério. Pego minhas coisas e saio com cuidado, o microfone na mão. Sou gozado pelos funcionários do cinema no foyer. Eles podiam agir como se nada tivesse acontecido. Afinal, não é todo dia que um repórter de rádio vem a um filme mudo.

Volto a pensar sobre a cultura jovem no caminho de casa. Para mim, os jovens no metrô se parecem todos com Beavis e Butthead. Em casa — mtv — Björk aponta o dedo para um livro grosso. O texto na tela diz: “Björk aprendeu a ler especialmente para este clipe”. Três redatores de literatura trabalharam com Björk durante três meses. Grande desempenho. Volto a falar com o redator de cultura, ele precisa definir melhor a tarefa. Ele quer uma pesquisa séria sobre a cultura jovem? Merda! Ele quis dizer cultura judaica, não dos jovens. É melhor eu sair para beber. Foi um dia perdido.

Nossa amiga Katja é fã de Castañeda. Ela leu todos os livros dele que conseguiu, comprou peiote e, ainda, uma lâmpada de aquecimento especial por 160 marcos. Ela ia frequentemente a reuniões secretas, nas quais tinha experiências espirituais com outros fãs de Castañeda. E isso mais de uma vez. Depois de um tempo relativamente curto, ela conseguia separar, sem nenhum esforço, a consciência da subconsciência e o corpo do espírito. Dessa maneira, Katja tinha acesso constante ao mundo astral, onde ela podia conhecer muitas personalidades interessantes, entre elas o Castañeda em pessoa. Tudo corria maravilhosamente bem até que, certo dia, corpo e espírito não se reencontraram e foram internados em estados separados na seção psiquiátrica da clínica Rainha Elizabeth Herzberg, em Lichtenberg. Lá, com a ajuda da medicina moderna — que lançava mão, entre outros, da “terapia da percussão” —, ela foi remontada. Sua saúde se normalizou, mas o acesso ao mundo astral lhe foi terminantemente proibido.

Sob orientação de um médico, Katja repensou toda a vida e chegou à conclusão de que sua missão era colocar vida nova na Terra. Pouco audaciosa, começou com cães. Seu marido, um executivo não especialmente bem-sucedido, acabara de ter azar com uma nova ideia de negócio: ele queria enriquecer vendendo bebidas na Love Parade. Uns gaiatos quaisquer, entretanto, conseguiram-lhe um ponto na rua errada. Ele esperou durante todo o dia, em vão, por participantes de *raves* sedentos, mas em vez disso passou por lá apenas uma velha senhora, que comprou dele, por piedade, uma limonada quente. Então ele estava sentado, todo infeliz, sobre sessenta caixas de cerveja e refrigerante e não sabia como se livrar delas. Katja o convenceu a pedir mais um empréstimo e comprar um casal de cães sharpei. O dinheiro deveria voltar com a criação dessa raça chinesa.

Depois de cinco meses, cinco filhotinhos fofos já passeavam pelo apartamento. Os cãezinhos sharpei precisavam de cuidados especiais, eles não podiam descer as escadas, pois a cabeça grande e o traseiro pequeno demais os fariam tombar imediatamente. Katja cuidava deles dia e noite, mas não vendeu nenhum. Depois que os cinco tinham crescido e se tornado cachorros imensos, Katja perdeu todo o interesse neles. Ela dividiu o apartamento com grades de ferro e telas: um dos espaços, que também continha o banheiro, foi tomado pelos cachorros, a outra parte Katja dedicou às plantas, as quais tinha comprado nesse meio-tempo. Ela conseguiu o impossível: depois de meio ano, seu quarto parecia uma floresta tropical. Só os pássaros canoros não conseguiram se aclimatar. Eles tombaram perante a um ataque-surpresa dos sharpeis.

A fim de dar nova vida à sua floresta tropical caseira, Katja decidiu ter filhos. Ela precisou lutar muito por isso. De um lado, com seus médicos — contra um deles ela até moveu uma ação, pois ele tinha duvidado de sua capacidade de engravidar. De outro, com seu próprio marido, que nem se arriscava a entrar mais no apartamento e que havia mais de um ano não entrava no banheiro. Katja superou todas as dificuldades com bravura. No momento, dois bebês crescem na floresta tropical de Katja, duas meninas: Deborah e Susann. Se elas conseguirem ficar adultas, sem dúvida vão dispor de excelente qualidade de vida. Tarzan e Jane se enforariam de inveja e despeito no cipó mais próximo.

Certa vez, o destino me enviou a Wilmersdorf. Eu queria mostrar ao meu amigo Ilia Kitup, o poeta de Moscou, uma área típica de Berlim.

Já era meia-noite, nós estávamos com fome e acabamos numa lanchonete turca. Parecia que os atendentes não tinham nada pra fazer enquanto tomavam seu chá em paz. A música dos alto-falantes soou familiar a meu amigo. Ele reconheceu a voz de uma cantora búlgara famosa e entoou algumas estrofes.

“Os turcos sempre ouvem música búlgara à noite?”, com essa pergunta me dirigi a Kitup, que estudava antropologia em Moscou e que se virava bem em assuntos ligados aos costumes populares. Ele foi falar com os dois atendentes da lanchonete.

“Não são turcos, são búlgaros, só estão fazendo de conta que são turcos”, me explicou Kitup, que também tinha um pouco de sangue búlgaro nas veias. “Isso provavelmente é o disfarce comercial deles.” “Mas por que fazem isso?”, perguntei. “Berlim é muito diversificada. Não é preciso complicar ainda mais a situação. O consumidor está acostumado a ser servido por turcos num estabelecimento turco, mesmo que na realidade eles sejam búlgaros”, nos explicaram os atendentes.

No dia seguinte fui a um restaurante búlgaro que tinha descoberto fazia pouco. Achei que os búlgaros lá seriam, na realidade, turcos. Mas dessa vez os búlgaros eram autênticos. Porém, os italianos do restaurante italiano vizinho revelaram-se gregos. Depois de assumirem o lugar, foram à escola noturna aprender italiano, me contaram. O cliente espera que, num restaurante italiano, se fale pelo menos um tantinho de italiano com ele. Pouco depois fui a um “grego”. Minha intuição estava certa: os empregados eram árabes.

Berlim é uma cidade cheia de segredos. Aqui, nada é o que parece à primeira vista. No sushi-bar da Oranierburger Strasse uma moça da Buriátia estava atrás do balcão. Eu soube por ela que a maioria dos sushi-bares de Berlim está nas mãos de judeus que não vêm do Japão, mas dos Estados Unidos. O que não seria tão estranho para o ramo da gastronomia. Da mesma forma como as cenourinhas fatiadas baratas do Aldi são servidas como sendo cenourinhas fatiadas à mão da Gascogne, aqui nada é real, todo mundo é ele mesmo e, simultaneamente, alguém mais.

Mas não desisti e continuei a pesquisar a situação. Descobria mais coisa dia após dia. Os chineses da lanchonete defronte da minha casa são vietnamitas. O indiano da Rykestrasse é, na realidade, um ferrenho tunisiano de Cartago. E o chefe do bar afro-americano, com uma porção de objetos de vodu nas paredes, é belga. Até os últimos ícones da autenticidade, os vendedores de cigarro do Vietnã, não são muito mais que um clichê surgido das séries de tv e de batidas policiais. Apesar disso, os envolvidos se aproveitam disso, embora todo policial saiba que os assim chamados vietnamitas provêm, em sua maioria, das entranhas da Mongólia.

Eu estava muito surpreso com o resultado de minhas pesquisas e percorri a cidade ansioso, procurando pela última verdade não falsificada. A pergunta que mais me ocupava era quem são os assim chamados alemães, que tocam os típicos comércios de Joelho de Porco e Chucrute, aqueles barzinhos aconchegantes, que muitas vezes se chamam Olly ou Scholly ou algo parecido, e onde a cerveja sempre

custa a metade. Mas lá eu topei com um muro de silêncio. Meus sentidos me dizem que estou no encalço de algo grande. Sozinho, entretanto, não consigo ir além. Se alguém realmente souber o que se esconde por trás das belas fachadas de um barzinho “alemão”, que se faça ouvir. Sou grato por toda informação que receber.

O gato turco

Nosso gato turco sumiu dia desses tão subitamente quanto apareceu, sete anos antes, no nosso quintal em Wedding. Naquela época, minha mulher o achou na escada. Ele ficou sentado por dois dias na escada, não saiu do lugar. Ele era grande e preto, com duas patas brancas. Nós o adotamos imediatamente e o chamamos de Masja. Masja desprezava qualquer tipo de ração para gatos. Ele só comia produtos turcos, como kebab e pão típico. Dessa forma, chegamos à conclusão de que ele tinha vindo de uma família turca. Todas as tentativas de integrar o gato à nossa sociedade falharam. Em vez de reforçar o ambiente agradável na casa, ele sempre era motivo de estresse e deixava o caos atrás de si. Masja se comportava como um macho autêntico — ele ia e vinha de acordo com sua vontade, nunca deixava que alguém o acariciasse e corria pela casa como um doido. Toda vez que ele não conseguia passar pela porta e trombava com a parede, fazia de conta de que era isso mesmo que tinha em mente. Às sextas, sempre cagava na banheira. Ele tinha transformado nossa banheira em sua mesquita.

Masja ficou numa situação complicada no quintal. Começou um relacionamento com uma gata mais velha, que poderia ser sua mãe. Ela ficou prenhe e nasceram cinco filhotinhos. Masja se juntou a um deles: a gatinha era sua amante, irmã e filha ao mesmo tempo. Ela cresceu e logo chegou o dia em que ela também seria mãe. A fim de impedir mais um aumento no grau de incesto do nosso quintal, decidi castrar Masja. Ele desconfiou do meu plano e se escondeu. Na sexta, ficamos esperando por ele na sua mesquita. Quando ele apareceu por lá pontualmente, como sempre, catei-o com uma mala grande e o levei ao veterinário. Masja recebeu uma injeção analgésica, e seus olhos ficaram brilhando como moedas de dois marcos.

O médico cortou seus testículos rapidamente. “O senhor tem uma mão muito segura”, eu disse satisfeito a ele. “Custa cem marcos”, ele respondeu. Eu esperava que essa operação significasse um recomeço para Masja: será que castrado ele iria se integrar mais facilmente à nossa sociedade? “Menos bolas, mais tolerância”, pensei. Masja passou os dois dias seguintes numa viagem de Ketamin. Quando seus olhos voltaram ao normal, foi até o quintal — e nunca mais voltou. Esperamos por ele durante todo um mês. Então, decidimos arranjar um novo animal doméstico. Dessa vez, entretanto, era para ser algo exótico. Folheando a revista semanal *Russkij Berlin*, encontrei três anúncios que supunha tratar de animais de estimação: “Boxer fêmea filhote de pais bravos procura novo lar”, “Persa branco como a neve em apuros: gato procura amiga para encontros íntimos”, “Chinchila russo para ser doado a mãos bondosas”. Não quisemos a “filhote brava”. O persa branco como a neve revelou-se uma pessoa que tinha tido a felicidade de nascer no ano do gato, segundo o calendário chinês. Restou o chinchila, que acabamos comprando por cinquenta marcos. Nós lhe demos o nome de Dusja. Agora ele mora conosco, numa gaiola. Gosta de morder livros e cabos de telefone, toma banho na sua areia especial de chinchila e se comporta, no geral, de modo bem exótico. Mesmo assim, creio que no fundo ele é um esquilo russo.

Meu amigo e xará Wladimir, de Vilna, é um homem tímido. Ele sofre principalmente ao pensar em falar sobre seu futuro com uma funcionária pública tiazona sempre que faz sua visita compulsória ao Serviço Social. Toda vez que a encarregada o ferroa como uma vespa com frases do tipo “Pense um pouco sobre seu futuro” e “O senhor não pode viver eternamente do seguro social”, Wladimir fica vermelho, olha para o chão e fica mudo como um camarada numa prisão da Gestapo. Apenas uma vez, quando a mulher do Serviço Social foi longe demais e começou a duvidar da masculinidade dele, meu amigo acabou perdendo o controle e contou-lhe um sonho antigo: que ele um dia chegaria a ser um grande homem de negócios, um dono de restaurante. “Aha!” A funcionária ficou satisfeita: “O ingresso na independência! Isso é exatamente nosso propósito! Nós vamos apoiá-lo integralmente nesse difícil caminho!”, disse ela, mostrando a Wladimir o programa “Homem de negócios 2000, atuando nos lados Oriental e Ocidental para o comércio exterior”, que foi especialmente planejado e financiado pelo Senado para as pessoas de origem estrangeira que recebem auxílio do Serviço Social.

Lá, no bibiz, que significa “rabo” em lituano, mas que em alemão é a sigla para *Berliner Informations und Bildungs Zentrum* [Centro Berlinense de Informação e Formação], Wladimir estudou com outros futuros homens de negócios. O grupo era composto por duas senhoras idosas búlgaras, três vietnamitas e uma garota gorda do Caribe. Eles se ocuparam por meio ano com o pequeno bê-á-bá do homem de negócios: administração de empresas, informática, inglês instrumental etc. Depois disso, Wladimir recebeu um diploma e, com sua nova qualificação como homem de negócios 2000, foi ver novamente a tiazona do Serviço Social. Agora ele possuía quase todas as condições para a concretização do seu sonho — o conhecimento necessário, a forte vontade para o sucesso e até uma carteira de habilitação europeia. Ele só não tinha o dinheiro, e sem dinheiro não há comércio oriental-ocidental.

Em pouco tempo ele teve novamente de ir atrás de carimbos de recusa, com tabacarias e jornaleiros, para seus papéis de procura de emprego. Por sorte, nessa época a mãe dele tinha conseguido uma pensão do Estado que ela tinha solicitado três anos antes. Com essa soma vultosa, Wladimir pagou as luvas para uma lanchonete turca, que tinha acabado de falir, numa rua lateral. Lá ele tencionava realizar seu sonho do restaurante próprio. Ele reformou tudo sozinho e pintou as paredes e o piso de lajotas com arte abstrata.

“Se um negócio quer conquistar o coração da clientela, precisa chamar a atenção, e isso de todas as maneiras”, ele explicou quando o visitei na lanchonete, pouco antes da inauguração. “Nós teremos um cardápio internacional: comida alemã, chinesa, italiana, francesa...” “E quem vai cozinhar tudo isso?”, perguntei-lhe. “Ora, eu!”, respondeu o formado homem de negócios 2000 e olhou para o chão. “Isso, no fundo, nem é tão complicado, é só conhecer os molhos certos.” Sua determinação me convenceu de que Wladimir sempre encontraria o molho certo. “Nós esperamos um público jovem, internacional, e naturalmente turistas também, que não vão achar coisa semelhante em outro lugar.” Nesse momento, uma senhora de cerca de oitenta anos entrou no estabelecimento e perguntou pelo toalete. Esse hábito também

agradava a Wladimir: “Aí você vê”, ele disse para mim, “nós estamos numa região estrategicamente muito favorável. Em seguida, vou reformar também os toaletes”.

Meu amigo acredita firmemente que seu negócio o levará com sucesso ao século xxi, mas só não encontrou o nome certo para ele. Entretanto, os clientes habituais do bar Jägermeister em frente já deram faz tempo um apelido para a portinha dele: o bordel da máfia russa.

Convidado pela Sociedade Literária da Turíngia, fui pela primeira vez na vida a Weimar, para lá participar de um festival chamado “O Leste Europeu em Tempos de Transformação: Revolução e Contrarrevolução” com outras duas dúzias de artistas do Leste — poloneses, russos, tchecos e ucranianos. No meio do caminho descobriu-se quanto nossa transformação diferia. Dessa maneira, nosso grupo era uma mistura bastante venenosa. Apesar de a vodca quente ucraniana proporcionar um mínimo de tolerância.

A capital alemã da cultura parecia um pedaço de torta de creme num micro-ondas ou uma exposição gigante recém-inaugurada. Apesar dos 37 °C à sombra, visitamos em três dias tudo o que a capital da cultura tinha a oferecer: as barracas repintadas e os fornos restaurados do campo de concentração Buchenwald; os esquifes empoeirados de Goethe e Schiller, que podiam ser visitados depois de se pagar dez marcos, bem como suas diversas casas; a coleção pessoal de arte de Hitler, o arquivo Nietzsche e o Museu das Abelhas, além da exposição do jubileu dos cachorros weimaraner, orgulho da Turíngia. Os turistas estavam por todo lado, não havia um só bar que não tivesse um “quarto de Goethe”, em cada banheiro uma placa comemorativa. Passamos o resto do tempo discutindo arte. Os três russos que conheci gostavam de Anselm Kiefer, que tinha alguns quadros pendurados no museu de arte moderna de Weimar. Os russos me perguntaram onde o artista se encontrava agora e o que estaria fazendo. Eu não tinha ideia, só conhecia suas performances de assalto do passado, quando ele passeava com uniforme da SS pela província alemã conquistando uma cidadezinha atrás da outra. Seus quadros ficaram caros de verdade apenas depois que os americanos começaram a se interessar por eles. Eles compraram muitas de suas obras, como *O raio de sol sobre a mesa do Führer* e coisas do gênero.

As mulheres e as águias da coleção de Hitler também nos agradaram. Se eu tivesse espaço suficiente no meu apartamento, e também dinheiro suficiente, penduraria uma coleção de mulheres dessas: nuas, seminuas, meninas com flor, meninas sem flor... A sensação do poder: todas as senhoritas do mundo somente minhas. Fora isso, a coleção era muito eclética. Meus amigos russos ficaram parados na frente de um retrato: um homem idoso de nariz vermelho e olhos inchados de bêbado. Bastante lamentável. O que será que o Führer tinha em mente ao adquirir esse velho? Bom, águias, mulheres, esportistas, paisagens, fábricas, isso tudo dá para entender como aspectos da estética nazista ou algo semelhante. Mas e o velho beberrão? Talvez Hitler tenha passeado feliz ao lado de um lago, o sol estava raiando, e tudo ia muito bem. Daí ele viu o pobre artista, o quadro lastimável e pensou: “Vamos lá, vou comprar o velho e dar uma chance ao moço”. “Também já passei por isso”, disse um dos artistas russos. “Como você sabe que ele comprou a joça?”, replicou outro. “Ele certamente ganhou de presente de um companheiro de partido qualquer. O sujeito apareceu e disse: ‘Adolfinho, eu pintei um negócio aqui, o que você acha?’”. Hitler viu o velho no quadro e respondeu: ‘Muito interessante, a gente sente a vida, mas você ainda precisa aprender bastante.’ O pintor pensou que Hitler estava falando a verdade e se alegrou: ‘Ah, Adolfinho, se você gostou tanto, vou dar o quadro para você. Pendure no seu escritório, vai dar sorte.’” O terceiro russo entrou na conversa: “Passei exatamente o mesmo com Andreiev. Cada vez que

ele vem nos visitar, entra correndo no meu ateliê feito doido e olha se a instalação medonha que ele fez ainda está pendurada lá. Muitas vezes os artistas escravizam os amigos”.

Nós voltamos juntos à exposição do Kiefer, a fim de olhar pela quarta vez a *Operação leão-marinho*. Os russos discutiam: “Esses são alemães, aqueles são ingleses!”. “Não, ao contrário!” Mas Edvard Munch também era bom. Minha tentativa de comprar meias novas em Weimar não deu em nada. Então, o festival acabou.

No caminho de volta, o trem dos artistas, o *Caspar David Friedrich*, parou um pouco antes de Merseburg. Os fios de transmissão superiores tinham fundido e caído. A temperatura do lado de fora era de 38 °C, e da janela enxergávamos a clínica Karl von Basedow. A ventilação parou de funcionar. Depois de dez minutos, as primeiras vítimas foram levadas por duas ambulâncias ao hospital, e já reinava uma alegria frívola. Após meia hora, acabou a bebida do bar do trem. Os viajantes alemães faziam fila na frente do único telefone público, mas as tarifas eram altas demais, e os cartões acabavam rápido. Logo o telefone morreu de vez. Um executivo da empresa ferroviária alemã Deutsche Bahn distribuía, todo suado, notas de cinquenta marcos. O humor geral melhorou imediatamente. Um grupo de estudantes ocupou o vagão-restaurante.

Depois que o próximo transporte de doentes tinha partido em direção à clínica Karl von Basedow, surgiu uma discussão entre os passageiros. O teólogo careca defendia o papa. Uma senhora de mais idade assumiu o papel do intelectual em dúvida: “Eu sou evangélica”, ela disse, “mas depois de tudo o que aconteceu conosco, alemães, o conceito de religião como um todo precisa ser repensado”. O careca insistia que não era possível explicar a atitude do Vaticano a partir da lógica humana. A juventude assumiu a posição mais radical: “Nós vamos acabar com tudo!”. Eles estavam achando o debate tipo talk-show o máximo. “Eu sou luterana-ateia”, disse uma garota, “eu fui transformada totalmente pelos meus pais na igreja.” “Eu sou luterana-católica”, falou outra menina, “por isso digo: nada de sexo antes do casamento.” “Não faça tipo”, criticava o namorado de quinze anos, “afinal, você não é nenhuma Madre Teresa.” Num trem em movimento uma discussão dessas nunca ocorreria. “O homem se lembra de Deus sempre que lhe falta algo”, explicava o teólogo, orgulhoso. Duas horas depois, a energia voltou, e seguimos viagem novamente. Weimar ficou para trás e Deus em algum lugar em Merseburg.

Berlim não é exatamente uma cidade de pobres, mas aqui também há mais e mais camadas desfavorecidas da população, como estudantes de humanas, mães solteiras ou músicos de rua dependentes de drogas. O direito ao seguro social só acontece depois da graduação universitária. Dessa forma, os teólogos diplomados falam com mais frequência com os assistentes sociais do que com Deus. Mas até o estudante que recebe oitocentos marcos por mês de uma bolsa federal, dos quais metade vai para o aluguel, iria vegetar no nível mais baixo do seguro social, se não existissem os trabalhos para estudantes. Mas o que um futuro pesquisador de ciências humanas vai conseguir com uma agência do tipo “Telefone e os estudantes resolvem qualquer coisa”? Meu amigo Sasha, da Ucrânia, que estuda línguas eslavas faz dois anos na Universidade Humboldt, tinha como opção lavar pratos numa churrascaria australiana de crocodilos, lavar os banheiros no museu de Beate Uhse, a rede de sex shops, ou ajudar em tratamentos estéticos numa clínica de beleza. Embora vegetariano, Sasha decidiu-se pelo restaurante de crocodilos e se enojava da manhã até a noite. Por sorte ele logo conheceu a banda russa de rock Embaixo d’Água, que também tinha um negócio de carretos. Ele entrou lá como carregador de móveis.

A ocupação no mercado de mudanças fortalece os músculos de um homem e alarga seu universo espiritual. É conhecer novas pessoas a cada dia, entrar e sair de casas estranhas e fazer contatos. Certa vez Sasha ajudou na mudança de duas mulheres. Elas tinham um estande de nozes de todo o mundo e cogumelos alemães da Saxônia. As duas mulheres, que criavam uma criança, acharam Sasha muito simpático e empregaram-no imediatamente como vendedor. Num piscar de olhos ele trocou o mercado de mudança pelo de nozes. No começo, o negócio era meio misterioso para ele. Uma das mulheres, Melina, era grega e responsável pelas nozes de todo o mundo, enquanto a outra mulher, Sabine, da Saxônia, fornecia os cogumelos. Eles eram trazidos da terra dela, por automóvel. A origem das nozes de todo o mundo era um segredo profissional. Elas ficavam em sacos grandes e precisavam ser classificadas no depósito. Para tanto, as duas mulheres tinham empregado diversos membros da banda de rock da Sibéria Papa Karlo. Para conseguir vender as nozes com sucesso, Sasha tinha de aprender toda a geografia das nozes de cor. Os clientes sedentos por conhecimento no balcão queriam saber de tudo direitinho. “De onde vêm as nozes?”, pergunta um. “Da França”, respondia Sasha. “E as macadâmias?” “Da Califórnia.” “E as castanhas-do-pará?” “Uma oferta do Paquistão.” “E você é de onde?” “Eu venho do sul da Ucrânia”, disse o correto Sasha. “Ah!”, espantou-se o cliente e tentou encontrar uma relação entre a mercadoria e o vendedor. Mas a fantasia dele não conseguiu. Outro achou tudo aqui realmente multicultural e comprou logo um quilo de sementes de abóbora.

No começo, Sasha não trabalhava mais de dois dias no balcão, mas agora que as mulheres vão receber uma segunda criança, durante a licença-maternidade ele pode brincar de dono do negócio.

Uma carreira incomum para um estudante de línguas eslavas em Berlim.

Quando o professor-doutor chegou à Alemanha, ele tinha bem mais dinheiro do que um imigrante médio. Uma vida à base de seguro social não estava em questão para ele. Ao contrário, o professor-doutor comprou imediatamente um Ford Skorpio e adquiriu rápido, com a ajuda de um corretor, um apartamento grande e claro na Knaackstrasse. Em Moscou, o professor lecionava “A Educação da Juventude na Sociedade Socialista”, no Instituto Pedagógico Krupskaja. Além disso, pesquisava o papel de diversos animais domésticos no folclore local.

Seu trabalho científico, que lhe dera o título de doutor e depois virou livro, chamava-se: “O significado da cabra na consciência do povo russo”. Embora membro do partido, o professor não tinha ambições políticas claras. Quer dizer, ele as tinha, mas não de verdade. Ele pensava a respeito, às vezes, de como seria possível organizar melhor tudo no país, mas nunca anotava seus pensamentos e também não comentava sobre eles com ninguém. O professor-doutor era um liberal, como muitos de seus contemporâneos. Quando o socialismo acabou e os novos tempos chegaram, os professores-doutores não perceberam de imediato os perigos de tal situação. Ele poderia lecionar “A Educação da Juventude na Sociedade Capitalista” do mesmo jeito, pensou o homem, ingênuo. Mas não foi isso que aconteceu. Ninguém mais precisava de uma formação dessas, a juventude pegou sua educação nas próprias mãos, e o instituto foi fechado. As salas foram alugadas para os proprietários de uma casa noturna que tocava música techno. O professor-doutor recebia seu salário a intervalos cada vez mais irregulares e, finalmente, deixou de receber. O governo não conseguia pagar de uma só vez todos os funcionários que tinham ficado desempregados. “Primeiro os mineiros”, disse o porta-voz do governo na tv, “depois os médicos.”

O professor-doutor desempregado assistiu a muita tv no começo. Ele queria dessa maneira decifrar as mensagens sombrias dos novos tempos. Ele se interessava principalmente pela nova atração *O que fazer?*, um programa para a *intelligentsia* russa, com poucos comerciais. Sua mensagem, entretanto, era de difícil compreensão. “Vá até a floresta”, aconselhava o apresentador, “recolha cogumelos e frutinhas.” “Vá você à floresta”, retrucou o professor à queima-roupa e desligou o aparelho. Seus amigos liberais diziam que a salvação estava somente na imigração. O professor-doutor empacotou suas coisas, vendeu o apartamento e foi para a Alemanha. Aqui, como meio-judeu, ele encontrou asilo e pôde ficar. Só uma coisa o torturava: não tinha nada para fazer.

Então leu num anúncio, no jornal russo, que uma pré-escola, um jardim de infância russo que acabara de abrir, precisava de auxiliares de ensino. O professor apresentou-se de imediato e foi admitido pelas jovens proprietárias, que lhe ofereceram nove marcos por hora. À noite visitava o vizinho, um alfaiate que também viera da Rússia e na realidade era arqueólogo. Quando se mudou para a Alemanha, onde não havia muito a escavar, ele teve que aprender uma nova profissão. Agora o arqueólogo comprava roupas baratas nos mercados de pulgas, as descosturava e montava novas, transadas, que ele desovava numa butique russa na elegante Kurfürstendamm. Ele sentava-se à máquina de costura todas as noites, e o professor-doutor contava-lhe sua vida infame.

No começo, o arqueólogo ouvia-o com interesse, mas em algum momento ele percebeu que o professor-doutor se repetia com frequência e passou a se irritar de tal maneira com suas histórias que nem conseguia mais costurar bem. “Sabe de uma coisa, meu amigo”, disse ele certo dia ao professor-doutor, “são histórias bárbaras, você precisa anotá-las sem falta, podiam dar um romance ótimo. Conheço uma pessoa que edita livros em russo aqui e eu poderia apresentá-lo a ela.” O professor-doutor gostou da ideia. Dessa maneira, ele reencontrou a razão de sua vida. Por meses se enfiou em seu escritório. Certo dia, na primavera, reapareceu no alfaiate com uma grossa pasta de couro na mão, tirando uma pilha de papéis lá de dentro. “Aqui”, disse ele, “meu romance. Leia-o o mais rápido possível, por favor, mas tome cuidado. Fique com a pasta para que você não perca nenhuma folha. Eu gostaria muito de saber sua opinião.” E se foi. O alfaiate jogou o manuscrito no lixo, pois já conhecia todas as histórias. Depois desmanchou a velha pasta de couro do professor-doutor e fez dela um calção de banho. Assim ele realizou um antigo sonho. É que quando ele ainda estudava arqueologia na União Soviética recebera uma carta dos Estados Unidos. Sua tia, que vivia por lá havia vinte anos, queria visitar a Rússia e perguntava o que ele queria de presente. Ele não conseguia mais se lembrar bem da tia e, naquela época, sua vida de estudante era muito dura. Precisava de tudo. Ele nem tinha um teto direito nem o suficiente para comer. Cheio de amargura, respondeu: “Obrigado, tenho tudo, só não tenho um calção de banho de couro, que seria bem utilizado”. A tia não entendeu a piada direito. Ao chegar a Moscou, ela estava com uma grande caixa de presentes, mas sem o calção de banho. “Sinto muito, rapaz”, ela falou, “revirei os Estados Unidos de ponta-cabeça, mas não encontrei um calção de banho de couro em lugar nenhum. Com certeza saíram de moda entre nós.” Onde quer que o destino o levasse mais tarde, o alfaiate sempre se lembraria dessa história. Agora ele o tinha — o transado calção da pasta do professor-doutor.

Uma vez por semana, o professor-doutor perguntava com cuidado se o alfaiate já tinha lido seu romance. “Estou com muito trabalho”, o alfaiate respondia a cada vez, balançando a cabeça. Mas o professor-doutor não desistiu. Certo dia, ele apareceu de manhã cedo num domingo. Já era verão, o alfaiate estava sentado na varanda com uma garrafa de cerveja na mão e tomava sol. Ele usava apenas um calção de banho — aquele de couro. O professor sentou-se a seu lado e também pegou uma garrafa de cerveja Pilsner de Berlim. “Ah, por falar nisso”, começou a conversa, “você já deu uma olhada no meu manuscrito?” “Sim, sim”, disse o alfaiate, “eu achei tudo o que você escreveu muito impressionante...” O olhar do professor-doutor fixou-se no calção de banho. “Uma nova criação? Engraçado, eu tinha uma pasta dessa mesma cor.” “Bobagem”, disse o alfaiate, “eu conheço a sua pasta, ela é bem diferente.” “Ela é diferente?” “Sim, bem diferente!” O sol brilhava.

O amor pelas línguas estrangeiras pode sair caro. Meu amigo Klaus está há um mês numa prisão russa, mas o que ele queria mesmo era aprender russo. Em Berlim ele sempre ouvia a rádio Deutsche Welle, mais especificamente o programa *Aula de Russo para Crianças de Cinco a Dez Anos*. Duas vezes por semana, durante todo um ano. O resultado foi que ele começava todas as frases com “E agora, meu pequeno amigo...”. Nem no jardim de infância ele teria passado com essa. Klaus precisava urgente conversar em russo com alguém. Eu não tinha tempo e sugeri que ele colocasse um anúncio no *Tip und Zitty* — “Alugo cama por curto tempo a imigrantes russos” ou algo semelhante. Logo o primeiro russo se manifestou, Sergei. Ele tinha vindo para a Alemanha por meio de um programa de intercâmbio de artistas fazia um ano.

Durante seis meses ele tinha apresentado arte russa contemporânea na galeria Bethanien. Depois, o programa acabou. Sergei, entretanto, não queria mais deixar Berlim e decidiu ficar por aqui ilegalmente. Durante o dia, ralava num canteiro de obras, à noite entregava-se à sua paixão, devorando escargots comprados na seção de alimentos da grande loja de departamentos kdw. Nisso ia quase todo o seu dinheiro. Primeiro, Sergei morou numa das casas ocupadas de Friedrichshain. Ele conseguiu escapar no último minuto, quando a polícia deu uma batida na casa. Então, Klaus montou uma cama para ele num canto de seu apartamento de um quarto. “E agora, meu pequeno amigo”, Klaus murmurava todo dia, “você precisa me ajudar a melhorar meus conhecimentos de russo.” Mas a coisa não deu muito certo. Os dois eram muito diferentes, o apartamento era pequeno demais. Klaus, vegetariano convicto, precisava suportar todos os dias os medonhos hábitos alimentares de Sergei. Certa vez ele tentou salvar secretamente um par de escargots. Ele os tirou da tigela que estava debaixo da cama de Sergei e os escondeu no armário.

Um dia Sergei propôs a seu locatário mudar-se por algumas semanas para Moscou, para a casa da mulher dele, a fim de aprofundar por lá seus conhecimentos da língua. Klaus arranhou um visto de imediato e pegou um avião para Moscou. A mulher de Sergei chamava-se Mila e não sabia de nada. Ela tinha um pequeno quarto numa república sem telefone, onde moravam mais cinco famílias. Era uma república muito animada, com três fogões a gás na cozinha, um banheiro e muitas crianças berrando no corredor. Mas quando Klaus entrou, a casa parecia quase vazia. Uma velha tinha acabado de morrer, um encarregado de piscina tinha sido preso por furto, e as crianças tinham ido viajar de férias com os pais.

Apenas um policial, o ciumento amante da mulher de Sergei, estava em casa quando Klaus apareceu. “Bom dia! Eu venho da Alemanha, e agora, meu pequeno amigo, me mostre onde a Mila mora”, Klaus disse a ele. O homem não respondeu nada, deixou o hóspede entrar, mostrou-lhe o quarto de Mila e sumiu no seu. Klaus, cansado da longa viagem, logo adormeceu. À noite, Mila voltou da biblioteca na qual trabalhava e foi de pronto até o quarto do amante. De manhã, os dois brigaram por causa do marido de Mila, desaparecido em algum lugar da Alemanha. O policial achou que Klaus era um rival e, naquela noite, quando Mila entrou no quarto, ele fez mais acusações. Eles brigaram de tal maneira que o policial acabou pegando um machado e matou Mila. Em seguida, trancou a porta por fora e sumiu. Klaus passou

dois dias no quarto até descobrir sangue no chão, que escoava pela fina parede divisória do quarto vizinho. Klaus abriu a janela e gritou: “Sangue no chão, meus pequenos amigos, sangue no chão!”. “Mais um maluco”, murmurou a velha que juntava garrafas vazias no quintal. Mas, em todo caso, ela chamou a polícia. Eles consideraram Klaus culpado e, evidentemente, não quiseram acreditar na história da viagem com fins linguísticos. Apesar do seu passaporte alemão, ele foi preso. Na carceragem, os outros encarcerados apelidaram-no de o homem-do-sangue-no-chão.

O dia chegou — a foto de Markus Lenz está no jornal. Quando o conheci, Markus era um aficcionado colecionador. Ele se interessava principalmente por duas coisas: objetos antigos alemães e, como se descobriu mais tarde, mulheres russas. Em casa, ele tinha um sem-número de livros sobre os germanos, suas tradições e sua religião. Além disso, tinha um cálice da Germânia antiga, duas lanças e um capacete de chifre de carneiro. Quando ele leu no jornal que haviam escavado uma aldeia germânica antiga em Brandenburg, que agora estava aberta à visitação, juntou imediatamente suas coisas e foi embora. Lá, na frente do portão, mudou de roupa e apareceu com uma lança e com o capacete de chifre de carneiro na cabeça, como um germano autêntico que finalmente tinha voltado às suas raízes. Assim mesmo, ele precisou pagar trinta marcos de entrada.

Eu o tinha conhecido na estação de metrô, no Frankfurter Tor, quando Markus, totalmente só e de maneira heroica, tentava desmontar uma balança de precisão, daquelas que informam o peso e imprimem um papelzinho, e levá-la para casa. Eu sempre quis saber como essa balança era construída, e nós a desmontamos juntos. Depois eu o visitei várias vezes em seu apartamento da Senefeldstrasse. Certa vez Markus me perguntou como era a situação da pré-história na Rússia. “Nada boa”, respondi sinceramente, “nossas raízes culturais estão como que podadas, o contato entre as gerações está uma merda. O assim chamado folclore em geral é mantido pelas mulheres solteiras, que se juntam em grupos de canto e dança e excursionam juntas pelo mundo.”

Uma brigada dessas mulheres estava se apresentando à época em Berlim. Elas dançavam e cantavam no palco da Casa da Rússia na Friedrichstrasse. O conjunto chamava-se A Bétula, porque elas enalteciam bétulas e outras madeiras nacionais típicas em suas músicas. “O que se refere à verdadeira história russa, isso naturalmente não sabemos”, contei a Markus. “Exatamente como aqui, exatamente como aqui”, ele retrucou. Ele queria ver a reunião de bétulas sem falta. Fomos juntos. No grande palco, vinte moças, com lenços de cabeça tradicionais, apresentavam uma dança de roda.

Markus ficou encantado. Percebi que ele gostaria de convidar todo o conjunto para sua casa. Já que éramos quase os únicos espectadores, as mulheres também tinham reparado em nós.

Depois da apresentação, Markus queria demonstrar sua satisfação pessoalmente ao conjunto de bétulas, e eu deveria fazer o papel de intérprete. Em menos de uma hora estávamos sentados em cinco num táxi rumo à casa de Markus. As três jovens bétulas que nos acompanhavam chamavam-se Katja, Olga e Sweta e tinham visto Berlim apenas através da janela do hotel. No meio do caminho, compramos as bebidas nacionais de ambos os países — três garrafas de vodca e uma caixa de cerveja. Essa mistura provou, mais tarde, ser um grande erro. Depois que a segunda garrafa de vodca tinha secado e estava embaixo da mesa, Markus decidiu explicar a história da antiga Germânia para as moças. Ele buscou sua lança preferida no armário e ficou manejando a arma na frente do nosso nariz. Por causa disso, uma das moças, Katja ou Sweta, achou que estava sendo atacada. Ela desarmou Markus com a rapidez de um raio e jogou a lança pela janela. Markus, fora de si de tanta raiva, voou para cima dela, os dois corriam para fora e para dentro do apartamento. A polícia apareceu, chamada pelos vizinhos, e tentou apartar a briga.

Na delegacia, Markus registrou uma ocorrência de perturbação da ordem contra a moça. Ao mesmo tempo, ela registrou uma queixa contra ele por sete coisas, entre elas tentativa de estupro e de assassinato. Markus gritou que a moça da bétula era a culpada por tudo.

Os policiais resolveram o caso de maneira não burocrática e nos aconselharam simplesmente a nos afastarmos o mais rápido possível. Markus foi algemado na porta da delegacia até se acalmar. Um homem que se apresentou como repórter do jornal *Berliner Zeitung* e que estava ali por acaso foi falar com ele, querendo saber o que tinha acontecido. “Baderna”, respondeu Markus, curto e grosso. O repórter não pensou muito, pegou a câmera e tirou algumas fotos dele. No dia seguinte, era possível ver o algemado Markus no *Berliner Zeitung*. Embaixo da foto havia apenas uma frase: “A polícia de Berlim age de maneira dura contra criminosos iugoslavos”.

Vida dupla em Berlim

Lá de onde venho, a vida não é adequada para ser vivida. Por causa do vento forte e da péssima interligação dos meios de transporte, cada ação se torna incrivelmente penosa. Já aos catorze anos estamos muitas vezes inacreditavelmente cansados, descansar de verdade é possível apenas com quarenta e cinco. Frequentemente a gente vai às compras e não volta mais, ou a gente escreve um romance, percebe de repente na página duzentos que a coisa toda ficou muito enrolada e começa tudo de novo. É uma vida atemporal, e uma das suas maiores excitações é a possibilidade de morrer na própria cama.

Aqui é bem diferente, onde, sob algumas condições, é possível levar várias vidas ao mesmo tempo, a própria e a de outro. Para pessoas que gostam de uma vida dupla, Berlim é a cidade ideal. Aqui, nada é o que parece. Recentemente vi a consultora de investimentos do meu banco — uma mulher simpática e rechonchuda com o nome “Wolf” no crachá — apresentando-se com outras dançarinas num audiobalé em um dos muitos palcos de Berlim. A cada dois dias ela veste um tutu de acrílico, no qual estão embutidos aparelhos de gravação e de reprodução. Depois, a senhora Wolf mexe um pouquinho o quadril, seus movimentos são gravados e transformados numa espécie de música que vem do tutu e que dá o ritmo para a dança do grupo. A senhora Wolf pula como uma doida no palco junto com outras analistas de investimento e esquece totalmente de si. No ano passado, elas participaram de um festival de audiobalé no Japão e ganharam um prêmio.

Conheci o senhor Heisenberg no Centro de Intermediação de Empregos, na época em que fiquei desempregado por um longo tempo. Sua tarefa era convencer pessoas de profissões de difícil colocação, como atores, regentes ou teólogos, a mudar de área a partir de um curso de formação profissional. O senhor Heisenberg gostava de conversar sobre isso com cuidado. “Eu sou um grande fã da arte”, ele me disse, “e gosto do fato de podermos apreciá-la em cada esquina. Mas eu o aconselho a arranjar uma profissão séria com urgência, como assistente administrativo ou marceneiro, por exemplo.” A cor da sua gravata combinava perfeitamente com o carpete de seu escritório. Heisenberg soava muito convincente e estragou totalmente meu humor pelo resto do dia. Por acaso, nessa dia eu tinha prometido à minha mãe mostrar-lhe a noite de Berlim. Ela esperava por isso fazia tempo. Pouco depois da meia-noite acabamos num clube gay em Berlim Mitte, onde contei para ela a frustrante conversa sobre emprego que eu tinha tido. De repente, descobri Heisenberg num canto. Ele estava de jeans, blusão de couro amarelo e, em volta do pescoço, tinha uma grossa corrente dourada. Um jovem tailandês sentava-se sorridente no seu colo. Os olhos de Heisenberg brilhavam. “Aliás, lá está ele, meu conselheiro profissional”, disse à minha mãe, que se virou discretamente, depois balançou a cabeça e falou algo como “porcaria”.

Meu conhecido, o executivo russo Hensel, que vende carros alemães por atacado para a Suécia, foi atropelado no verão passado por um rinoceronte e quase morreu pisoteado. O amigo dele, um engenheiro da Siemens em posição de liderança, tinha atizado o rinoceronte, enquanto Hensel, que não sabia de nada, estava preparando um café da manhã a cem metros de distância. O rinoceronte foi para cima primeiro do engenheiro da Siemens. Esse, capacitado a agir rapidamente em situações difíceis por causa do emprego, subiu de imediato numa árvore. Em seguida, o rinoceronte escolheu o comerciante de carros,

e a geleia voou pra tudo quanto foi lado.

Hensel passou várias semanas no hospital, e sua peregrinação até o Himalaia miou. Ele quer retomá-la, agora num safári, na primavera. Ele e o engenheiro acreditam que só na África é possível vivenciar aventuras assim. Enganam-se. Talvez não haja rinocerontes perturbados em Berlim, mas aqui na selva da cidade grande os perigos estão em todos os lugares. A sociedade de serviços concretiza os sonhos mais selvagens, até pelo telefone. Aliás, persiste a suspeita de que as vitrines pesadíssimas das Galeries Lafayette, na Friedrichstrasse, não vieram abaixo por causa de um serviço malfeito, mas porque alguém assim o solicitou. Em virtude do raciocínio rápido de um pedestre, ninguém se feriu.^[1] A janela já era, mas a noite estava salva.

Meu antigo conhecido Andrei, proprietário provavelmente da única cadeia de mercearias russas em Berlim, a Kasatschok, quer acabar com seu próspero negócio e emigrar para os Estados Unidos com a família. Os motivos dessa decisão são mantidos em segredo. Talvez ele não se entenda mais com o fisco alemão, ou talvez não tenha conseguido concretizar todas as suas ambições imperialistas na Europa. Pois, nos últimos tempos, Andrei tornou-se um inescrupuloso executivo. E olhe que somente há nove anos lançamos a pedra fundamental da sua carreira, ao mudarmos de Moscou para Berlim.

Nosso primeiro ponto comercial localizava-se na frente do portão de entrada da estação Lichtenberg. Andrei, Mischa e eu morávamos na época num apartamento de um quarto no abrigo de estrangeiros de Marzahn. Mischa e eu ainda não tínhamos objetivos de vida claros e gostávamos de tocar violão na cozinha, à noite. Andrei até que tocava violão bastante bem, mas já tinha um objetivo em mente: ele queria se tornar milionário de qualquer maneira. É que ele já era um tanto mais velho que nós, tinha 31.

Gostamos de sua primeira ideia para enriquecer. Naquela época, recebíamos apenas 180 marcos do governo alemão por mês, e Andrei prometeu triplicar essa quantia. Nós juntamos nosso dinheiro e fomos às sete da manhã para Wedding. Lá, compramos três mochilas cheias de cerveja Hansa e latas de Coca-Cola no supermercado popular Aldi e carregamos as coisas até a estação Lichtenberg. Naquele tempo, o capitalismo ainda não tinha chegado totalmente a essa região, nós éramos praticamente seus precursores. Vendíamos as latinhas a 1,20 marcos cada. Ao nosso lado havia outros precursores: uma família alemã-oriental que vendia sanduíches de ovo e presunto. Ela se orgulhava muito de sua manufatura e não nos suportava, porque a seus olhos éramos apenas interesseiros que queriam fazer dinheiro rápido. A família sabia que uma lata de cerveja Hansa custava 43 *pfennige* no Aldi, e que pedíamos três vezes mais, Andrei até quatro vezes, enquanto eles montavam seus sanduíches com suor e trabalho. O interessante foi eles terem sido expulsos, exatamente esses artesãos honestos, por uma batida da Secretaria de Saúde que apareceu por lá. A família dos sanduíches tinha as mãos sujas demais, além disso sua carteira de saúde estava vencida, e a mercadoria não estava embalada de acordo. Nesse meio-tempo, fizemos de conta que éramos beberrões que viviam por ali, na estação, e não chamamos a atenção da batida. Eles nem imaginaram que fôssemos comerciantes.

O negócio ia bem: tínhamos muitos clientes de carteirinha, como as sempre sedentas testemunhas de Jeová e os cientólogos engomadinhas, que recepcionavam todos os trens vindos do Leste Europeu, a fim de cair matando em cima dos ainda um pouco desorientados estrangeiros e convertê-los imediatamente a seu credo. Muitos passageiros, aportados pela primeira vez no cais do capitalismo, pensavam que esses piqueteiros do Senhor simplesmente faziam parte do cenário. Os estrangeiros desorientados eram nossos melhores clientes, assim como uma porção de ciganos e africanos, que também desenvolviam seus negócios na estação. E não podemos esquecer: os turistas japoneses.

Mas Mischa e eu éramos muito impacientes: não queríamos dedicar mais de uma hora ao negócio, por isso sempre tínhamos ofertas especiais, ou bebíamos o estoque nós mesmos. Aliviados, voltávamos a

Marzahn. Por isso, muitas vezes nosso lucro era uma dor de barriga e uma leve ressaca, em vez de dinheiro.

Andrei agia de maneira oposta. Ele quase nunca bebia e podia ficar metade da noite na estação por duas latas não vendidas. Se o negócio não caminhava bem, até elevava os preços de 1,80 para 2,50 marcos. Ele tinha uma estratégia de vendas própria. Fazia muitas experimentações com seu estoque. Às vezes comprava no Aldi um quilo de chiclete, às vezes duas dúzias de barras de chocolate, que ele expunha de maneira bem-arrumada ao lado da cerveja e vendia por cinquenta *pfennige* a unidade. Ele economizava, alimentava-se basicamente de müsli e fazia a contabilidade das entradas e saídas. Logo ele tinha juntado dinheiro para a primeira tv, que levou pessoalmente de trem para uma feira na Polônia. Voltou com um lucro de cem marcos. Na viagem seguinte, levou um aparelho de som.

Passado um ano, Mischa e eu ainda tocávamos violão na cozinha, enquanto Andrei tinha aberto sua mercearia na Dimitrowstrasse e era dono de um fusca. Ele fazia as coisas de maneira totalmente científica e realizou uma pesquisa nas redondezas da loja para descobrir o que deveria oferecer prioritariamente. De acordo com essa pesquisa, seu estoque era composto basicamente por: Jägermeister, Berliner Pilsner e o jornal *Bild am Sonntag*. Mas ele queria mais e acabou enchendo a loja de variedades, como, por exemplo, lâmpadas elétricas e kits de costura. E também passou a ter produtos alimentícios russos. Um pouco depois, ele se casou com uma mulher de São Petersburgo. Ela acabou dando à luz um menino, que ele chamou de Mark. Andrei nos contou que ele sonhava com uma família grande e que queria muitos filhos. Mischa observou que Andrei deve batizar o próximo filho de Pfennig, mas, do jeito que as coisas vão, acho mais provável que ele se chame Dollar.

Stalingrado

Faz algum tempo que moram em Berlim muitos russos que, candidatos perfeitos ao desemprego a longo prazo, têm novamente uma ocupação. A palavra mágica é “Stalingrado”. Agora, na forma de filme, o *Círculo de fogo*.

Na produção cinematográfica de 180 milhões de marcos de Jean-Jacques Annaud, os russos fazem os papéis dos russos. Embora Annaud pague os menores cachês de figurantes da Europa, eles todos estão inteiramente ocupados por algum tempo. É que eles precisam conquistar Stalingrado, que agora está sendo reconstruída em Krampnitz, perto de Potsdam. Pelo menos três atores russos conhecidos meus estão convencidos de que foram escolhidos por Annaud para o papel principal do verdadeiro atirador Vassili. Os três tiveram a honra de poder falar pessoalmente com o mestre, e os três já marcaram os dias de filmagem respectivos em suas agendas. Acho que todas as empresas de *casting* de Berlim procuraram atores para Stalingrado. Eu também recebi uma ligação dessas: “Por favor, envie-nos uma foto sua, 30 × 40 cm, preto e branco”, me pediu uma voz feminina. “Mas eu nem sou ator”, retruquei. “Então o que você faz?”, a voz soava surpresa, a mulher do *casting* devia achar que todos os russos por aqui são atores. “Eu sou zelador”, disse em pro-testo. “Bem, ok, envie-nos mesmo assim uma foto sua, 24 × 30 cm, preto e branco, e, mais uma coisa, você conhece uma russa realmente velha, lá pelos noventa?” Eu conhecia uma, mas a mulher já tinha ouvido falar dela.

Esse filme já está causando furor desde o início das filmagens — e não somente aqui. Recebi há pouco uma notícia de Moscou de que o gigante do cinema russo, Nikita Mikhalkov, em resposta ao projeto de Annaud, está conjecturando produzir o maior e mais caro filme russo de todos os tempos: *A conquista de Berlim*. No momento, estão sendo feitos contatos com o governo e o Exército, a fim de se conseguir verbas e permissões. A Berlim devastada deve ser reconstruída na capital tchetchena, Grosni, e todos os veteranos de guerra podem atuar de graça. Evidente que o filme russo não pode ficar tão caro assim, pois os russos têm os canhões originais e a população civil original, que eles podem aniquilar — e, dessa maneira, estão com o realismo autêntico do seu lado. Mikhalkov tem uma fortaleza na Rússia, com a qual Annaud só pode sonhar.

Certamente os dois filmes farão sucesso e as bilheteria vão tilintar, pois existem muitas pessoas que gostam de coisas assim. Os americanos, por exemplo. Tive uma confirmação disso ontem por parte de uma conhecida, que era atriz e que agora atende no telessexo russo em Berlim. Os alemães vivem ligando lá. Faz pouco tempo ligou um velho. “Telessexo russo?”, perguntou ele. “Certo. Mas nada de ‘Estou me despindo lentamente’ e ‘Como seu pau é grande’! Nada dessa merda! Não gosto disso. Escute: Nós estaremos no ano de 1943 num campo minado próximo de Stalingrado. O frio é de cortar, o ar tem cheiro de pólvora. Ao longe, escutamos os tiros. Você se chama Klawa, você é loira, gorda e está deitada na neve. Você está vestindo apenas coturnos e um quepe. Eu, de uniforme do líder do grupo de assalto das, vou até você. Açããããoooo!”

Nós precisamos ajudar o cinema alemão a se manter ativo, pensávamos. Juntos, temos a força: o diretor Annaud, a mulher-múmia, Shakespeare Apaixonado, o detetive particular de Roger Rabbit, um mágico búlgaro, duzentos dublês e eu, todos ocupados nas filmagens de *Círculo de fogo*.

Às cinco da manhã, reunimo-nos todos na praça Fehrbelliner, e de lá somos levados de ônibus para Krampnitz até a turma de Krushev. Conheço o Krushev, ele é ator de *Roger Rabbit*. Ele está sentado sozinho num banquinho da sala de espera e se entedia. Vou até ele: “How are you? Como vai o Roger Rabbit?”. Imediatamente a assistente do diretor me toca da sala. É que os figurantes não podem se dirigir aos astros. Que bobagem! Hoje o dia está meio parado, cerca de quarenta figurantes, na maioria russos, circulam pelo lugar. A cena da transa precisa ser filmada, me dizem. Já é a terceira em uma semana. Isso todo mundo já entendeu: nesse filme de guerra não é tanto a batalha que importa, os tanques e os aviões servem apenas de decoração para um complicado relacionamento amoroso: Tanya, a mulher-múmia, ama o atirador Vassili, mas dorme com o Shakespeare Apaixonado, e sempre que isso acontece há muito barulho lá fora. E Roger Rabbit sofre de solidão. Ele ama Tanya e passa o tempo todo xingando Stálin, como se esse último tivesse culpa por Roger estar sempre sozinho.

Quase perdi o café da manhã. Já está na mesa desde as seis. Hoje tem ovos com presunto, sanduíches, café e chá. Todos os extras gostam e se preparam para um longo tempo sentados e muita espera. Para muitos russos, *Círculo de fogo* tornou-se ocupação de toda a família. Os homens participam das cenas de batalha, as mulheres fazem os papéis de secretárias na equipe de Krushev, e as crianças ficam andando para lá e para cá.

Antes de a cena de amor começar, a cidade é bombardeada como se deve. Assim é em *Círculo de fogo*. Durante o bombardeio preciso me esconder atrás de um grande armário de cozinha e ficar com medo. O armário é uma peça valiosa, antiga mesmo e entupida de sacos de folhas de louro cheios de inscrições em russo. As folhas de louro não fazem muito sentido nesse contexto, mas a tia responsável pelos cenários não sabe mesmo ler o que está escrito neles, o que importa é que seja algo em russo. O bombardeio começa com uma grande perícia técnica: um técnico sacode o armário de cozinha, outro joga poeira em cima de mim. A assistente do diretor está insatisfeita. “Você não está com medo o suficiente”, acha. “Imagine que hoje é o último dia da sua vida. Será que você consegue fazer uma cara apropriada? Não fique tão duro!” “Por treze marcos a hora eu não vou fazer caretas!”, protesto. “Já é o bastante eu estar sentado todo empoeirado atrás desse armário de folhas de louro. Para as caretas você tem o Roger Rabbit.” Começou uma guerra de salários. Finalmente sou substituído e vou até os outros figurantes, que estão jogando cartas do lado de fora.

A cena da transa é filmada como jogo de sombras através de uma barraca. Ao lado da barraca, nós, os soldados, estamos jogando cartas. O mágico búlgaro nos mostra alguns truques com as cartas e conta como o governo alemão comprou sua libertação de uma prisão búlgara no passado por 35 mil marcos. “Um bom acordo”, acha o búlgaro. Seu colega alemão diz que foi dinheiro jogado fora. Os russos fazem um silêncio respeitoso. A assistente do diretor chega e pergunta se alguém está disposto a mostrar o

traseiro para a câmara, são 250 marcos extras. Os russos se constrangem, o búlgaro também. Apenas o alemão está a fim. Seu traseiro é filmado por duas câmeras — por trás e pelo lado. A cena é a seguinte: enquanto a mulher-múmia se entrega aos prazeres da paixão na barraca com o Shakespeare Apaixonado, os jogadores de cartas do lado de fora têm seu próprio prazer. Os perdedores precisam apagar cinco velas com um peido. São esses os autênticos costumes russos. Os trinta soldados têm de se divertir como loucos, mas eles apenas se envergonham.

“Eu preferia ter feito o papel de um oficial alemão”, diz Grisha para mim enquanto se empanturra de caviar preto. Grisha é o único ator russo que conseguiu um papel minimamente decente na filmagem de *Círculo de fogo*. Ele faz o papel de um oficial soviético do politburo, foi escalado para três dias de filmagem e ganhou 10 mil marcos.

Grisha é um homem sábio: “É preciso dar um desconto aos alemães nessa produção cinematográfica engraçada”, acha. Nós estamos no escritório de Krushev, as filmagens acabaram de terminar. Ontem foi filmada aqui a cena “Os oficiais russos no café da manhã”. Na kdw, a cenógrafa comprou uma porção imensa de peixe e muitos quilos de caviar a 4 mil marcos o quilo, além de cinquenta garrafas de um champanhe soviético antigo. A mesa do café da manhã foi montada com essas e outras coisas geniais. Mas os atores não comeram nem beberam nada disso. Logo após, a cena seguinte foi montada pela cenógrafa: “Os russos acabaram de comer”. Para tanto, ela espalhou o caviar e o peixe em porções iguais por toda a mesa e fez uma meleca com as mãos, como se uns porcos selvagens tivessem andado lá em cima. Num *grand finale*, ela derrubou o champanhe sobre a decoração, para que até o mais imbecil notasse: aqui os bárbaros montaram uma orgia, bem no meio da guerra.

Agora, Grisha e eu estamos ao lado dessa mesa e nos servimos discretamente, antes que tudo termine na lata de lixo. “É preciso dar um desconto aos alemães”, Grisha continua, “porque, no passado, eles sofreram uma derrota digna. Já chegamos novamente ao final de fevereiro e lá fora já está 14 °C positivos. Em Stalingrado, com 24 °C negativos, eles certamente não passaram bons momentos com esses uniformes fininhos. Foi quase uma expedição suicida. Eles deviam ter, naquela época, assaltado a kdw.” Subitamente o meu amigo tossiu. Ele acabou de se engasgar de novo com uma pinta do Krushev. As pintas falsas do ator hollywoodiano Bob Hoskins, que interpreta Krushev, vivem caindo. Ele tem um rosto muito elástico, e os maquiadores precisam retocá-lo a toda hora. Para tanto, seguem um grosso livro americano sobre Krushev que mostra, com muita precisão, quais pintas o russo tinha e em que lugar.

“Pena que eles derrubaram o champanhe”, disse Grisha. “Mas, e daí, os ianques não são bebedores de champanhe, eles preferem cerveja.” “Os russos também gostam de cerveja”, retruco. “Os russos bebem tudo, eles também não fazem muita cerimônia”, diz Grisha. Eu continuava a raspar o café da manhã de Krushev e não aguentava mais. “Chega de falsa modéstia, nós não podemos admitir que todas as coisas boas sejam descartadas. Devemos isso a nossos pais, que um dia tomaram Stalingrado de assalto”, polemizei com o oficial do politburo Grisha. “Mas isto é uma produção de cinema calcada no desperdício, eles vão comprar coisas novas e jogar tudo fora de novo. Por que você acha que esse filme está sendo rodado?”, tentei abrir os olhos do meu amigo. “Como por quê? Por estupidez, é claro”, ele disse. “Por *Schadenfreude*”, afirmei, “um traço de comportamento típico da civilização ocidental.” “Preciso dizer isso aos meus colegas americanos.” Grisha pensou por um instante e continuou a mastigar. “Como é que se diz *Schadenfreude* em inglês?” “Não sei, preciso procurar no dicionário.” Um pouco depois encontramos um dicionário alemão-inglês na cenografia. *Schadenfreude* em inglês é

schadenfreude.[\[2\]](#)

A sociedade moderna destrói as boas maneiras das pessoas. Para que a vida em comum não se torne totalmente insuportável, os países democráticos criaram novas regras artificiais. A última novidade nesse setor é o politicamente correto.

Nos Estados Unidos, o país das leis infinitas, as mulheres, por exemplo, ao sabor do vento da igualdade, podem, faz algum tempo, andar de peito de fora no metrô de Nova York. Ao mesmo tempo, os outros passageiros estão proibidos de ficar encarando as tetas peladas. Isso é considerado “politicamente incorretíssimo” e pode ser delatado na polícia.

Dois atores russos participam da encenação de *Titus Andronicus* no Berliner Volksbühne. No mais sangrento e violento drama shakespeariano, os protagonistas são constantemente esquartejados. Um sem-número de pernas, mãos, línguas e outras partes importantes do corpo é cortado no palco. Os principais agentes do mal, os bárbaros, são interpretados pelos russos. Pois parece que todos sabem que os bárbaros são aqueles que vêm de longe e que falam alemão com sotaque.

Em Nova York, não se pode chamar os mongoloides de mongoloides. Na língua do politicamente correto são “pessoas com aptidões alternativas”. Existem muitos livros e filmes de Hollywood que tocam no assunto da “aptidão alternativa”. Todo um segmento da indústria surgiu daí. Via de regra, as pessoas de aptidões alternativas trabalham em lojas de departamentos e supermercados, ficam nos caixas embalando as mercadorias compradas. Eles sempre são simpáticos e nos lembram Forrest Gump e Rain Man. Mas os Rain Man nova-iorquinos têm uma mania esquisita: ao embalar, eles sempre empurram primeiro as frutas e as verduras no saquinho, as latas e as garrafas de uísque vão por cima. Os americanos, que já estão um pouco acostumados às coisas politicamente corretas, não se irritam nem um tíquinho com isso. Ao contrário, como são pessoas modernas e abertas, podem compreender totalmente a lógica, a princípio estranha, daqueles com aptidões alternativas: os mongoloides não agem desse jeito para estragar o prazer de consumo dos outros. Eles querem apenas pegar primeiro na mão as coisas mais bonitas e de toque mais gostoso — os tomates vermelhos quentinhos, os pimentões. Por último, pegam as mortas, frias, as insignificantes latas de azeite e as garrafas. Eles não avaliam as coisas por peso, mas por outras categorias muito mais estéticas.

Faz pouco, num teatro de Berlim, uma atriz africana negra perguntou ao diretor o que ele tinha na cabeça quando lhe ofereceu o papel do diabo. O diretor respondeu que tinha levado em conta alguns traços de caráter da mulher. “Interessante”, disse a atriz, “eu vivo faz cinco anos na Alemanha, já participei de três montagens teatrais e sempre fui escolhida para fazer o papel do diabo.” “Acalme-se, Marie-Hélène”, disse o diretor, passando a mão no seu farto traseiro, e riu delicadamente, “isso não tem nada a ver com o fato de você ser negra.”

Abrangente relatório de uma testemunha ocular

Em 6 de novembro, o bar Zapata promoveu uma noite dançante com sucessos russos, chamando-a de “Danças selvagens no dia do aniversário da grande Revolução de Outubro”. Graças à propaganda da Radio Multikulti, a “balada russa” agradou em cheio ao numeroso público presente.

O Zapata estava transbordando. De acordo com as contas da mulher do organizador, que estava no caixa, tinham vindo trezentos pagantes. A entrada custava sete marcos, e foi exigida sem piedade de todos os visitantes pela mulher do organizador. Infelizmente, muitos russos se mostraram não cooperativos nesse setor. Eles queriam dançar loucamente, e de graça, mas não conseguiram argumentar bem todos ao mesmo tempo. Dessa forma, a entrada ficou entre quatro e sete marcos, de acordo com a aparência e a insistência do cliente. O público era jovem e internacional. Também estava presente a televisão espanhola, que é provável que a equipe tenha se perdido na Oranienburger Strasse e chegado ao bar sem querer. Um grupo de antigos turistas japoneses, que havia mais de meio ano era considerado sumido, apareceu novamente. A editora do *Berliner Zeitung* achou tudo muito excitante e afirmou que só os russos conseguem fazer festas tão legais. Mesmo assim, ela logo se sentiu um pouco mal e passou a pedir constantemente por bebidas curativas, como chá de camomila ou de hortelã, que não são servidas no Zapata.

Apesar do grande número de pagantes, o gerente do Zapata estava decepcionado com os russos, porque eles não beberam tanto quanto esperava. O faturamento do bar ficou a desejar, e as cinco caixas da estranha bebida Puchkin Light, que ele tinha em estoque fazia mais de um ano e que finalmente queria desovar, não venderam bem. Visto que a maioria dos convidados ficou bêbada em pouco tempo, o gerente supôs que, de acordo com uma antiga tradição, muitos russos tinham trazido sua bebida de casa, e ele não estava tão errado assim.

Os organizadores tentavam repetidas vezes passar às massas dançantes o sentido e o significado da Revolução de Outubro e, ao mesmo tempo, fazer valer os valores do internacionalismo e da compreensão entre os povos, por exemplo nas chamadas para a tal de “dança branca”, na qual as damas escolhem os cavalheiros. Nisso, muitas russas solteiras encontraram seu destino, à medida que encontravam novos namorados ou parceiros, ou conheciam pessoas interessantes. Dessa forma, a editora russa da Multikulti, depois de quatro horas de dança selvagem, conseguiu arrebanhar um fortão, de cerca de 1,90 metro, quase careca, que se apresentou como executivo do canal de televisão Pro-Sieben. Na tentativa de levá-lo para casa, porém, o homem murchou. A editora pôs a culpa no canal, porque já era o terceiro executivo da Pro-Sieben que ela tinha conhecido em meio ano e que tinha sumido de uma hora para outra. Outra mulher conheceu um jovem cineasta de Potsdam, e este continua ligando para ela todos os dias.

Mesmo depois de seis horas de danças selvagens ninguém queria ir embora, mas a equipe de djs estava totalmente exausta e terminou a música às quatro e meia. Devido ao sucesso, os organizadores querem promover outra noite dançante: “Balada russa: dança selvagem na véspera do Natal”. O convite é extensivo a todos,

Cordialmente,

Os Organizadores

Com os termômetros subindo, o clube de mulheres, uma das seções mais ativas da comunidade judaica de Potsdam, organizou faz pouco tempo uma grande festa de primavera. A moderna igreja luterana em Kirchsteigfeld mostrou-se o lugar adequado para tanto, seu pastor para lá de tolerante compreende quase tudo no mundo e já não se espanta mais com nada.

Como anunciado, a festa começou com um desfile de moda. Uma famosa designer e ao mesmo tempo ativista do clube de mulheres tinha criado as roupas especialmente para uma coleção primavera-verão destinada a moças autoconfiantes. Os vestidos eram todos cortados a partir do princípio “nada em cima”. A designer tinha usado muita criatividade em sua coleção, mas pouco tecido. Sob o aplauso do público, as jovens desfilaram de peito nu pela passarela montada pelos agregados masculinos do clube de mulheres. A revista do evento dizia que a coleção primavera-verão já tinha sido mostrada em Nova York, Sydney e Londres, ou seja, quase no mundo todo, e que tinha feito muito sucesso em todos os lugares. A apresentação seguinte do balé infantil Penas Arrepiadas, com a dança dos pequenos cisnes, agitou ainda mais o público. Apenas o pastor ficou na sua. O homem de Kirchsteigfeld já devia ter passado por outras em sua vida.

Depois do balé infantil, começou o coro misto dos imigrantes russos e russos-alemães com um novo repertório: “Nós vamos bem, obrigado”. Eles cantaram versos satíricos de composição própria, um costume tradicional russo. Essas sátiras têm um grande significado social na Rússia, porque em geral expressam a voz do povo, de uma forma bem exagerada. O alvo da sátira do coro eram vários funcionários do Serviço de Assistência Social de Potsdam e autoridades da Imigração, e os imigrantes judeus e os russos-alemães eram exortados a se unir e consolidar sua amizade. Afinal, ambos tinham um passado comum, a União Soviética.

Como próxima atração, surgiu no palco um homem que já era conhecido, fazia algum tempo, pela alcunha de “O Tradutor” na cena dos imigrantes de Potsdam. Há anos esse homem traduz o mais famoso dos poetas russos, Pushkin, e sempre o mesmo poema. Chama-se “Ao poeta”. Pushkin dedicou o poema a si mesmo. Agora, “O Tradutor” o apresentava numa nova versão, moderna, na qual tudo rimava: “Não cace aplausos, meu amigo/ Fique frio, fique calmo até o fim/ Deixe seu espírito caminhar livre contigo/ E suas realizações vão florescer, enfim”.

No final do evento do clube de mulheres da comunidade judaica, todos os participantes comeram juntos: as moças de peito nu, o balé infantil, o coro misto da comunidade judaica, o tradutor de Pushkin, além de outros passantes eventuais que tinham visto luzes numa hora adiantada na igreja de Kirchsteigfeld. Todos se reuniram ao redor da mesa com as comidas e as bebidas. Havia excesso de pão de mel e vinho. Apenas o pastor evangélico ficou sentado sozinho no seu canto. Mesmo depois da última dança do ventre, quando finalmente os últimos foram para casa, ele não se mexeu. É bem provável que tenha ficado sentado por lá a outra metade da noite, pensando sobre tudo o que tinha acontecido nesse dia.

Às nove da manhã alguém tocou a campainha. Pulei da cama, pus a minha cueca vermelha favorita e abri a porta. A polícia, novamente. Era um senhor de uniforme verde e um revólver grande na cintura e um olhar um tanto torto. Eu já o conhecia, o Columbo de Prenzlauer Berg. “Você entende alemão?”, ele sempre me perguntava. “Certamente, inspetor, entre.” Assumi inconscientemente e de imediato o papel do assassino. “Espero não estar perturbando”, murmurou Columbo ao ver minha família semivestida sentada na cozinha. Minha filha de três anos sugeriu no ato que ele jogasse com ela. “Não, querida, o tio não veio brincar.”

O negócio era o seguinte: havia uns três meses, uma arma de fogo foi disparada do pátio interno de nosso prédio. A bala perfurou a janela de um apartamento vago no terceiro andar. Minha mulher e eu estávamos vendo televisão nessa hora, acompanhando *Braddock: o super comando* no Pro-Sieben. Na tela, Chuck Norris voltava a disseminar morte e intimidação entre os vietnamitas por causa de sua família desaparecida no sudeste da Ásia. Nosso prédio na Schönhauser Allee é metade habitado por vietnamitas e metade por latinos, que nunca se cansam de dançar “Guantanamera”. Nosso prédio é bem barulhento, e lá fora, sem dúvida, também. Na televisão, Chuck Norris tinha acabado de atirar em dúzias de vietnamitas, que não se conformaram e atiraram de volta. Acima de nós, os latinos se agitavam, pondo novamente “Guantanamera” para tocar. Lá fora, os felizes maquinistas levavam os últimos trens do metrô para a garagem. Em algum momento, atiraram no pátio interno. Não prestamos muita atenção.

É possível que Columbo esteja levando tudo isso muito a sério. Desde então, ele aparece toda semana em nosso pátio. Anda de lá para cá, mede as distâncias e cutuca as folhas do chão. Às vezes, fica parado num canto e olha pensativo para o céu. E sempre visita alguém no prédio. Dia após dia ele sabe mais coisas sobre nós, agora nem mais a cor da minha cueca é segredo. “Será que foi uma espingarda de ar?”, tento minimizar o caso. “Então deve ter sido uma espingarda de ar danada de grande!”, retruca e aperta magoado os olhos. Dá para notar que ele está colado na pista do criminoso. “Vocês perceberam algo estranho nos últimos tempos?”, ele nos pergunta. Ele consegue me deixar constrangido com essa simples pergunta. Como posso explicar a ele que em nosso prédio quase todos os inquilinos se parecem com psicopatas? Não, não falo nada disso para o Columbo. Prefiro me calar. E faço de conta que estou pensando em algo “estranho”: “Não, na verdade, não percebi nada”. O inspetor então se despede: “Aqui está meu cartão”. Ele para mais uma vez na altura da porta. “Ah, esqueci completamente: o carrinho de bebê no pátio é de vocês?” “Não, não é nosso.” Eu já lhe falei isso uma vez, sem querer, e agora preciso manter essa versão. Assim que ele se foi, peço à minha mulher para não se esquecer de que o carrinho no pátio não é nosso, caso ele volte. Logo em seguida, começa a nevar. Olho pela janela. Columbo voltou ao pátio — e está feliz. Está feliz! Compreendo o motivo da sua felicidade, logo será inverno e haverá neve por toda a parte, na qual os criminosos vão deixar suas pegadas. Agora, cedo ou tarde, ele vai nos pegar.

Há algum tempo, nas agências de turismo russas, Berlim é considerada uma dica secreta, especial para os ricos. Lá é possível se divertir loucamente, dizem. Num guia russo sobre Berlim, os agentes de turismo usam nos seus anúncios o slogan: “Hasteie sua bandeira pessoal no novo Parlamento alemão — conheça Berlim e conquiste-a”.

Meu velho amigo Sasha, que estuda alemão na Universidade Humboldt, recebeu há algum tempo a tarefa de atualizar esse guia de Berlim. Nada dramático, apenas algumas novas dicas secretas como Potsdamer Platz e coisas assim. Indeciso, ele veio falar comigo. Os russos ricos têm pouco tempo, por isso os velhos guias da cidade só mostram viagens de um dia, no máximo três. Tudo precisa ser rápido. Numa viagem de cinco dias, para turistas especialmente pedantes, o viajante é até enviado aos diabos, ou seja, até Potsdam — fora de Berlim. “Uma maravilhosa paisagem, com muitas esculturas, lugares para comer e cachoeiras” é o que está escrito na edição russa sobre Potsdam. “Deve-se visitar também o Castelo de Sanssouci, construído em 1744 pelo rei Friedrich ii. Também vale a visita à cantina local, que serve porco grelhado com bolinhos de bacon e repolho roxo com maçã. A galeria de quadros do castelo também é memorável; ali estão pendurados quadros de Caravaggio e Rafael, mas não disponíveis para venda. Atenção: mesmo com extrema sede, não beba água da cachoeira, risco de intoxicação.”

As orientações para as viagens mais curtas são descritas no mesmo tom, uma mistura de livro de arte patético com um cardápio cuidadosamente montado. Na viagem de um dia a velocidade aumenta uma enormidade. O russo corre do Europa Center para o kdw, a fim de apreciar os caranguejos de alto-mar. O kdw é qualificado como “maravilhoso” e “especialmente em conta”. Depois, vai até o portão de Brandenburg, descrito como “maravilhoso resto do Muro de Berlim”. É preciso gastar um tempo até na parte leste da cidade. É que os “filés alemães”, que é como os russos chamam as linguças brancas, são também “maravilhosos” no leste e seu sabor é “divino”. Embora o vinho já não seja mais “tão suave como antes da queda do Muro, o que aconteceu faz um bom tempo”. Depois disso, segue-se para o Parlamento, onde o russo pode desfraldar sua bandeira pessoal — seja lá o que o autor possa ter querido dizer com isso.

Agora Sasha tem de inventar algo sobre Potsdamer Platz. Passamos a noite toda sentados na cozinha. Engraçado. Não tivemos nenhuma ideia sobre Potsdamer Platz. “Um pouco de futuro magnífico no coração da cidade velha?”, sugeri, indeciso. Quando estive por lá pela última vez, em meia hora fui abordado três vezes por seguranças. Na primeira vez, o cadarço do meu sapato estava desamarrado, e eu tinha me abaixado para amarrá-lo. No minuto seguinte um guarda estava na minha frente: “O que aconteceu?”. “Muito obrigado, está tudo bem”, respondi e continuei andando. Procurando um banheiro, entrei nesse maravilhoso bloco de moradias e lazer, que estão por todo lado. Imediatamente veio outro guarda: “E aí?”. “Na boa”, respondi, e saí rapidinho. “Visite Potsdamer Platz, o reino dos ricos. Aqui, nos bares e nos cassinos, você conseguirá perder rápido e sem maiores esforços todo o seu dinheirinho duramente ganho.” Foi essa a versão escolhida. Tinha ficado tarde. Saímos e mergulhamos nas profundezas do Prenzlauer Berg, a fim de beber umas e outras.

Mudamos de milênio. Um bom motivo para um recomeço, toda a humanidade anseia por mudanças. Muitos de nossos conhecidos estão à procura de um novo apartamento, novos amigos, novos trabalhos. Martin, o vendedor do *Motz*, já fez uma verdadeira carreira. Depois de ter irritado durante meses os passageiros da linha 2 do metrô com seu “Bom dia, meu nome é Martin, vendo o *Motz*, jornal dos sem-teto, um marco, boa viagem”, ele reapareceu subitamente como uma nova pessoa: “Bom dia, meu nome é Martin, fiscal, sua passagem, por favor”.

Nossa amiga Lena, que estava totalmente insatisfeita com seu trabalho de instrutora de aeróbica, fez um curso de design gráfico. Depois de ter respondido com afinco a inúmeras ofertas de vagas, uma empresa se interessou e marcou uma entrevista com Lena. Ela se preparou totalmente para isso, comprando numa loja especializada em cosméticos, entre outras coisas, novos cílios postiços americanos extralongos e de pelo de marta e uma cola especial, que impede que eles caiam ao piscar. Durante a entrevista, Lena fez os cílios se movimentarem bastante, eles subiam e desciam, mas tudo em vão. O executivo do outro lado da mesa parecia cego e sem sentimentos. Na caneca em sua mão estava escrito “Tudo bobagem”. Ele prometeu vagamente a Lena que ligaria em algum momento. Depois da entrevista, Lena sofreu um ataque de pânico: ela não conseguia mais abrir os olhos direito. Os cílios postiços extralongos de marta tinham se embaraçado, e Lena havia praticamente ficado cega. Mas a história piorou: a cola extraforte, que tinha sido usada para fixar os cílios extralongos, precisava de um solvente extraforte, que só se encontrava no kdw. Lena veio até nós como um espírito da floresta, de olhos fechados. Ela estava acabada. Precisei ir até o kdw para buscar o líquido milagroso. Ela já recuperou a visão totalmente, mas o cara da firma de computação não ligou até agora.

Há pouco tempo eu também estava com um trabalho interessante: “Procuramos um falante de russo para nos dizer dez palavras na sua língua por cem marcos”. A voz masculina ao telefone soava muito séria. “Que palavras serão essas? Tomara que não sejam palavrões”, fiquei matutando no caminho para o estúdio de som na Manteuffelstrasse, onde deveria acontecer a gravação. Lá me explicaram: um cientista polonês tinha inventado um aparelho ginecológico inovador que poderia substituir o ginecologista. E ele pode falar em três línguas: alemão, inglês e russo. Agora, ao aparelho milagroso do século xxi será incorporada a minha voz: “Recipiente cheio”, “Recipiente vazio”, “Atenção, bolha de ar!”.

“Por que o senhor está com a voz tão triste?”, perguntou-me o engenheiro de som, aborrecido. “Eu achei que se tratava de problemas, e é triste quando o recipiente está vazio”, retruquei. “Ah, bobagem! Isso é maravilhoso! ‘O recipiente está vazio’! Isso é fantástico! Você pode ir para casa!”

Foi um trabalho divertido. O engenheiro de som prometeu me chamar novamente para o próximo aparelho. Será uma máquina de acupuntura falante, que, entre outras coisas, deve falar russo com um leve sotaque chinês. Embora a data ainda não esteja certa, pude levar o texto para treinar em casa. Li no metrô. Gostei já da primeira frase: “Vamos conseguir tudo!”, diz a máquina.

O doutor da rádio

Os russos que moram em Berlim não confiam nos médicos alemães. Eles são muito autossuficientes, sabem sempre de tudo, antes mesmo de o paciente entrar no consultório, e para todas as doenças do mundo eles têm o remédio certo em estoque, para todos os problemas do pacientes têm uma solução. Assim não dá! Um médico que agrade aos russos precisa dividir com os pacientes o medo da doença, ouvir todas as histórias sobre suas mulheres, filhos, amigos e pais, e, de preferência, concordar com o diagnóstico que o próprio doente anuncia. Muito importante também: ele precisa saber bem russo, do contrário não vai conseguir perceber a profundidade do sofrimento. Por isso que os russos sempre procuram um médico russo. É fácil encontrá-los, estão em toda a parte.

Em Berlim, há todas as especialidades: dentistas e ginecologistas, radiologistas e psicólogos, dermatologistas e cardiologistas. O mais famoso deles é o chamado doutor da rádio. O homem não tem nada a ver com radiologia, aqui ele cura as pessoas pelo rádio, a cada segunda-feira, às seis e meia da manhã, em seu programa em russo *Os conselhos de um doutor*, na sfb 4, Radio Multikulti. O doutor da rádio é um homem velho que se mudou faz alguns anos de uma pequena cidade ucraniana para Berlim. Nos anos 1960, ele trabalhava num hospital. Aqui, com suas valiosas experiências, ele salva vidas pelo rádio.

Seu programa começa sempre do mesmo jeito: “Muitos de nossos ouvintes se queixam de dores de cabeça constantes. Não sei como isso é explicado hoje, mas lá na Ucrânia, antigamente, havia apenas dois motivos: os homens ficavam com dor de cabeça por causa de bebida ruim, e as mulheres ficavam antes de menstruar”.

O doutor da rádio faz um sucesso enorme entre nós, russos. Ninguém recebe mais ligações e cartas de fãs. A partir destas, ele escolhe os temas de seus próximos programas. Ele sabe de tudo. Explica aos russos o que é possível fazer contra espinhas: “Eles indicam a pomada Clearasil, mas eu ainda me lembro bem que a benzina tem o mesmo efeito. Diesel é melhor — lave o rosto duas ou três vezes por dia com diesel, e as espinhas somem sozinhas”.

Para resfriados, o doutor da rádio indica vodca com pimenta e mel. Ele também sabe como programar o sexo do filho e como se alimentar bem. Um tema caro ao doutor é a assim chamada dieta turca. Ele vive num gueto russo próximo ao Hallesches Tor e está perto do bazar turco.

“Vocês certamente já se perguntaram por que as crianças turcas se parecem muito mais robustas do que as nossas, por que são mais rápidas e por que esbanjam energia. Isso é uma questão de alimentação, o que pode ser comprovado por todos no mercado turco: os turcos se empanturram de um sem-fim de verduras, pouca carne, muitos produtos leves, em outras palavras, uma dieta rica em vitaminas. E nós, russos? Hoje um assado de porco, amanhã um assado de porco. Assim não vamos em frente, camaradas!”

O doutor também é muito querido e respeitado por seus colegas de rádio. Muitos confiam a ele seus segredos mais íntimos, pedem conselhos. Eles sabem: o doutor da rádio ajuda quando todos os outros falham. Há pouco tempo, um homem ligou para a redação. Ele queria falar apenas com o doutor da rádio, que precisou provar ao homem do telefone que era ele mesmo. “Tenho câncer nos ossos, os médicos

alemães querem me tirar a perna. O senhor acha isso necessário, ou talvez haja uma alternativa?”
“Sempre há uma alternativa”, respondeu o doutor da rádio. “Coma ferro!” “O quê?” “Você deve comer ferro. Muito ferro”, repetiu o doutor e pôs, cansado, o fone no gancho. Mais uma vida salva.

Um amigo veio até mim e me perguntou se eu não conhecia por acaso um cirurgião plástico e quanto uma operação dessas poderia custar. Ele queria mudar o rosto. Espantei-me, porque até então Sasha parecia satisfeito com sua aparência. Em vez disso, indiquei-lhe um psiquiatra infantil que eu tinha conhecido por acaso fazia pouco e disse-lhe que a única coisa que ele deveria mudar no seu rosto era a expressão — ela parecia muito trágica. Sasha ficou furioso por eu não levar o problema dele a sério e me contou o que lhe tinham feito.

Sua nova namorada o carregava constantemente para umas festas quaisquer. Certa vez, ela foi convidada para um *ver-nissage*, numa galeria em Mitte. Nesse dia, Sasha teria preferido ficar em casa em frente à tv, para que nada disso tivesse acontecido. O ambiente estava lotado de um público curioso, a atmosfera era de festa. O artista apresentou-se pessoalmente. Todos tomavam vinho e conversavam sobre arte. Os quadros — ou eram fotos?, Sasha não se lembrava mais — reforçavam claramente a homossexualidade do autor: eram paus, centenas de paus, que acenavam amigáveis de todas as paredes. Um pouco alto, Sasha ficou conversando horas com o autor sobre arte, embora ele, como eletricista formado, não tenha noção alguma do assunto. Inebriado pelo vinho, Sasha analisou até um artigo da revista *Focus*, um panorama de arte do ano passado do qual ele tinha lido trechos no cabeleireiro. O artista o ouvia com atenção e dizia algo como: “Você diz coisas muito interessantes”, “Você tem uma visão original” e “Nós precisamos nos conhecer melhor”. Nisso, ele pegou várias vezes entre as pernas de Sasha. No dia seguinte, Sasha tinha se esquecido de tudo.

Um pouco depois, a namorada de Sasha foi até ele quase explodindo de tanto rir. Ela tinha tomado um chocolate com sua amiga no Café Historia na Kollwitzplatz e observou a nova decoração do teto. De repente, ela encontrou no meio da pintura o seu Sasha. Ele estava vestido de Zeus, de peito nu, e olhava cinicamente para cima. A pintura era do artista dos paus, que ganhava o pão de cada dia como pintor de bares. A namorada de Sasha estava convencida de que o artista tinha se apaixonado por Sasha e agora, por intermédio do seu trabalho criativo, tentava sublimar seus sentimentos.

Na semana seguinte, Sasha percorreu todos os bares das redondezas e em todos eles encontrava o seu retrato: num restaurante mexicano, ele se viu como um cacto simpático, de sombrero e com uma garrafa de tequila na mão; a rainha egípcia na parede de um bar da moda poderia ser sua irmã gêmea, e num recém-inaugurado sushi-bar ele era um peixe triste. A semelhança era realmente acachapante. No final, Sasha estava quase paranoico. Ele achava que todas as pessoas o reconheciam e que o apontavam com o dedo: veja, lá está o peixe do sushi-bar. Até o dragão, de pelo menos dez anos, da porta de entrada do restaurante chinês, agora tinha subitamente algo “sashaniano” em sua expressão.

Qualquer outro em seu lugar teria se sentido honrado, mas meu amigo se afundou numa crise profunda. Aconselhei-o a falar abertamente com o artista sobre o problema. No princípio, Sasha não quis, mas depois mudou de ideia. Após uma rodada de negociações marcada por objeções mútuas, os dois homens chegaram a um acordo: nada de outros retratos de Sasha na região de Prenzlauer Berg, Mitte e Friedrichshain.

Recebemos uma boa notícia: Lena, minha antiga conhecida de Moscou, tornou-se condessa de Carli e vive agora num castelo em Roma. Lena sempre tinha sido a prova viva de que com empenho e determinação é possível concretizar qualquer sonho. Durante anos ela procurou companhia no Intourist Hotel, na esperança de encontrar por lá seu príncipe. Ela já estava à procura dele quando a Pretty Woman ainda cursava a escola de atores; ela esperava por ele quando a polícia de Moscou saía toda noite à caça de prostitutas, mas ela não desistiu nem quando todos os outros estavam carecas de saber que nenhum príncipe normal visitaria a Rússia de espontânea vontade. A maioria dos hóspedes do Intourist era de criminosos sexuais ou pessoas que almejavam sê-lo. Lena, entretanto, sobreviveu a todos eles.

Às vezes ela nos contava histórias perversas do seu cotidiano de trabalho. Embora isso já faça mais de dez anos, muitas delas ficaram na memória. Por exemplo, a do sueco com o ovo cozido ou a do japonês com a balalaica e o iugoslavo com a colher de prata. Agora, como já foi dito, Lena está vivendo em Roma e chama-se condessa de Carli. Há um ano, aliás, enviuvou. O velho conde não conseguiu usufruir muito tempo de seu casamento, um ataque cardíaco na banheira o colocou fora do páreo. Sua família, uma das mais mafiosas da Itália, a princípio culpou Lena pelo acidente, porque supostamente ela já tinha sido casada antes com alguém que tinha morrido numa banheira de ataque cardíaco. A família queria vingança e teria acabado com Lena há tempos, se não fosse por Julia, a filha e única herdeira. Dessa forma, Lena pôde permanecer intocável, no castelo, com a filha.

Meu amigo Georg e eu nunca estivemos em Roma, pelo simples fato de que nunca surgiu a oportunidade. Mas visitar Lena, na sua nova qualidade de condessa viúva, era motivo suficiente. Embarcamos num ônibus e partimos. Crescidos na planície de Moscou, de cara enjoamos nas montanhas italianas. Nosso ônibus subia e descia, as duas garrafas de conhaque que levávamos conosco como salvação logo foram esvaziadas. Débeis e bêbados, desembarcamos em Roma. Na neblina da manhã, Georg logo caiu num que parecia ser uma vala num canteiro de obras, mas que depois revelou ser o lugar de uma escavação no Coliseu. Um pouco adiante, jovens albaneses jogavam futebol. Georg queria participar de qualquer maneira, mas os albaneses não acharam a ideia boa. Logo em seguida apareceram alguns vendedores africanos de cami-setas. Eles afirmavam ter escavado a vala eles mesmos durante a noite anterior, a fim de vender melhor suas camisetas com estampas de Michelangelo. De repente, estávamos no meio de um conflito inter-nacional. Georg instalou imediatamente uma conferência de paz. Os albaneses enfim foram espontaneamente para casa, e nós ajudamos os africanos a escolher algumas pedras antigas da galeria. Por agradecimento e como lembrança, eles nos presentearam com duas camisetas de Michelangelo.

Nós nos pusemos à procura do castelo de Lena. Já estava escuro quando o encontramos. Lena ficou imensamente feliz. Cansados da longa viagem, fui primeiro tomar um banho na banheira em que o conde tinha morrido. Em seguida, vesti ainda as roupas dele recém-passadas — havia três armários cheios delas. Lena reclamou de ter de levar uma vida monótona como condessa. Ela não podia abordar homens estranhos. A família do marido havia empregado um guarda-costas especialmente para Lena, que a

deixava longe dos homens. Frustrada, Lena dedicou-se à literatura, e havia um ano ela estava debruçada sobre um romance erótico, no qual queria descrever suas experiências. Tive a honra de ser o primeiro leitor de sua obra ainda incompleta. Li o manuscrito deitado na grande banheira redonda de mármore, enquanto Georg, seminu, colhia tangerinas das árvores no jardim envolto na noite.

O romance tratava de um nobre inglês que se apaixonava por uma pobre moça da aldeia e que a levava para sua ilha no oceano Atlântico. Lá, o inglês passava os dias cavalgando o seu cavalo branco e trazia continuamente rosas para a moça. Aos poucos, os dois se aproximavam. Quando estava ficando interessante, o guarda-costas entrou e expulsou Georg e eu da casa.

Eu conhecia de Moscou quase todos os russos que se estabeleceram nos últimos anos no Prenzlauer Berg. A maioria era artista plástico, músico ou poeta: pessoas que não tinham tido muitos progressos, a assim chamada camada intermediária, sempre apertadas entre a foice e o martelo, um tanto lumpens, mas ainda bem na fita. À noite, frequentemente nos encontrávamos na cozinha de um ou de outro e passávamos a madrugada bebendo e contando histórias, como nos bons e velhos tempos. Todos tínhamos passado por muitas coisas e queríamos ansiosamente dividir nossas aventuras com os outros. Somente Ilona, uma moça de Samarcanda, nunca contava nada. Ela tinha pedido asilo em Saarland e ficava indo e vindo entre Saarbrücken e Berlim, onde cuidava da casa de um russo rico.

Ilona tinha outra característica engraçada: ela nunca tirava o gorro. O cabelo estava cortado sempre bem curtinho, além disso usava uns óculos feios. Uma mulher do tipo pão seco. Ela vinha constantemente a nossas reuniões, ficava sempre sentada num canto, muda. Às vezes, ela também se levantava no meio da conversa e ia até o quarto ao lado, todo escuro. Mas suas particularidades não chamavam tanta atenção porque, de qualquer maneira, todos os presentes à mesa se achavam e achavam os outros um tanto esquisitos. Apesar disso, cada novo convidado perguntava uma vez a Ilona o motivo de ela nunca tirar o gorro. Ela sempre dava uma resposta plausível, que não gerava mais perguntas. Em algum momento, entretanto, descobrimos que ela contava sempre uma história diferente. Para um ela dizia ter tido um acidente de carro e que tinha a cabeça costurada. Para outro, que o cabeleireiro tinha feito um corte medonho. Apenas o pintor Petrov se recusava a cumprimentá-la até ela tirar o gorro. Tem alguma coisa de errado com a moça, ele achava. Nessa noite, rimos da intolerância dele.

Meus amigos Sergei e Irina, um casal de artistas, venderam alguns quadros com sucesso, e eu assinei um contrato no teatro: pela primeira vez tínhamos algum dinheiro sobrando. Queríamos usá-lo para uma boa causa e viajar por alguns dias. Para Amsterdã, se desse, ou pelo menos para Düsseldorf, onde um amigo nosso estava internado num manicômio havia alguns anos. Sergei e Irina tinham dois filhos, Sasha estava com seis naquela época, e Nicole, com três. Tivemos a ideia de contratar Ilona por três dias como babá e ligamos para o russo rico onde ela trabalhava. Ele não se opôs nem ela. Demos um pouco de dinheiro a Ilona e partimos. A viagem transcorria sem problemas, e nosso amigo em Düsseldorf também já estava bem melhor. Ele não era mais perseguido por filhos de Hitler, e nós o levamos para Amsterdã. No meio do caminho, Sergei ligou várias vezes para casa. Ninguém atendia. Meu palpite de que Ilona estivesse fora com as crianças nessas horas não acalmou os jovens pais. Voltamos o mais rápido possível. Em casa, encontramos um apartamento arrumado e crianças alegres e vivazes, mas Ilona não estava em lugar nenhum. Sergei chegou à conclusão de que Ilona tinha dividido a cama com as crianças, embora nos outros quartos houvesse mais dois sofás grandes. “Por que isso?”, perguntamos a Sasha. “Nós recebemos visitas!”, ele disse todo orgulhoso. Logo depois que nós saímos, o menino disse, chegaram dez homens em dois ônibus, todos amigos de Ilona. Ela queria surpreender seus conhecidos e escondeu-se atrás de uma cortina. Mas Sasha ajudou os homens a encontrá-la. Todos os convidados carregaram pesadas caixas para dentro do apartamento. Lá havia ferramentas especiais. Eles usaram

essas ferramentas para desmontar Ilona e tirar um rato branco morto de dentro da cabeça dela. Em seguida, eles a montaram, comeram na cozinha e foram embora. Foi Sasha quem nos contou tudo isso. Os pais deles olhavam-no incrédulos. Eu olhava pela janela. No pátio, um gato brincava com um rato morto. A história começava a fazer sentido.

Sergei ligou para o russo rico e perguntou-lhe se Ilona já tinha tirado o gorro na casa dele. “Não, nunca.” “Nem pra dormir?” “Nem pra dormir.” Isso não parecia estranho para ele? “Não muito.” “Eu não estou nem um pouco zangado com Ilona”, disse Sergei ao telefone. “Se ela aparecer, diga a ela, por favor, para dar um pulinho aqui e mostrar a cabeça. Senão vou achá-la e ver eu mesmo os ratos na cabeça dela. Não tenho uma ferramenta especial, mas um machado também serve”, disse ele e desligou.

Esperamos o dia inteiro, mas Ilona não veio. Finalmente ela deu as caras no emprego. Conosco, entretanto, ela não queria conversa e ficou subitamente muito agressiva. Quando Sergei ameaçou arrancar-lhe o gorro da cabeça, ela finalmente nos contou a verdade: depois de seu pedido de asilo ter sido rejeitado em Saarland, um instituto de medicina tinha proposto a ela um acordo. Ela deveria colocar seu corpo à disposição para uns experimentos quaisquer e, em troca, o instituto iria ocupar-se de conseguir um visto de permanência para ela. Primeiro ela concordou. Em seguida, implantaram-lhe algumas coisas de medir e gravar na sua cabeça, e ela ainda recebeu uns remédios. Depois de algum tempo, ficou com medo e fugiu da clínica. Os homens no apartamento, de acordo com Ilona, eram os médicos de Saarland, que queriam seus valiosos aparelhos de volta. O diabo do gorro ela não tirou mesmo assim, e ninguém mais fez questão disso.

Minha colega, a jornalista Helena, tem um emprego perigoso. Contratada por um jornal russo de Berlim, ela assina toda semana a coluna “Pessoas Interessantes em Berlim”. Helena fica o tempo todo andando pela cidade, a fim de fisgar os “russos mais interessantes” das águas turvas de Berlim. O “mais interessante” nesses russos é que eles invariavelmente se apaixonam por Helena depois da primeira entrevista e não a deixam mais em paz. A jovem jornalista, porém, só se interessa profissionalmente pelos “interessantes”; em sua vida privada ela prefere os caras mais sossegados, que estão com os dois pés na realidade. “Todos esses ‘interessantes’ têm algum parafuso a menos”, ela se queixa com frequência, “mas é isso o que provavelmente os torna interessantes.”

Faz pouco Helena estava às voltas de novo com um caso ótimo, o senhor Brukow. Ele leciona uma disciplina que ele mesmo descobriu na escola aberta de Friedrichshain. Seu curso se chama “Caminho de Castañeda”. Segundo indicação do professor, esse caminho é composto de três partes: a primeira baseia-se em suas experiências com artes marciais, que ele aprendeu numa unidade especial do Ministério do Interior soviético em Magadan; a segunda tem alguma relação com o zen-ioga, e a terceira é o ensinamento da história de vida de Carlos Castañeda. Depois de Helena ter marcado uma entrevista com o senhor Brukow, o professor pirou totalmente. Durante muitos dias ele ficou espionando o apartamento dela no Prenzlauer Berg, aparentemente para proteger Helena de espíritos malignos — ou seja, outros russos interessantes. Além disso, ele queria aplicar-lhe sem falta uma massagem, porque, na opinião dele, ela se movimentava de modo totalmente errado. Mas teve uma ideia melhor: Brukow fez questão de ler seu romance para Helena, do tamanho de um tijolo e com um título imenso: *Romance histórico-esotérico da vida extracorpórea*. “O senhor é sem dúvida uma pessoa muito, muito interessante”, disse Helena para ele, “e eu gostaria de conversar mais vezes sobre os problemas da vida extracorpórea. Mas se tocar mais uma vez na minha barriga nunca mais vou escrever nada sobre o senhor.”

Outro “russo interessante”, um autêntico pintor de Karaganda, segue Helena faz um ano como uma sombra. Ela também escreveu um artigo sobre ele intitulado “A solidão do artista”. Agora ele até já pintou a caixa de correio dela com flores e deixou no muro defronte do prédio mensagens com letras garrafais e sentido dúbio.

E há ainda Goldmann, o famoso criador de cachorros de Alma Ata, que quase a matou de susto certa noite no corredor do prédio dela, porque queria fazer uma surpresa para Helena com uma nova raça de cães que ele estava criando. Da mesma forma que o filatelista Minin, uma personalidade no mundo dos selos, quando quis presenteá-la com um selo valiosíssimo, cuja estampa era um crânio. “Por que são exatamente as pessoas interessantes que causam tantas dificuldades?”, Helena se espanta. Desde que o horrível cachorro de uma raça indefinida avançou sobre ela no corredor, ela não consegue mais dormir em paz. O Castañeda de Höhenschönhausen também está preocupando a moça. Ela já recebeu seis fax dele, nos quais avisa que finalmente vai fazer o caminho do guerreiro. Helena se sente sufocada pelos “russos interessantes”. A jornalista está até pensando em deixar a coluna no jornal ou em renomeá-la para “Os russos monótonos de Berlim”. Tento demovê-la dessa ideia, pois isso seria uma catástrofe para as

“pessoas interessantes”. Afinal, mais que ninguém elas dependem do apoio da mídia.

O que a moderna ciência natural tem a nos oferecer? “Descubra a capacidade do x...” Com relação a isso, eu só posso dizer: “Descubra você mesmo e bom proveito!”. Faz pouco tempo, topei na sala de espera do médico com uma matéria de três páginas na revista *Brigitte* sobre mecânica quântica. A autora afirmava que, de acordo com a mecânica quântica, o tempo não existe. Isso não é uma mensagem boa, principalmente se alguém já está há duas horas esperando o médico e fica cada vez mais doente. Não quero nada com o mundo frio da física. Prefiro continuar aprendendo alemão em casa. Na cama.

Há anos que estudo diariamente meu livro didático *Deutsches Deutsch zum Selberlernen* [Alemão da Alemanha para autodidatas], de 1991. Um consolo para a alma e o corpo. O prefácio, entretanto, pode amedrontar alguns, pois lá descreve quão medonhamente complicada é essa língua: “No alemão, ‘a jovem garota’ não tem gênero; a batata, por sua vez, tem gênero. ‘Os peitos’ é masculino, e todos os substantivos começam com maiúscula”, queixam-se os russos. E daí? Para mim, pouco importa. Eu já estudo faz oito anos meu *Deutsches Deutsch zum Selberlernen* e devo ainda continuar por mais trinta anos. No *Deutsches Deutsch* abre-se um novo mundo, um mundo sagrado. Pois as pessoas que aparecem no livro didático passam maravilhosamente bem, levam uma vida harmoniosa, feliz, impossível em qualquer outro livro desses: “O companheiro Petrov é um trabalhador em fazendas coletivas. Ele é membro da Juventude Comunista. Tem três irmãos e uma irmã. Todos membros da Juventude Comunista. O companheiro Petrov mora no térreo. O apartamento é grande e iluminado. O companheiro Petrov aprende alemão. Esse trabalho é duro, mas interessante. Ele acorda pontualmente às sete da manhã. Ele sempre almoça na cantina. O tempo sempre está bom. O filme sempre é bom. Você vem? É claro que eu vou. Você está doente. Nós tomamos chá. É agradável passear no bosque. Nós queremos a paz. Nós somos contrários à guerra. Levem estes livros para seus filhos!”.

Se eu estudo o livro por um tempo longo demais, o companheiro Petrov me parece quase inverossímil. Então deixo o livro de lado e estudo, para variar, o *Deutsch 2 für Ausländer* [Alemão 2 para estrangeiros], um livro didático de alemão do Instituto Herder, de Leipzig, 1990: “A Fichtelberg é a maior montanha da Alemanha Ocidental. Tem 1.214 metros. Apesar de emigração, doenças, necessidade e perigo, Karl Marx foi um homem feliz, porque ele...”. Aos poucos, caio no sono. Sonho com Karl Marx. Bem cedo, eu e o companheiro Petrov estamos na montanha Fichtelberg. O tempo está bom, com boa visibilidade. O sol aparece mas logo desaparece novamente, os flamingos rumam devagar para o sul. Conversamos em alemão. “Eu tenho um belo apartamento”, diz Karl Marx. “Ele é grande e iluminado. Eu sou feliz.”

“Eu também”, diz o companheiro Petrov.

“E eu também”, murmuro para mim mesmo.

Uma grande onda de nacionalizações está batendo à porta. Em breve, muitos estrangeiros serão filiados ao clube “Alemanha”, isso se acreditarmos nos jornais. Muitos de meus compatriotas também brincam com a ideia de trocar seu passaporte de estrangeiros e tornarem-se cidadãos alemães de verdade. As regras de admissão são conhecidas: é preciso preencher alguns formulários, apresentar alguns atestados — mas atenção! Como em todo clube grande, existem também armadilhas ocultas e dubiedades. Muitos russos, que vivem aqui já faz muito tempo, ainda conseguem se lembrar bem de como era a filiação no partido. Parecia ser bem simples: todo aquele que era candidato por dois anos e que tivesse trabalhado duro poderia filiar-se. Mas apenas a minoria conseguiu. Meu pai, por exemplo, tentou por três vezes na União Soviética entrar no partido, sempre em vão. Agora ele quer se naturalizar alemão. Ele vive aqui faz oito anos, e dessa vez não quer perder a chance por ignorância. Os russos espertos também já descobriram o decisivo na naturalização: o novo e secreto teste de línguas para estrangeiros, que acabou de ser implantado em Berlim. Por meio dele, o poder público quer avaliar quem pode ou não ser alemão. O documento ainda é mantido em sigilo, mas alguns trechos já foram reproduzidos nas páginas do maior jornal russo de Berlim.

Meu pai imediatamente copiou à mão esses trechos, a fim de estudá-los a fundo. Pois toda criança deve saber que no teste de línguas vale menos os conhecimentos da língua do que o modo de vida do futuro cidadão alemão. O teste apresenta diversas situações e coloca algumas perguntas. Para cada pergunta há três respostas possíveis. A partir daí é montado o perfil psicológico dos candidatos.

Variante i: Seu vizinho sempre escuta música com volume alto à noite. Você não consegue dormir. Você discute o problema com seu cônjuge e pensa no que pode fazer.

Por que a música o incomoda?

Há outros problemas além desse com o vizinho?

Quais são suas sugestões para resolver o problema?

E são apresentadas três respostas, *a*, *b* e *c*. A *c* diz “Você espanca o vizinho”. Meu pai ri dessa alternativa. Ele não se deixa enganar tão fácil assim.

Variante ii: A liquidação de inverno (ou a liquidação de verão) acabou de começar. Você combina com seu cônjuge um passeio pelas lojas.

Quando e onde vocês se encontram?

O que querem comprar?

Por que vocês querem comprar exatamente isso?

Meu pai não é bobo. Ele já sabe exatamente o que o alemão quer comprar e por quê.

Mas a terceira variante o preocupa bastante, visto que ele não consegue ler nas entrelinhas.

Variante iii: “Não entre na água de barriga cheia, é perigoso”, as crianças escutam isso muitas vezes de seus pais. Quem acabou de se alimentar não deveria exigir muito de seu corpo. Mas ninguém precisa ter medo de se afogar pelo fato de o corpo enfraquecer de repente.

Você gosta de nadar?

Você apresenta algum problema de saúde depois de nadar?

O que você come no café da manhã?

Meu pai me mostrou esse texto e perguntou o que eu achava que os alemães queriam dizer com aquilo. “Ai, ai”, pensei, “isso é uma coisa realmente complicada.” Tentei decifrar a variante iii durante a noite toda. Depois, fui falar com meu amigo Helmut, que é tido na nossa família como especialista em assuntos de Alemanha. Mas nem mesmo ele conseguiu entender o texto direito. Estou com um pressentimento de que meu pai não vai passar no teste de línguas.

Onde moramos, na Schönhauser Allee com a Bornholmer Strasse, aparecem buracos novos e cada vez maiores todas as noites. Eles são escavados pelos vietnamitas, que elegeram a esquina como ponto para o comércio de cigarros. Acredito, desde então, que os vi várias vezes por ali, de madrugada, carregando pás: dois homens e uma mulher muito simpática, que faz anos tem um papel de destaque no comércio dessa esquina. “Por que os vietnamitas escavam? Será que estão arranjando novos lugares para estocar suas mercadorias?”, pensei durante meu caminho até a regional e o senhor Kugler. O assunto era novamente o pedido de naturalização, já pela terceira vez. Que chatice! A primeira vez deu quase tudo certo, eu estava com todas as fotocópias, minha situação financeira estava ajeitada, todos os lugares onde estive e por quanto tempo, desde meu nascimento, estavam listados, as taxas que somavam quinhentos marcos foram pagas e todos os filhos, mulheres e pais estavam relacionados. Conversei durante duas horas com o senhor Kugler sobre o sentido de viver na Alemanha Ocidental, mas depois falhei na simples tarefa de escrever à mão um currículo, que devia ser não convencional, curto e sincero. Peguei uma pilha de papel, uma caneta e fui para o corredor. Depois de cerca de uma hora, eu tinha enchido cinco folhas, e ainda estava no jardim de infância. “Não é nada fácil montar um currículo à mão”, disse para mim mesmo e recomecei. No final, tinha três versões, todas interessantes de ler, mas que chegavam, no melhor dos casos, até meu primeiro casamento. Insatisfeito comigo mesmo, fui para casa. Lá tentei entender a diferença entre um romance e um currículo não convencional escrito à mão.

Na vez seguinte, falhei por outro problema. Eu deveria anotar dentro de um quadrado de tamanho médio os motivos para meu “ingresso na Alemanha”. Pus minha cabeça para funcionar, mas não achei nenhum motivo. Vim para a Alemanha em 1990 absolutamente sem motivo. À noite, perguntei para minha mulher, que sempre sabe o motivo de tudo: “Por que viemos para a Alemanha?”. Ela achou que viemos por farra, para ver como era. Mas não seguiríamos em frente com formulações assim. O funcionário pensaria que estávamos entrando com o pedido de naturalização também por farra e não por... “Mas por que mesmo estamos pedindo a naturalização?”, eu queria perguntar para a minha mulher, mas ela já tinha ido para a autoescola, a fim de amedrontar algumas senhoras que estavam nas ruas e enlouquecer instrutor após instrutor. Minha mulher tem um estilo de dirigir não convencional. Mas essa é outra história.

Então, eu escrevi cautelosamente “curiosidade” como o motivo de nosso ingresso na Alemanha, o que me soava mais responsável do que “farra”. Em seguida, copieei à mão meu currículo da tela do computador. Juntei tudo numa pasta e voltei no dia seguinte ao senhor Kugler. Ainda era muito cedo e estava escuro, mas eu queria ser o primeiro de qualquer jeito, porque o funcionário do Cartório de Registro Civil não aguenta mais de um estrangeiro por dia. Então vi os vietnamitas: eles estavam escavando de novo! Cheguei mais perto. Dois homens, de expressão frustrada, estavam no meio de um grande buraco, a mulher estava ao lado e xingava os dois em vietnamês. Os homens pouco se defendiam. Eu olhei a escavação. Só tinha água dentro. De repente descobri o que estava acontecendo: os vietnamitas tinham esquecido onde enterraram seus cigarros e agora os procuravam por toda parte. Em

vão.

Bateu um pé de vento, meus papéis caíram da pasta e aterrissaram na escavação: o currículo escrito à mão com tanto cuidado, todos os motivos para a minha naturalização, o grande questionário sobre minha vida financeira — tudo voou em direção ao buraco cheio d'água. Acho que nunca vou conseguir a naturalização. Mas por que mesmo?

[1] Esta história é uma verdadeira lenda em Berlim. As gigantescas vitrines das Galeries Lafayette desabaram de forma espontânea e misteriosa, aparentemente por causa de seu peso. (N. T.)

[2] *Schadenfreude*, palavra alemã que significa “o prazer que se tem em ver a desgraça alheia”. Note-se que em alemão os substantivos começam com maiúsculas, o que não ocorre no inglês. (N. T.)